

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

CLARITA MARIA TORQUATO

IDENTIDADES EM TRANSIÇÃO: DA DOCÊNCIA À GESTÃO!

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral

**CRICIÚMA
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

T687i Torquato, Clarita Maria.

Identities in transition : from teaching to management! / Clarita Maria Torquato. - 2019.
134 p. ; il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2019.
Orientação: Gladir da Silva Cabral.

1. Professoras - Narrativas pessoais. 2. Cruz, Vera Maria Silvestre - Narrativas pessoais. 3. Mayr, Rose Margareth Reynaud - Narrativas pessoais. 4. Memórias. 5. Identidade cultural. 6. Trajetória profissional. I. Título.

CDD. 22. ed. 371.1

CLARITA MARIA TORQUATO

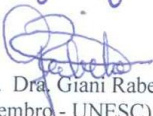
IDENTIDADES EM TRANSIÇÃO: DA DOCÊNCIA À GESTÃO!


Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.


Criciúma, 06 de março de 2020.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Glauber da Silva Cabral
(Orientador - UNESC)


Prof. Dra. Giani Rabelo
(Membro - UNESC)


Prof. Dr. Vidalcir Ortigara
Coordenador do PPGE-UNESC


Prof. Dr. Gutemberg Alves Geraldes
Júnior (Membro - SATC)


Prof. Dr. Carlos Renato Carola
(Membro - UNESC)


Clarita Maria Torquato
Mestranda

Dedico este trabalho à Simone
Walter Joaquim Torquato (in
memoriam).

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que descreve meus sentimentos em relação a este trabalho. Muito obrigada meu Deus por tudo!

Agradeço à Simone (in memoriam). Sua partida foi o motivo de eu fazer uma disciplina isolada e, assim, iniciar no programa.

Agradeço à minha família, pai, irmã e irmãos, por entenderem e me apoiarem incondicionalmente.

Ao meu filho Juliano, meu bem maior.

Ao Milton, meu companheiro, namorado, amigo e parceiro.

À Rose Meri Nietto, que me ajudou de todas as formas possíveis com materiais, livros, trocas, apoio, com escutas, com amizade! Obrigada, querida! E a todos os colegas do mestrado.

Aos colegas de trabalho do DDH – UNESC pelo incentivo e apoio.

Aos professores do programa por todo o ensinamento!

Às ordinárias Claudia, Cléo, Geórgia e Izamara, por tantas faltas em encontros... Amo vocês, meninas!

À Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, Carina Fernandes, Jadna de Farias do Nascimento. Obrigada meninas! Vocês me fizeram continuar!

Ao professor Carola e à professora Giani, por toda a orientação! Muito obrigada!

Ao professor Gladir, meu orientador, por não desistir de mim, por tantas orientações, pelos direcionamentos, pelas correções, pela paciência... Você é especial, professor! Muita gratidão!

Agradeço especialmente ao meu irmão Joaquim Torquato, que leu, revisou, fez observações e deu todo o suporte que precisei. Te amo, irmão!

E por último agradeço a todas as pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho.

“Não cheguei aonde planejei ir.
Cheguei, sem querer, aonde meu
coração queria chegar, sem que eu
o soubesse.”

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho pretendeu conhecer, por meio de suas narrativas de vida, a trajetória profissional de duas professoras da região do extremo sul catarinense que passaram por um processo de transição entre a identidade docente e a atuação na gestão da educação. Para tanto, foram realizadas entrevistas de narrativa livre, que foram gravadas e posteriormente transcritas e analisadas. Sendo uma pesquisa de cunho qualitativo, estabeleceu-se o seguinte objetivo geral: compreender como ocorreu a trajetória profissional das professoras pesquisadas durante a transição da atividade docente para a atuação na gestão da educação, a partir dos relatos de suas memórias. Para atingir os objetivos propostos, os principais conceitos e autores teóricos utilizados neste trabalho foram os conceitos de memória e identidade cultural, sendo utilizados os autores Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Ecléa Bosi, Scarsi e Graziottin, Clarícia Otto e António Nóvoa. Verificou-se que a transição entre gestão e docência, para essas professoras, foi considerada uma experiência não planejada e, segundo elas, natural. Ambas entendem que a atividade de professora e gestora se complementam e se interconectam. Com os resultados desta pesquisa, espera-se revelar um pouco mais da história da educação do município de Criciúma e deixar um registro da trajetória de profissionais da educação que tiveram ou ainda têm grande influência no pensar sobre a educação na região.

Palavras-chave: Memória; Identidade; Trajetória Docente.

ABSTRACT

This work aims at understanding the professional trajectory of two teachers from the extreme south of Santa Catarina, in the transition between their teaching activities and their performance in the education management, based on their life narratives. Therefore, free narrative interviews were conducted, recorded, and later transcribed and analyzed. This is a qualitative research that has the following general objective: to understand how the professional trajectory of the teachers interviewed occurred in the transition between their teaching identity into the practice in management education, based on their memories. In order to achieve these objectives, I used the main concepts of memory and cultural identity, referring to authors such as Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Ecléa Bosi, Scarsi and Graziottin, Clarícia Otto, and António Nóvoa. It was found that the transition between management and teaching, in these teachers' experience, was smooth and natural. Both understand that the activities of teachers or managers are complementary and interconnected. With the results of this research, I hope to reveal a little more about the history of education in the city of Criciúma, as well as have sharing a record of the professional career of these educators who had or still have such a great influence on the reflection about education in the region and municipality of Criciúma.

Keywords: Memory; Identity; Teaching Trajectory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Foto de formatura da graduação em Pedagogia da professora Vera (1973).....	66
Figura 3: Carta de uma ex-aluna para a professora Vera.....	89
Figura 4: Planta que sobreviveu ao incêndio e virou símbolo de resistência.....	110
Figura 5: Viga da prefeitura municipal de Criciúma na Secretaria de Educação pós-incêndio.....	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA	32
2 SOBRE O CONCEITO DE IDENTIDADE CULTURAL	43
3 O PERCURSO METODOLÓGICO	55
4 IDENTIDADES EM TRANSIÇÃO.....	64
4.1 AS MEMÓRIAS DA PROFESSORA VERA MARIA SILVESTRE CRUZ	64
4.1.1 Lembranças da professora que foi.....	69
4.1.2 A trajetória da professora	73
4.1.3 A transição da docência para a gestão da educação: trajetória planejada ou acidental	75
4.1.4 Lembranças e trajetória da gestora.....	78
4.1.5 As mudanças durante o percurso.....	82
4.1.6 Os principais desafios enfrentados na trajetória.....	83
4.1.7 Contribuições da experiência como professora para a gestora	86
4.1.8 A Realização profissional docente.....	88
4.1.9 Sobre mudanças na atuação	90
4.2 AS MEMÓRIAS DA PROFESSORA ROSE MARGARETH REYNAUD MAYR	91
4.2.1 Lembranças da professora que foi.....	96
4.2.2 A trajetória da professora	99
4.2.3 A transição da docência para a gestão da educação: trajetória planejada ou acidental	101
4.2.4 Lembranças e Trajetória da Gestora	104
4.2.5 As mudanças durante o percurso.....	105

4.2.6 Os principais desafios enfrentados na trajetória.....	106
4.2.7 Contribuições da experiência como professora para a gestora	112
4.2.8 A Realização profissional docente	115
4.2.9 Sobre mudanças na atuação.....	116
4.3 SOBRE AS MEMÓRIAS REVIVIDAS.....	119
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS.....	129
APÊNDICE.....	133
APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO	134

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa está ligado ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), na linha de pesquisa Educação, Linguagem e Memória, e tem como tema a identidade e a memória na transição da docência para a gestão, na trajetória profissional docente de professoras da cidade de Criciúma.

O interesse pelo tema foi um reflexo de um dos meus prazeres, que é ouvir histórias de pessoas, e também aflorou quando fui convidada para fazer a revisão do livro **Topofilia em uma comunidade tradicional: o pulsar da vida das mulheres de Ibiraquera na percepção da psicologia ambiental**, de Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, no qual ela narra as histórias daquelas mulheres, mostrando os modos de viver e acontecimentos passados lembrados pela memória. Por isso, quando o meu orientador sugeriu narrativa de vida de professores para composição do trabalho, eu aderi à ideia, principalmente pelo fato de poder ouvir professores que construíram sua trajetória profissional docente na região do extremo sul catarinense.

Outro fator que contribuiu para a escolha é que, apesar de minha formação ser na área de Licenciatura em Letras, de ter uma formação para atuar como professor, somente durante o estágio da graduação é que pude atuar nesta profissão. Quando fiz a graduação, já atuava em área administrativa em uma instituição de ensino superior e, por escolha, decidi continuar trabalhando na área administrativa, apesar de meus olhos brilharem ao conversar com professores sobre sua atuação, formação; atividades que me pareciam e parecem de grande compromisso e responsabilidade, tendo em vista que se trata de formação humana e à formação de cidadão participante e ativo no mundo.

Desde pequenos, meu irmão e eu queríamos ser professores, adorávamos ler e gostávamos de Língua Portuguesa, isso que ainda nem sabíamos que existia uma formação específica, pois nossos pais não tinham estudado além do primário e nos concediam aquilo que tinham: a vontade de que construíssemos um futuro diferente do deles, por meio da educação. Ambos fizemos Letras. Neste percurso, tive e venho tendo professores inspiradores e comprometidos com o seu fazer e com o profissional que estão formando. Por isso, também existe o fascínio que esta profissão, enquanto trajetória, proporciona a mim.

Recentemente, enquanto atendia a uma professora no trabalho, um colega passou e disse: “Oi, professora! Você foi minha professora no Cedup”, e ela sem lembrar perguntou: “Qual turma?” E assim foram relembando por meio das memórias, qual era a turma, o curso, o ano etc. E eu, encantada com a situação, perguntei à professora se tinha noção de para quantos alunos havia ministrado disciplinas, e ela respondeu que não tinha ideia, está há mais de trinta anos lecionando disciplinas, mas sabe que já deu aula para filhos de seus alunos e talvez até netos. Disse ainda que é muito difícil recordar de todos. Às vezes, alguém a encontra na rua e diz: “Oi, professora” e ela não sabe quem é. Algumas vezes pergunta, outras não, “quem é você? Quando te dei aula?”, esse tipo de coisa. Isso me parece reverberar o que, certa vez, Bosi (2001, p. 414) comentou:

o grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado. Quando o grupo é efêmero e logo se dispersa, como uma classe para o professor, é difícil reter o caráter e a fisionomia de cada aluno. Para os alunos as lembranças são mais sólidas, pois tais fisionomias e caracteres são sua convivência de anos a fio.

A situação vivenciada me fez refletir sobre quantas vidas humanas são tocadas por um professor em sua trajetória docente? Quantas pessoas pode ter inspirado? Quantas pode ter ajudado a escolher a profissão? Ou quantos pode ter tornado reflexivo e cidadão? A profissão docente tem essa característica que é a de tocar no ser humano de um modo transformador – ninguém sai igual após uma aula. Sempre se aprende, com ela, alguma coisa. Ambos são transformados: aluno e professor! Por isso, a trajetória de um professor é muito interessante e construtiva. E com certeza fui tocada nesta escuta e pesquisa.

Após escolher o tema, surgiu então a necessidade de formular o problema da pesquisa, tendo em vista o interesse pessoal manifesto e a linha de pesquisa do PPGE, ficando proposto da seguinte maneira: Como transcorreu a trajetória profissional das professoras pesquisadas na transição entre a identidade docente e a atuação na gestão da educação? A questão da especificidade da identidade profissional dos professores e o modo como suas identidades são construídas na história,

nas relações pessoais e dentro dos espaços institucionais escolares tem se constituído em grande foco de interesse para mim.

Este trabalho pressupõe o entendimento de que a profissão docente exige habilidades de flexibilidade e resiliência, tendo em vista que esse profissional, muitas vezes, atua em diferentes escolas, cargos e funções da educação, exercendo essa função juntamente com diferentes pessoas – pais, alunos, gestores, secretários de educação, prefeitos, sindicatos e outros. Com essa diversidade, o professor precisa lidar com uma série de informações e registros de sua atuação, desafio que nem sempre é de fácil execução.

A sociedade tem privilegiado uma formação profissional (educação) voltada para o mercado de trabalho e que deixa de lado alguns fatores, que são considerados menos importantes. Nesse sentido, o papel da escola e do professor é fundamental para uma tomada de posição crítica em relação ao que está acontecendo e para a constituição de uma identidade autônoma, ou seja, a construção de si a partir da compreensão do mundo em que se vive, a constatação das diferenças, pois o ser humano está sempre mudando, tornando-se outro, aprendendo e se constituindo como sujeito no mundo e na sociedade.

Sabe-se que cada indivíduo é único e se constrói a partir de suas próprias vivências e inferências, diante disso é importante dar voz aos professores. Ouvir a voz dos professores é interessante para compreender sua percepção do contexto, de sua realidade vivida e sua atuação nesse percurso, tendo como fonte de informação suas memórias, bem como alguns objetos que auxiliam na evocação da memória ou outras fontes, como currículos por exemplo.

Justifica-se, portanto, este trabalho pela relevância de um pensar crítico sobre a história recente de professores na cidade de Criciúma e da região sul de Santa Catarina ao revelarem parte da construção da história da nossa região. Além da preservação da memória dos educadores da nossa região, o trabalho possibilita refletir sobre a constituição da identidade profissional de professores, como ela se dá no contexto de uma narrativa autêntica de pessoas que vivenciaram a experiência de lecionar e também de gerir a educação, conforme se demonstra na narrativa das professoras pesquisadas, Rose Margareth Reynaud Mayr e Vera Maria Silvestre Cruz.

A fim de realizar a presente pesquisa, foi estabelecido o seguinte objetivo geral: compreender como ocorreu a trajetória profissional das professoras pesquisadas na transição entre a identidade docente e a

atuação na gestão da educação, a partir dos relatos de suas memórias. Esse objetivo geral desdobrou-se nos objetivos específicos a seguir:

1. verificar, a partir dos relatos, se a experiência como professora contribuiu para a atuação na gestão em educação;
2. entender, a partir do olhar do gestor, como ocorreu a mudança da identidade;
3. analisar objetos de evocação de memória eventualmente utilizados nas entrevistas;
4. comparar e contrastar os depoimentos em busca de similaridades e diferenças.

Para tanto, os principais conceitos utilizados neste trabalho foram os conceitos de: a) memória, b) identidade cultural e c) objetos evocadores da memória. Os autores teóricos utilizados como referência para a análise dos dados são Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Ecléa Bosi, Scarsi e Graziottin, Clarícia Otto e António Nóvoa, além do uso de outros autores para comentar aspectos específicos da análise.

Esta pesquisa é de cunho qualitativo e teve como instrumentos: as entrevistas gravadas e os objetos evocadores de memória. Tais objetos tiveram como função estimular o exercício da memória e a colaboração dos professores entrevistados no sentido de, a partir desses objetos, retomar e recriar eventos marcantes de suas histórias de vida.

A princípio, um dos nomes que surgiu como sujeito desta pesquisa foi o da professora Derlei Catarina de Luca, que se tornou conhecida por sua trajetória de militância política, prisão, exílio e pela luta para encontrar os desaparecidos políticos dos anos 1970. Ela inclusive publicou livros que narram essa trajetória e mostram sua percepção do que foi aquele período para quem estava na contramão do regime militar. Contudo, ela faleceu no percurso destes estudos e, por isso, não foi possível realizar a pesquisa dentro daqueles moldes, sendo necessário tomar um rumo diferente.

Derlei Catarina de Luca nasceu em Içara (SC) em setembro de 1946 e faleceu em 18 de novembro de 2017. Ela

Publicou os livros **Os Jasmins do Jardim de Paolo** (2000), **À sombra da Figueira** (2006), **No corpo e na alma** (2002), **Além da Lenda** (2011) e **Içara: história e geografia** (2008). Graduada em História pela Universidade do Oriente, Faculdade e Universidade de Santiago, em Santiago de Cuba, Province, Cuba, atuou como

professora durante muitos anos e na Comissão da Verdade em Santa Catarina até o seu falecimento em 2017. (TORQUATO; CABRAL, 2018, p. 15).

Conforta saber que a memória da professora Derlei já está registrada em vários trabalhos de pesquisa, tais como: a dissertação de mestrado de Heloísia Nunes dos Santos, que narrou a história da professora Derlei Catarina de Luca, intitulada **Memórias Militantes: Narrativas Autobiográficas de Militantes da Ação Popular**, dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina em 2017, orientada pela professora Dr^a. Joana Maria Pedro.

Outra dissertação sobre a professora Derlei, é a apresentada por Débora Ataíde Reis, **Memória(s) Militante(s): Narrativas Autobiográficas e Imagens de Resistência em Derlei Catarina De Luca (1966-1973)**, de 2015, orientada pela professora Dra. Lucileide Costa Cardoso, na Universidade Federal Da Bahia-UFBA.

Musa Santos também escreveu na **Revista Santa Catarina em História**, UFSC, em 2014, “Militância clandestina e relações de gênero”; e Samira Peruchi Moretto escreveu “Derlei Catarina de Luca: ‘Poderia ter uma vida simples, como professora, mas não era esse o meu destino...’”, ainda na **Revista Santa Catarina em História**, da UFSC, em 2017. “Histórias & Militâncias: trajetória de Derlei Catarina de Luca” também foi publicado por Heloísia Nunes dos Santos na revista - **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, em 2018. Por meio desses diversos trabalhos que tratam da história dessa professora, a memória de Derlei vai sendo lembrada por sua trajetória profissional de educadora e militante.

Dessa forma, foram escolhidos três sujeitos para esta pesquisa, estabelecendo como critério o relato de professoras que tivessem atuado na escola pública, no ensino superior da Unesc, e que tivessem atuado de alguma forma na gestão e no cenário político da região. Contudo, no decorrer da pesquisa, ocorreu mais um imprevisto e não conseguimos contatar uma das professoras. Por esse motivo, foram escolhidos dois nomes para o presente trabalho, professoras que atuaram de forma relevante no município de Criciúma e que aceitaram participar desta pesquisa, que são: professora mestra Rose Margareth Reynaud Mayr e professora mestra Vera Maria Silvestre Cruz. Foram entrevistadas essas duas professoras já aposentadas que passaram por instituições escolares e ajudaram a construir a história da educação no município de Criciúma

e região sul do estado de Santa Catarina. Elas têm suas histórias de docência e gestão, tanto em instituições públicas quanto particulares.

Vera Maria Silvestre Cruz nasceu em 13 de janeiro de 1947 e possui graduação em Pedagogia pela Fundação Educacional de Criciúma (FUCRI) e especialização em Fundamentos da Educação, Metodologia do Ensino Superior, Teoria Administrativa e mestrado em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina com a dissertação **Avaliação da aprendizagem: Manifestações sobre a prática pedagógica e o discurso de novas possibilidades.**

Foi professora na Escola Técnica General Osvaldo Pinto da Veiga (SATC) e no Colégio Madre Teresa Michel, atuando como coordenadora pedagógica geral. Na Secretaria de Educação e Cultura (SEC), atuou como professora, prestando serviços técnicos especializados de orientação educacional e ensino de 1ª a 4ª série, na Unidade de Coordenação Regional 03/Criciúma – 3ª UCRE. Na Prefeitura Municipal de Cocal do Sul (PMCS), trabalhou como orientadora pedagógica, bem como no Colégio de Aplicação da UNESC, CAP/UNESC. Foi secretária de educação e cultura e secretária da ação social e da família na Prefeitura Municipal de Criciúma (PMC) em diferentes gestões administrativas.

Enquanto atuou na Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), foi professora de ensino de graduação, ministrando as disciplinas de Filosofia da Educação; Prática de Ensino sob forma de Estágio Supervisionado; Sociologia da Educação; Orientação Vocacional; Princípios e Métodos de Orientação Educacional; Princípios e Métodos da Supervisão Escolar; Didática Geral; Filosofia da Educação; Metodologia do Ensino de 1º Grau; Psicologia Geral. Além disso, também coordenou o curso de Pedagogia e encerrou sua atuação em 2011.

Atualmente, segundo ela, desenvolve as atividades de mãe, esposa e avó, de dois netos. Teve quatro filhos, dois meninos e duas meninas. Infelizmente, o segundo filho veio a falecer e foi motivo de muita tristeza da professora. Quando contou o acontecido, apesar de já ter passado muitos anos, ela se emocionou:

Foi assim, uma coisa muito triste porque nem a médica não identificou o que tinha. Depois que ele morreu... Que ele nasceu foi respirar deu uma hemorragia. Ele não conseguiu respirar, e aí, foram ver tinha dado rubéola nele. Eu peguei rubéola no colégio, a rubéola não pegou em mim e

pegou nele. Eles chamam subclínica. Eu nem sabia que isso aí existia.

Professora Vera conseguiu tirar forças de sua perda para enfrentar as outras dificuldades surgidas durante o percurso da vida profissional, narrado aqui.

Ela conta que seu marido foi o principal apoio durante sua trajetória profissional, pois ser professora, mãe, esposa, exige compromissos distintos e mostram as diferentes possibilidades de identidades que podemos ter, inclusive a profissional.

A professora Rose Margareth Reynaud Mayr é graduada em Pedagogia e possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, tendo pesquisado o projeto político pedagógico que a incomodava e, segundo ela, continua incomodando, por ainda ser um instrumento de gaveta. Atuou na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) como professora, participou de conselhos, comissões e consultorias. Foi membro da Comissão Interna de Acompanhamento do Processo de Renovação de Credenciamento da Universidade e atuou no ensino, no curso de Pedagogia, nas disciplinas: Filosofia da Educação I, Didática Geral, Teorias de Aprendizagem e Didática. Fez extensão universitária. Foi membro do colegiado do Curso Magister/Letras/UFSC; membro da Câmara Setorial de Graduação da ACAFE; pró-reitora acadêmica; diretora de graduação; diretora do Colégio de Aplicação, coordenadora pedagógica do Colégio de Aplicação e gestora do Departamento de Recursos Humanos, tendo vasta atuação, dessa maneira, tanto no ensino quanto na gestão educacional.

Na Associação Feminina de Assistência Social (AFASC), Rose Reynaud atuou como professora, diretora do Centro de Educação Infantil Cônego Aníbal Maria Di França (AFASC), orientadora pedagógica das creches casulo da AFASC, auxiliar de direção no Grupo Escolar São Defende. Foi professora de séries iniciais no Grupo Escolar São Defende; orientadora pedagógica de educação pré-escolar; diretora do Projeto Casulo Santa Luzia (Educação Infantil) e coordenadora geral do Departamento de Educação Infantil da AFASC. Enquanto esteve na Legião Brasileira de Assistência Social (LBA), teve atuação como técnico na Associação Catarinense do Bem-Estar de Menor (FUCABEM); auxiliar de ensino dos CEBEMs (Centros do Bem-Estar do Menor). Atuou ainda na Escola de Educação Básica Madre Teresa Michel como coordenadora pedagógica e administrativa da educação

básica e ainda foi secretária municipal de educação na Prefeitura Municipal de Criciúma.

Durante o percurso da pesquisa, desenvolveu atividades como Coordenadora de Projetos da Educação na Associação Empresarial de Criciúma (ACIC), criando, ao lado do presidente da associação na época em que era secretária da educação do município de Criciúma, o prêmio ACIC de Matemática, que já estava na sexta edição com 17.000 alunos inscritos.

Sobre sua vida pessoal, a professora Rose conta que tem três filhas e relata que as teve com o espaço de três anos entre uma gestação e outra, “esperava a primeira fazer três anos, daí nasceu a segunda, daí esperar três anos nasceu a terceira, aí vou esperar a terceira fazer três anos”. E esclarece que, para dar conta das atividades profissionais e das filhas, da casa, enfim, da mulher e também professora, contou sempre com a ajuda de pessoas que trabalharam em sua casa auxiliando no cuidado da casa e das filhas. E aqui é importante destacar que as mulheres, ao longo do tempo, vêm conquistando sua liberdade no sentido de poder compartilhar as rotinas da casa e os cuidados com os filhos com os seus companheiros, mas ainda existe o preconceito para esse tipo de atuação, pois a sociedade ainda tem posturas arcaicas de que a mulher, sozinha, tem de dar conta de tudo o que se refere ao lar e à família, mesmo que esteja atuando em alguma atividade profissional.

No Banco de Teses e Dissertações da Capes foram encontrados 149.277 títulos de dissertações relacionados à identidade profissional docente. Com o filtro memória e identidade profissional docente, somam-se 1.144.147 (um milhão, cento e quarenta e quatro mil e cento e quarenta e sete) pesquisas entre teses e dissertações. Isso significa que esse tema é de interesse de muitos pesquisadores, é relevante e com certeza vem contribuindo para a história desse saber, bem como para práticas e fazeres docentes.

Existem vários estudos que tratam do tema “identidade de professores e memória”, dos quais se destacam, por exemplo, trabalhos como a dissertação de mestrado de Neusa Teresinha Bohnen: **A Jornada do Herói: a narrativa autobiográfica na construção da identidade profissional de professor**, defendida em 2011 na Universidade Federal de Goiás. Bohnen investigou, com o auxílio das narrativas autobiográficas, a construção da identidade profissional, relacionando à trajetória percorrida pelo arquétipo do herói proposto por Campbell (2008). A base teórica constituiu-se a partir de autores como Bakhtin (2003), Vygotsky (2001) e Stuart Hall, para sustentar o

dialogismo, o sociointeracionismo e a construção da identidade, respectivamente.

No trabalho foram analisadas autobiografias de cinco alunos de um curso de Letras com habilitação em espanhol de uma universidade da região Norte do Brasil, na modalidade educação a distância, e ainda as respostas obtidas em um questionário com informações pessoais, idiomas, informática e experiência profissional. A metodologia seguiu as teorias de Serrano (1994; 1998) e Connelly & Clandinin (2000). Os estudos demonstraram, com base em Bakhtin (2003), que havia um narrador personagem nas autobiografias, bem como identificou-se que os estudantes também enfrentavam sua luta como o herói de Campbell (2008). Também apareceram nas narrativas, aspectos relacionados à vida dos estudantes e à construção de suas identidades, inclusive como professores.

Fernanda Aleixo Chuffi defendeu o trabalho intitulado **Identidade(s) docente(s), o sujeito-professor e suas escol(h)as: memórias, dizeres e fazeres de uma prática pedagógica** na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Unidade da USP, publicada em 2016. A pesquisa de Chuffi investiga como acontece a construção das identidades profissionais de professores do ensino fundamental I (1º ao 5º ano). Foram descritos conceitos de sujeito, subjetividade e memória no intuito de entender como o professor *é atravessado pelo outro ao falar da sua prática*. Foi utilizada, para análise da pesquisa, a teoria de Análise do Discurso na linha de Michel Pêcheux (1990; 1995) e Orlandi (1999; 2005) e também Foucault (2000), Althier-Revuz (1990) e Coracini (1999; 2003), que tratam da educação e também da psicanálise freudo-lacaniana.

Os depoimentos orais dos professores a respeito de suas trajetórias profissionais foram transcritos e alguns recortes foram analisados, os quais permitiram que a subjetividade fosse percebida, tanto na voz quanto na memória discursiva. São apresentados diversos conceitos sobre formação conforme a percepção dos professores. As memórias são reconstruídas quando essas pessoas falam de si. Também ocorre a ressignificação do outro na medida em que o professor se insere nos discursos que fazem sentido para ele.

Outro trabalho importante é intitulado **A constituição da identidade profissional docente em contexto de diversidade: reescrevendo histórias de vida**, defendido em 2009 por Gláucia de Cássia Magalhães da Silva Cavaliere na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O trabalho de Cavaliere apresenta um estudo sobre a

constituição da identidade profissional docente através das histórias de vida de professoras do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Juiz de Fora, em contexto de diversidade.

Nesse trabalho, os autores utilizados para embasar a questão da identidade foram Claude Dubar, Maurice Tardif e Danielle Raymond. Sobre a diversidade, os autores escolhidos foram Maria Teresa Eglér Mantoan, Carlos Alberto Marques, Luciana Pacheco Marques, Marcos Moreira Paulino, Simone da Silva Salgado e Mônica Pereira dos Santos. Contribuíram para situar o professor, os autores de Iria Brzezinski, Helena Costa Lopes de Freitas, José Carlos Libâneo e Waldeck Carneiro da Silva. Realizaram-se entrevistas não estruturadas com seis professoras de series iniciais, pedagogas, no início da carreira docente. Para a análise, trabalhou-se com as lembranças da infância em fase de escolarização, quando surgiu o interesse pela profissão, bem como quais vivências estavam tendo em seu início de vida docente, as questões relativas à diversidade na prática docente, no intuito de identificar se estes fatores contribuíram para sua construção de identidade docente.

Os resultados da pesquisa apontaram que a constituição da identidade de professor ocorreu a partir das relações vivenciadas na escola enquanto esses profissionais cursavam a educação básica, e ainda na graduação vivenciadas em contexto de diversidade. Conforme a pesquisadora, as entrevistadas narram que a diversidade surgiu em suas vidas durante a graduação, como aspecto a ser refletido, na experiência do vivido, ou lidado a partir das diferenças na sala de aula, bem como por meio da influência de professores(as), orientadores educacionais, coordenadores, nas formações continuadas, oportunidade em que a questão da diversidade era discutida como fator de inclusão nas escolas.

Shirlene Santos Mafra Medeiros escreveu **Memória e Identidade Social da Formação Docente em Rio de Contas-BA, nas décadas de 1920 a 1960: reminiscências das educadoras e educadores da Cátedra à Universidade**, tese defendida em 2016 na universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Nesse trabalho a pesquisadora entrevistou educadoras de Rio de Contas (BA) que estudaram na Escola Normal de Caetité, Bahia, na década de 1950, seus antecessores das décadas de 1920 a 1940 e sucessores de 1960, utilizando a memória como objeto e também fontes orais e escritas, entrevistas, testemunhos, depoimentos e documentos históricos da formação desses educadores. O trabalho analisou a memória e a (re)construção da identidade social no processo de formação docente,

buscando entender qual o legado deixado às gerações subsequentes, quais os saberes partilhados.

A pesquisa teve como base a teoria do Interacionismo Simbólico, na figura de George Herbert Mead, e a memória conforme apresentada por Halbwachs. O objetivo era investigar a (re)construção de elementos centrais da identidade – *self*, no sentido de autoconhecimento, das educadoras e educadores de Rio de Contas e de Caetité, que estudaram na Escola Normal e o reflexo da influência dos saberes no processo de formação da sociedade rio-contense relatados por meio das trajetórias de vida. A pesquisadora queria também averiguar que elementos ou saberes docentes influenciaram a formação profissional, os fatores de risco e os mecanismos de proteção que os tornaram resilientes no ofício da docência, bem como as contribuições para a construção de elementos centrais da identidade social.

As experiências sociais lembradas, coletadas nos testemunhos e entrevistas e nas visitas residenciais das educadoras e educadores, permitiram perceber a importância dos sujeitos da pesquisa e do campo empírico de espaços habitados, expresso nas falas de cada sujeito, ao relatarem “eu estive lá”; “vivenciei essas experiências”, “eu me lembro”, das alegrias e tristezas de um passado ausente que se tornou presente. Também chegou-se à conclusão de que as memórias formativas foram essenciais para a constituição do *self*, da identidade social das educadoras e educadores, como construtos sociais. É a partir das memórias experienciais no processo de interação social na relação do eu, do mim, do outro generalizado, expresso pela linguagem, nas representações coletivas, que se (re)atualiza ou se reconstrói a memória do grupo de pertença, conforme os estudos mnemônicos.

No contexto de nosso Programa de Pós-Graduação em Educação, um trabalho que merece destaque é a dissertação intitulada “**Que raio de professoras são essas?: a representação da identidade docente nas obras de Fanny Abramovich e Zivaldo** (2017), de Leandro de Bona Dias, defendida na Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). Esse trabalho investigou nos livros **Que raio de professora sou eu?** (1990), de Fanny Abramovich, e **Uma professora muito maluquinha** (1995), de Zivaldo, de que forma estão representadas as identidades docentes das personagens protagonistas das obras, respectivamente, Laura e Maluquinha. Nesse processo, foram analisadas as conexões entre as práticas pedagógicas e o currículo escolar na construção das identidades docentes das personagens. O trabalho também verificou de que modo a linguagem, por meio dos discursos

com os quais elas têm contato, atua na construção das suas identidades, bem como de que forma se dão as relações entre as identidades profissional e pessoal dessas professoras.

Foi constatado nesse estudo que ambas as personagens manifestam seu desconforto e discordância quanto ao currículo oficial, entendendo ser um conhecimento estático, o que não condiz com a visão educacional que possuem. A linguagem e a representação foram fundamentais na construção das identidades docentes das duas personagens, sendo seus discursos uma representação que colaborou com a construção das identidades e práticas de sala de aula. Foi possível identificar ainda que as questões políticas também são enfrentadas pelas professoras. As identidades docentes representadas nessas duas narrativas são possibilidades de significar e de ressignificar a profissão docente.

Viviane Maria Candioto apresentou a dissertação **A Construção identitária dos professores de dança clássica: um estudo sobre três artistas educadores**, defendida em 2016 na Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). Viviane pesquisou a construção identitária de professores de dança, na busca da compreensão de como o movimento, a memória e o corpo se apresentavam em narrativas de três artistas educadores de dança clássica no Brasil. O objetivo era problematizar o processo de construção identitária dos professores de balé no Brasil. Para tanto, apresentou um histórico da dança clássica no Brasil, encontrou conceitos de corpo, memória e dança, bem como os estudos culturais de construção de identidade dos artistas da dança. Autores como René Descartes, Michael Foucault, Theodor Adorno e Rudolf Laban, Paul Bourdier, Roberto Pereira e Dalal Achcar, Maurice Halbwachs, Sandra Jatahy Pesavento e Ecléa Bosi e Stuart Hall foram utilizados para embasamento teórico do trabalho. Como metodologia, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para buscar as histórias dos três professores pesquisados. E o resultado encontrado na pesquisa é que a dança é a tradução dos gestos e sentimentos dos bailarinos, pois a dança vai além das palavras.

Tomando distância dos trabalhos acima referidos, mas levando-os em consideração, esta pesquisa pretendeu contribuir para o debate da memória e da identidade dos professores, em específico os de nossa cidade. A escolha por trabalhar com trajetória de vida de educadores nasce da pressuposição de que as identidades são construídas ao longo da vida do sujeito por meio de narrativas. O educador é personagem, narrador e autor de sua própria história, em parceria com outros

educadores, em articulação com outros discursos, outras narrativas sociais. As narrativas nos envolvem, nos engajam e muitas vezes nos capturam em seus detalhes, seus conflitos, seus enredos e desenredos. O desejo que dá raiz a este projeto é ouvir o que essas personagens têm a dizer, que história têm a contar em relação à educação em nossas cidades.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo, de natureza mais teórica, trata da categoria memória. Neste capítulo, reflete-se sobre a memória a partir dos estudos efetuados por Bosi (1998), Grazziotin e Almeida (2012) e Otto (2012). A interpretação desses autores é abrangente, permitindo uma melhor compreensão de memória, bem como fundamentando a memória utilizada neste trabalho, que é a memória trabalho descrita por Bosi, porém acrescida dos olhares das autoras mencionadas.

O segundo capítulo, também teórico, busca discutir, com base nos autores dos estudos culturais, sobre a categoria identidade cultural. A base principal é Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva, tendo em vista que a identidade profissional docente das professoras pesquisadas constituiu-se e construiu-se em suas experiências e vivências a partir daquilo que a sociedade ou o grupo social em que estavam inseridas foi exigindo e necessitando, sendo, portanto, construída sempre a partir do outro e de suas semelhanças e diferenças.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia de trabalho utilizada, na qual se descreve como foram entrevistadas as professoras aposentadas que atuaram em docência e gestão durante sua trajetória profissional. Para tanto, foram formuladas algumas questões que atendessem aos objetivos da pesquisa e também foi sugerido o local onde deveriam ocorrer as entrevistas, as quais aconteceram com o tempo necessário para a obtenção das respostas aos objetivos e, posteriormente, foram transcritas para a realização das análises.

O capítulo quatro contém a análise das entrevistas e traz discussões sobre como esses sujeitos se construíram na identidade profissional de professoras e gestoras, o que revelam sobre sua atividade profissional desenvolvida ao longo da vida e como ocorreu a transição entre a docência e a gestão. Uma das professoras trouxe objetos evocadores de memória que serviram para despertar suas falas. O capítulo das Considerações Finais faz um arremate deste trabalho, seguido das devidas referências e anexos.

1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA

“Memória”

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão

Mas as coisas findas
muito mais que lindas,
essas ficarão.

(Carlos Drummond de Andrade)

Neste capítulo discute-se a memória, apresentando-se os estudos efetuados por Ecléa Bosi por ocasião de sua tese de doutorado que resultou no livro: **Memória e Sociedade: lembranças de velhos** (1998), bem como a discussão sobre memória conforme é proposta por Luciane Sgarbi Grazziotin e Doris Bittencourt Almeida no livro **Romagem do Tempo e Recantos da Memória: reflexões metodológicas sobre história oral** (2012), e ainda as proposições de Clarícia Otto no livro **Nos rastros da memória** (2012). Esses autores foram escolhidos por se entender que apresentam uma diversidade de conceitos que possibilita uma interpretação mais abrangente do que trata a memória, considerando que as narrativas apresentadas pelos professores entrevistados terão necessariamente de utilizar os recursos da memória.

“Lembrança puxa lembrança, e seria preciso um escutador infinito”, essa é uma das frases utilizadas por Ecléa Bosi (1998, p. 39) para falar sobre a memória. Em sua introdução, ela utilizou como base teórica sobre memória os pesquisadores Bergson, Halbwachs, Bartlett, Stern e Simone de Beauvoir. Seu livro já no prefácio apresenta a análise

do crítico literário João Alexandre Barbosa, com o título “Uma Psicologia do Oprimido”, e a apresentação da filósofa Marilena Chauí, intitulada “Os trabalhos da memória”. Chauí faz uma apresentação do livro e afirma que ele fala sobre a intersecção entre memória e velhos e que é um trabalho sobre a opressão (p. 20).

O livro está dividido em cinco capítulos: “Introdução, Memória sonho e memória de trabalho”, “Tempo de lembrar”, “Lembranças” e “A Substância social da memória”. Nele, a autora apresenta sua tese de doutorado, para a qual entrevistou pessoas com idade superior a 70 (setenta) anos, em um contexto social que é a cidade de São Paulo.

Grazziotin e Almeida (2012) dividem seu livro em cinco capítulos, os quais estão distribuídos em: “Deslocamento para iniciar a reflexão”; “Tempo de memória”; “História oral: escolhas e trajetórias das pesquisas”; “Escola da Educação em Bom Jesus”; “Escola Normal Rural de Osório” e “Considerações finais”. O Livro é resultado das pesquisas para tese de doutorado das professoras autoras, caracterizando-se como uma pesquisa sobre História da Educação no município de Bom Jesus (RS). A outra pesquisa trata da memória de alunos e professores e as experiências na Escola Normal Rural de Osório (RS).

O livro de Clarícia Otto está dividido em cinco capítulos, considerando a introdução. A questão da memória é desenvolvida no capítulo 1 da obra – “Rememorar: Dimensão indispensável”, que é o nosso interesse neste estudo, tendo em vista que os últimos capítulos tratam de outros assuntos: “Os Sentidos da História”; “História e memória no ensino de história”; e o último capítulo intitula-se “Nos Rastros da Memória”.

Bosi (1998) explica que Bergson compreende a memória como uma percepção da imagem e da ação em relação ao corpo presente, sendo esse um esquema motor. Quando a imagem fica parada na mente, ela faz uma representação, criando um esquema que se configura como estímulo-cérebro-representação, neste caso, o esquema é perceptivo.

Conforme a autora, quando Bergson afirma, no livro **Matière et Mémoire**, que não existe percepção sem impregnação das lembranças, ele está dizendo que “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual” das representações. Bergson chama a percepção impregnada de “lembrança de percepção completa e complexa” (BOSI, 1998, p. 47). Bosi afirma que “a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (1998, p. 47).

Segundo Bosi (1998), Bergson diferenciou o espaço profundo e cumulativo da memória e o espaço raso da percepção imediata com a figura de um cone invertido, tornando evidente que as lembranças descem para o presente, lugar onde se situam os atos perceptuais e, por isso, se tocam sempre, pois é do presente que emergem as lembranças do passado.

Bosi (1998) esclarece também que, após Bergson separar o que é percepção pura e memória, ele aponta em seus estudos que existem duas memórias: a memória hábito e a memória sonho. A primeira é aquela que remete ao que sabemos e fazemos no cotidiano da vida, como comer, escrever, dirigir, costurar entre outros, e a imagem-lembrança da memória sonho remete a “um momento único singular, não repetido” (1994, p. 49), que para Bergson encontra-se em um lugar tão profundo que o chama de inconsciente. Neste caso, conforme a autora, Bergson entende que

a memória pura que atua no sonho e na poesia está situada no reino do espírito livre, ao passo que a memória transformada em hábito, assim como a percepção pura, só voltada para a ação iminente, funcionam como limites redutores da vida psicológica. (BOSI, 1998, p. 51)

Dessa forma, “[a]ntes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança ‘vive’ em seu estado latente, potencial” (BOSI, 1998, p. 51-52); ou seja, a lembrança está localizada em um espaço que não é a consciência, um lugar que existe à sombra, um *outro* lugar, cujo espaço está preenchido pelas memórias em estado inconsciente. Esse convívio consciente e inconsciente ocorre o tempo todo na memória, e, para Bergson, segundo Bosi (1998), a conservação do passado está na memória, e o passado sobrevive através das lembranças, ou em estado inconsciente.

Por sua vez Halbwachs, de acordo com Bosi (1998), estuda a memória a partir da sociologia, com base nas ideias de Emile Durkheim. Para ele a memória não pode ser desconsiderada como fato social, levando em conta a definição de que fato social se compõe de “modos de agir, pensar e sentir” (BOSI, 1998, p. 54). Esse pensador defende que a memória está ligada à vida atual da pessoa, pois a lembrança surge porque algo ou alguém nos fez pensar sobre aquilo. Por isso, às vezes, o ato de lembrar permite que sejam revisitadas e sentidas aquelas

vivências do passado e relacionadas com aquilo que temos hoje, com outras imagens, com os pensamentos do tempo presente.

Desse modo, ele se contrapõe a Bergson, que afirmou que a lembrança era uma imagem pura, que se apresentaria em sonhos e devaneios. No caso de Halbwachs, a memória de um sujeito se relaciona com a memória de um grupo, que seria a memória coletiva (BOSI, 1998). Além disso, com o tempo, a memória irá resgatar as lembranças com o vivido da contemporaneidade e não conseguirá recuperar a mesma imagem, com os mesmos sentimentos, pois as pessoas mudam, alteram suas ideias, valores e percepções.

Nessa mesma direção, Grazziotin e Almeida (2012, p. 30) afirmam, em ambos os estudos que fizeram para suas teses de doutorado, que os casos, as narrativas, fazem parte de uma memória coletiva, cujos vínculos são constituídos pela idade e pelo pertencimento a uma determinada comunidade, e o fio que une as lembranças são as memórias sobre a educação em um espaço geográfico e social determinados.

Ainda nesse viés, Otto (2012) pontua que o conceito de memória é polissêmico, tendo em vista que as memórias estão imbricadas às identidades individuais e grupais. E cita Halbwachs como um estudioso da memória, na perspectiva social, tendo em vista que a memória é coletiva e não somente individual, pois o sujeito que rememora utiliza daquilo que vive e observa em seu grupo social.

A memória, mesmo em sonhos, utiliza-se de nosso eu atual, pois precisa das referências atuais para entender o que está visualizando, mas é no sonho, segundo Halbwachs (*apud* BOSI, 1998), que se está mais distante da sociedade. Contudo, mesmo ali, nessas representações oníricas, precisa-se de certas noções do vivido, como espaços, lateralidade, tempo, causas, consequências, enfim, características da linguagem utilizada em sociedade (BOSI, 1998).

Considera Otto (2012, p. 24) que o ser humano, ao rememorar, significa a sua memória, não somente a possui, pois, ao atribuir sentido, busca experiências, estando elas conectadas ao tempo e ao espaço (presente e passado).

[...] no ato de rememorar, os velhinhos trazem à baila significados diversos que, certamente, remetem a facetas de suas vivências, às suas lembranças de tempos passados, ressignificadas no presente. Dessa forma, de acordo com as experiências de vida de cada pessoa, é impossível

pensar que o ato de rememorar seja único, mesmo em se tratando de uma mesma época, de um mesmo passado vivido por todos. (OTTO, 2012, p. 26)

Por sua vez, Grazziotin e Almeida pontuam que:

É importante enfatizar, mais uma vez, que os trabalhos com a memória, supõem um outro tempo, “uma terra distante” (FORTUNA, 1997), ou seja, o tempo passado, mas elas têm suas âncoras no tempo presente. Portanto, o sujeito que narra o que viveu, faz uma narrativa baseada nos referenciais do momento presente. (2012, p. 97)

Halbwachs demonstra porque, ao reler um livro, as lembranças não são revividas tal qual como foram sentidas. Bosi (1998), ao explicar o pensamento de Halbwachs sobre isso, esclarece da seguinte maneira: quando relemos um livro infantojuvenil ou infantil lido no passado, em princípio nos parece que teremos as mesmas impressões de quando o lemos pela primeira vez. Contudo, ao começarmos a leitura, vamos interpretando e observando com os olhos e a percepção do adulto que está lendo. Um exemplo citado por Halbwachs explica que, para a criança, um soldado ou um cocheiro podem nascer assim, com aqueles trajes e armas, assim como nascem os lobos e outros animais. Porém, o adulto, ao ler, irá observar comportamentos, categorias sociais, se são antiquados, entre outras coisas (BOSI, 1998).

Por causa disso, não há como lembrar do passado sem o “reconstruir”, e muitas vezes, ouvindo outras pessoas que também vivenciaram aquela lembrança, acabamos por “alterar” o conteúdo das memórias. Portanto, para Halbwachs, a memória se constrói em um contexto social (BOSI, 1998).

Tendo em vista que a lembrança se origina de uma imagem generalista, que se forma por meio da linguagem, porém objetiva e resistente, a qual é adquirida em um contexto social, grupal, familiar, a memória dos velhos é a que melhor descreve a teoria citada, pois carrega essas características, uma vez que os velhos já vivenciaram muitas coisas em determinados grupos e sociedade e, por isso, podem reforçar o pensamento de Halbwachs, que entende que, para o adulto, lembrar o passado vai utilizar a lembrança como uma fuga, um sonho, enquanto que o velho está ocupando seu tempo, sua consciência, com o

passado. O autor inclusive cita que, em algumas civilizações antigas, era função dos mais velhos lembrar para guardar tradições, contudo, nos dias atuais, isso pode não ser mais importante, em razão de o adulto estar em fase produtiva e não quer perder tempo com memórias e lembranças, mas o homem que já se afastou de seus afazeres profissionais habitualmente consegue reviver seu passado (BOSI, 1998). Entretanto, esse homem mais velho pode reconstruir esse passado de forma alterada, pois suas memórias estão compostas por suas ideias e ideais, preconceitos, preferências, entre outras coisas (BOSI, 1998).

Grazziotin e Almeida (2012, p. 27) utilizam o termo “representação” na perspectiva de Chartier, com a seguinte definição: “[...] do ponto de vista de um historiador, são classificações e exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço” (CHARTIER, 1990, p. 27). As autoras recorrem a esse termo para nortear como interpretam “a reconstrução”, a maneira como aquele que relembra conta sua lembrança.

Quando cita Bartlett, Bosi (1998) informa que esse autor coincide em alguns pontos com as ideias de Halbwachs. Ele postula que a “matéria prima” da recordação não aflora em estado puro na linguagem do falante que lembra, ela é tratada, às vezes estilizada, pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo, no qual o sujeito está situado. Quando a pessoa rememora a sua trajetória, a sua história de vida, a lembrança não ocorre de forma linear e ordenada e de maneira coerente. Acontece, durante o processo de lembrar, uma reelaboração e, por isso, “podem apresentar lacunas, desvios e deslocamentos em relação aos seus contextos” (OTTO, 2012, p. 104). Portanto, para Bosi (1998), a memória e a lembrança são coisas diferentes. Para ela, a memória é trabalho, trabalho de recordar aquilo que foi vivenciado, não sendo possível traduzir pela memória, exatamente o que aconteceu na situação quando narrada.

Bartlett fez experimentos com tribos swasi e, com isso, concluiu que é necessário “distinguir” entre a matéria da recordação (o que se lembra) e o modo da recordação (como se lembra) (*apud* BOSI, 1998, p. 65). Para Bartlett, a matéria está relacionada às questões sociais de interesse do sujeito, enquanto que o modo estaria associado às questões pessoais do sujeito, tais como o caráter, por exemplo. Nesse sentido, ele se difere de Halbwachs, pois as questões pessoais não foram mencionadas por aquele pesquisador. No entanto, para Bosi (1998, p. 411):

Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é memorizador e das camadas do passado que tem acesso pode-se ter objetos que são, para ele e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum.

Conforme o pensamento de Otto (2012, p. 36), “voltar por meio de lembranças a um tempo distante, se torna mais significativo quando compartilhado, quando rememorado na relação com o outro [...]”. Só será significativo se puder ser compartilhado e, portanto, dividir o tesouro guardado nas lembranças é uma maneira de registrar e arquivar aquela história, contexto e tempo vivenciados de forma única pelo sujeito que narra suas memórias.

Do ponto de vista biológico, conforme Radvany (2006), existem três tipos de memória: Memória de sensação, memória de curta duração e memória de longa duração. A *memória de sensação* possui curtíssima duração e mantém-se por apenas alguns segundos. A *memória de curta duração* é aquela que utilizamos no dia a dia de forma rápida e que nos permite tomar algumas decisões, como o que armazenar, qual comportamento utilizar, e isso nos permite fazer escolhas rápidas, e, quando utilizada para manter informações durante uma determinada tarefa, é chamada de memória operacional.

A *memória de longa duração* divide-se em *memória declarativa ou explícita*, que possui subdivisões em memória episódica (fatos e eventos) e memória semântica (utiliza os significados das palavras conforme as conhecemos e significamos). A *memória não declarativa ou implícita* possui quatro subdivisões, que são: memória procedural (aprendizagem de habilidades habituais, como, por exemplo, dirigir), *priming* (é um tipo de memória que utiliza informações previamente vividas, mas que não ficaram registradas no consciente), memória associativa (é acionada em casos de reflexo, como por exemplo, sentir o cheiro de café e parecer delicioso) e ainda a memória não-associativa (que é aquela que se constrói a partir da experiência vivida, como, por exemplo, somente o latido do cão não é perigoso) (RADVANY, 2006).

Esse autor orienta que o cérebro armazena a informação em diferentes partes da nossa memória. Ou seja, as informações armazenadas na memória imediata são as sensações que não são vivenciadas como memória, as informações guardadas na memória recente são aquelas vivenciadas no presente, como, por exemplo, aquilo que comemos hoje, e as informações arquivadas na memória de longa

duração são aquelas que guardamos por muito tempo, como as memórias da infância (RADVANY, 2006, p. 9).

Radvany (2006, p. 15) esclarece que, com a idade, o cérebro, embora tenha capacidade de regeneração, pode “perder células nervosas e diminuir as substâncias produzidas que transmitem informação” entre as células. Portanto, quanto mais velha for a pessoa, maior a probabilidade de esquecer, tendo em vista que se torna mais difícil buscar as informações na memória. Contudo, geralmente, a memória de curtíssima duração ou a memória de longa duração não são afetadas.

Nesse estudo, o esquecimento revela-se também de grande importância para a compreensão do exercício de memória, pois

[...] pode estar a serviço de uma necessidade muito significativa: descartamos todas as informações que não nos servem para nada, que não são relevantes em nossa vida. Esquecimentos momentâneos não são doenças. Doenças são caracterizadas por um conjunto de sintomas e sinais repetitivos e persistentes, incluindo a falta de memória. (RADVANY, 2006, p. 14)

Camargo e Santos (2010) também salientam que o esquecimento é importante para saúde da memória, porque a memória é seletiva e pode esquecer algumas coisas. Além disso, na atualidade, vive-se na época da predominância técnica e da tecnologia sobre a experiência, por isso coisas que se podem encontrar com facilidade por meio de outros recursos não precisam ser armazenadas na memória.

Alguns objetos podem ser evocadores da memória. Em nossa casa, em nosso trabalho, existem objetos que nos remetem a lembranças de eventos já passados e coisas que ficaram perdidas na memória, mas que, ao serem vistos, trazem à tona inúmeras memórias e sensações de coisas já vividas. Fotos, documentos, vídeos, filmes, músicas, revistas, jornais, perfumes, comidas, escritos, diários, etc. são coisas que podem remeter às lembranças que estão guardadas em nossa memória.

Olívia Silva Nery (2017, p. 148) publicou um estudo chamado “Objeto, memória e afeto: uma reflexão”, no qual pesquisou as lembranças de pessoas ligadas a uma professora de francês, por meio de objetos que tinham pertencido àquela professora especificamente. No caso dos objetos da professora, havia alguns que estavam em museus e outros que estavam em posse de seus ex-alunos. A autora constatou que

“a relação afetiva que temos com aquilo que é visto como patrimonial é mediada, pelas narrativas pessoais que envolvem sua materialidade”.

Essa relação com objetos é muito comum. Eu mesma possuo em casa objetos que foram de minha mãe (falecida), os quais foram deixados por ela para mim, com os quais mantenho uma relação afetiva e que, ao utilizá-los ou vê-los, reconstruo memórias de coisas vividas e já passadas. Esses objetos me conectam com o passado e trazem à tona vivências que estavam guardadas na memória e que são recriadas por causa dos objetos que mantenho comigo. Eles contam histórias. Conforme Nery (2017), a casa é o nosso ambiente mais íntimo, é ali que se encontram os limites do que é privado para aquela pessoa. Para mim, a minha casa é o meu hotel cinco estrelas, particular.

Por sua vez, doar um objeto a alguém, conforme Nery (2017), é:

Assim, presentear o outro com algum objeto que foi seu, é dar um pouco de si para a pessoa, é doar-se junto com a materialidade. Ele passa a ser representativo do seu doador e também do receptor; assim, “aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria rigorosa e mortal, pois [...] essas coisas vêm da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente” (MAUSS, 2003, p. 200). (NERY, 2017, p. 150)

Para a autora, esses objetos aos quais são atribuídos valores dizem muito sobre nós, sobre quem somos, sobre as relações que estabelecemos com o outro e com o ambiente que nos cerca, e é por isso que permitem a evocação das memórias. Ao manter-se o contato com o objeto, a memória é regatada e os sentidos são aguçados, permitindo que a lembrança apareça. Contudo, os objetos não surgem com essa finalidade. Eles vão adquirindo essa significância nas relações que são construídas e mantidas com as pessoas que possuem aquele objeto.

Em um trecho do artigo, Nery (2017) apresenta a fala de uma das ex-alunas da professora de francês, que descreve a relação que mantém com o objeto:

[...] vemos Lyuba pelos cantos da nossa casa, se restabelece um diálogo restaurador – mesmo que duas décadas de sua morte tenham transcorrido ano passado –, através dos objetos legados, esparsos estrategicamente aqui e ali... Como se

cada um se decompusesse em vários, um quebra-cabeça, cada peça repleta de detalhes e de possibilidades narrativas. Eles são pretextos para um retorno, um olhar para trás, uma volta em flashes capazes de refazer parte importante da vida, de provocar analogias que acontecem naturalmente e não podem ser evitadas. (HANCIAU, Nubia. Breve depoimento escrito para Olivia Nery, janeiro de 2015, in NERY, 2017, p. 157)

A autora conclui que os objetos, mesmo não estando em museus ou em lugares de exposição para outras pessoas, carregam em si a memória e a trajetória daqueles que o simbolizam, que o valorizam, que o colocam em um lugar de materialização de sentimento, e não estão restritos à sua função utilitária, mas seguem nas histórias e nas memórias das pessoas daquela casa e das pessoas que frequentam aquela casa.

Peres e Brandão (2009, p. 38) pontuam que “a memória quase sempre é autobiográfica/formadora por ser uma de suas funções refletir o vivido como elemento fundador da atividade atual pela via do pensamento simbólico”, e porque os processos de imaginação que constituem a história de sujeitos ocorrem nela. E, ainda, por ser uma memória autobiográfica, em nosso caso específico, procura buscar seu significado no experienciado em suas trajetórias e “com isso, demarcamos a importância dos muitos outros que nos habitaram e ainda nos habitam na invisibilidade de nossos imaginários”. Essa percepção vem ao encontro do que postula Bosi (2001, p. 419):

A força da evocação pode depender do grau de interação que o envolve: eventos de repercussão restrita diferem, em sua memorização dos que foram revividos por um grupo anos a fio. Mas, uns outros sofrem de um processo de desfiguração, pois a memória grupal é feita de memórias individuais. Conhecemos a tendência da mente de remodelar toda a experiência em categorias nítidas, cheias de sentidos e úteis para o presente. Mal termina a percepção, as lembranças já começam a modifica-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória. Um desejo de explicação atua sobre o presente e sobre o passado, integrando suas

experiências nos esquemas pelos quais a pessoa norteia sua vida. O empenho de indivíduo em dar sentido a sua biografia penetra as lembranças com um “desejo de explicação”.

Portanto, a memória que se apresenta aqui é aquela em que o indivíduo reconstrói o seu vivido, principalmente aquele que significou fortemente para ele e que de certa forma, o representa no presente. A memória é entendida como um processo construído e elaborado daquilo que foi vivido e que o narrador quer ensinar ou aconselhar, considerando sua visão atual no presente e por isso muito reflexiva. É portanto, reelaboração, rememoração, ressignificação.

A memória do trabalho é escolhida, neste caso, por se tratar de trajetória profissional, e está ancorada em valores e na subjetividade da pessoa que vivenciou aquela história e que decidiu narrá-la, por meio das lembranças construídas ao longo de sua história, que fazem parte de seu conjunto de memórias e que dão significado à sua vida. E, conforme esclarece Chauí (BOSI, 1994, p.20), a memória do trabalho permite reconstruir de forma positiva a impressão anterior, pois, todos trabalharam, e é aí que todos têm a sua diferença e semelhança.

2 SOBRE O CONCEITO DE IDENTIDADE CULTURAL

“Verbo Ser“

Que vai ser quando crescer?
 Vivem perguntando em redor. Que é ser?
 É ter um corpo, um jeito, um nome?
 Tenho os três. E sou?
 Tenho de mudar quando crescer?
 Usar outro nome, corpo e jeito?
 Ou a gente só principia a ser quando cresce?
 É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?
 Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?
 Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.
 Que vou ser quando crescer?
 Sou obrigado a? Posso escolher?
 Não dá para entender. Não vou ser.
 Vou crescer assim mesmo.
 Sem ser Esquecer.

(Carlos Drummond de Andrade)

No livro **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, Stuart Hall discute a identidade a partir de três conceitos de subjetividade construídos ao longo da história do Ocidente: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo estaria ligado à noção de ser humano como ser fundamentalmente racional, com características específicas: “centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e de ação” (HALL, 2005, p. 10). Essa concepção individualista seria o ponto de partida para a compreensão do indivíduo na modernidade, tendo em vista que seria centrada no eu racional e que o sujeito nasceria e morreria com a mesma identidade essencial. Como a grande influência desse movimento foi René Descartes, esse tipo de entendimento do sujeito é também chamado de sujeito cartesiano.

A noção de sujeito sociológico, isto é, de sujeito afetado pelo seu contexto social, reconhecia as implicações das relações com as outras pessoas para a constituição do sujeito e a formação da sua identidade. Os valores e a cultura daquela outra pessoa ou pessoas e a interação ocorrida entre os sujeitos no contexto do tecido social é que formaria a

identidade. Dentro dessa perspectiva, o sujeito encontra os lugares que ocupa no mundo social e cultural.

Na visão de Hall (2005), a noção de sujeito pós-moderno se constitui dentro das incertezas, das mudanças e da fragmentação do mundo contemporâneo, com isso o sujeito tem sua identidade atravessada por várias forças, discursos e instituições, e essa identidade não é unificada nem coerente, mas constituída de uma multiplicidade de identificações que o sujeito vai assumindo de acordo com as posições que ocupa na sociedade e com os referenciais com os quais se identifica.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13)

Hall diferencia a sociedade moderna da sociedade tradicional, dizendo que na primeira ocorrem mudanças constantes, enquanto que na segunda o passado é valorizado. “As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e estruturas” (2005, p. 25). A celebração do novo e a rejeição do passado criam grande mobilidade e instabilidade no coração do sistema. A modernidade é uma experiência dinâmica e fluida.

Com a industrialização e o capitalismo moderno, surgiu uma concepção social de sujeito. Hall aponta dois eventos que contribuíram para o conceito de sujeito moderno, sendo um deles a biologia darwiniana que colocava que “a razão tinha uma base na natureza e a mente um fundamento no desenvolvimento físico do cérebro humano”; e o outro as novas ciências sociais (HALL, 2005).

Conforme Hall (2005), o que ocorre com o sujeito na modernidade tardia não é somente sua desagregação, mas sim um deslocamento. Ele argumenta que, para acontecer o descentramento do sujeito cartesiano, alguns fatos/situações foram imprescindíveis, como as tradições do pensamento marxista e a descoberta do inconsciente por Freud.

Assim a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2005, p. 38)

Outro descentramento ocorre após o trabalho de Ferdinand Saussure, que afirmava que “a língua é um sistema social” e, portanto, quando nos expressamos ou a utilizamos, não só os nossos pensamentos são envolvidos no processo, mas também um universo de significados que já fazem parte daquela língua e daquela cultura.

Uma das causas do descentramento do sujeito pós-moderno aparece com o trabalho de Michel Foucault e a genealogia do sujeito moderno, o qual apresenta um novo tipo de poder que é o poder disciplinar, cujo objetivo é produzir “um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil” (HALL, 2005, p. 42).

O quinto descentramento é o impacto do feminismo, tendo em vista que surgiu, juntamente com outros movimentos sociais, como as revoltas estudantis, os movimentos contraculturais e os movimentos revolucionários. Ora, cada movimento se fragmentava e se organizava conforme o jogo das identidades sociais, o que torna o indivíduo ainda mais individualizado e a comunidade ainda mais atravessada por diferenças identitárias. Além disso, tal fenômeno contribui para diversas reflexões acerca das divisões marcadas pelas diferenças de gênero.

A identidade cultural mais profundamente discutida por Hall (2005) em seu livro é a identidade nacional. Ele apresenta alguns indicadores do que seria esse sentimento de identidade nacional que nos distingue de outras nações. Sentir-se pertencente a essa nação, além do nascimento, da origem, inclui outros fatores, como a língua, a comida, os acontecimentos históricos daquele país, etc.; fatores que não nascem com as pessoas, mas são construídos e transformados por meio de processos de representação. O que nos faz brasileiros é o conjunto de coisas que representa essa brasilidade.

[...] as culturas nacionais ao produzir sentidos sobre a “nação”, *sentidos com os quais podemos nos identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam

seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2005, p. 50)

Stuart Hall elencou cinco elementos que contariam uma narrativa nacional, considerando que “a cultura nacional é um discurso”. O primeiro seria a narrativa da nação, que é contada pela literatura, pela mídia e pela cultura popular. O segundo seria a ênfase nas origens, na tradição, na continuidade e na atemporalidade. O terceiro seria a invenção da tradição (tradições que parecem ser antigas, mas não são). O quarto elemento seria o mito fundacional, que consiste numa história ou série de acontecimentos que ajudam um povo a expressar seu sentimento de nacionalidade, e por último haveria ainda a ideia de um povo puro, original (HALL, 2005).

As identidades nacionais estão colocadas de forma ambígua entre o passado e o futuro, entre o novo e o antigo, entre o particular e o universal, evidenciando diferenças. Além disso, a identidade nacional não é exatamente unificada, existem fatores e distinções que contribuem para o desenvolvimento e constituem a identidade de um grupo ou nação, os quais os tornam um conjunto com semelhanças (HALL, 2005). Esses conceitos têm grande impacto na compreensão das narrativas dos professores e no entendimento de seu processo de construção identitária.

A globalização tem contribuído ou vem contribuindo para a transformação das identidades, pois aquilo que era antigamente representação da identidade nacional ou regional, como, por exemplo, a comida, torna-se comum a outras localidades e países, já não é mais uma marca de singularidade. Por exemplo, a comida indiana, que é uma representação da cultura da Índia e que, há alguns anos, já pode ser encontrada fora daquele país, por todos os continentes ao redor da Terra.

Stuart Hall (2005) observa que esse processo de globalização é na verdade uma onda de ocidentalização, de mundialização do Ocidente, de modo que a cultura do Ocidente é assimilada por outras culturas ao redor do mundo. Além disso, é importante enfatizar que nem todos os sujeitos do globo estão dentro ou sentindo plenamente essa globalização. Há distinções entre os grandes centros e a periferia, as grandes metrópoles, onde tudo o que é ofertado no globo é disponibilizado, e as margens, onde os produtos chegam com maior dificuldade e nem tudo é acessível. Com o advento das redes sociais, do mundo conectado pela internet, o processo de globalização e ocidentalização do mundo se torna ainda mais evidente.

A identidade local está inserida na identidade homogeneizada, e até mesmo o Ocidente está sendo tocado pelas outras culturas, sendo a identidade *humanos* a que parece despontar, por ser mais abrangente. Para Hall (2005), a migração é um dos principais fatores para a pluralização de culturas e consequente homogeneização das identidades. Essa migração produz outras identidades culturais, identidades emergentes, com diferentes tradições, posições, linguagens e que estão em transição, alternando-se conforme seu ambiente e situação, é o que o autor chama de culturas híbridas. Entretanto, esse é só um tipo, e podem existir outros, que ainda podem ser pesquisados.

Como reação ao processo de globalização e homogeneização das culturas e da hibridização, as culturas locais, tradicionais e étnicas reagiram e voltaram ao foco do debate, seja com o surgimento de movimentos nacionalistas, regionalistas, fundamentalistas, étnicos, direitistas e tradicionalistas. Conforme expressa Stuart Hall:

Entretanto, a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo do “global”, nem a persistência em uma velha forma nacionalista do “local”. Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se afinal mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus oponentes. Entretanto, isso também sugere que embora alimentada, sob muitos aspectos, pelo ocidente, a globalização pode acabar sendo parte daquele lento e desigual, mas continuado, descentramento do ocidente. (2005, p. 97)

No livro **Identidade e diferença** (SILVA, 2014), Kathryn Woodward narra uma história sobre um sérvio que está na guerra contra a Croácia (entre 1991 e 1995) e, quando perguntado sobre qual era a diferença entre aqueles povos, obteve a seguinte resposta: eram diferentes inclusive nos cigarros. Contudo, após breve reflexão, o sérvio diz que afinal de contas, eles não são diferentes, apesar de os croatas pensarem que são melhores que os sérvios.

Com base na história citada, é possível inferir que a identidade se constrói nas relações e que, para que eu conheça a minha identidade, é preciso conhecer uma outra e ver as diferenças daquela para a minha; portanto, “a identidade é marcada pela diferença” (WOODWARD, 2014, p. 9). No caso, os sérvios e os croatas, dois povos distintos, só conseguem se perceber pelas diferenças de suas identidades nacionais.

Suas identidades são marcadas pela diferença. “Essas identidades adquirem sentido por meio da língua e da linguagem, e, dos sistemas simbólicos” (WOODWARD, 2014, p. 8).

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar à resistência e fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade.

Kathryn Woodward (2014, p. 21) também cita a migração como um dos fatores que contribuem para a mudança das identidades, pois “produz identidades plurais”. Esse processo pode ser contestado, tendo em vista que, nas comunidades, países, localidades em que a migração ocorre, também aparecem muitas desigualdades.

Além disso, essas identidades alteram e são alteradas em seu entorno. São identidades sem nação e que vão se constituindo conforme vão vivenciando e acomodando as informações e sensações. Portanto, a crise da identidade é um reflexo do tempo vivido, da modernidade tardia, da globalização, das mudanças sociais, políticas e econômicas, em que as “velhas certezas” estão sendo questionadas. E esse questionamento, essa contestação, também auxilia na construção da identidade.

Entretanto, dentro das próprias nações ocorrem divisões e buscas pela identidade; e isso pode ocorrer, por exemplo, por meio de feitos do passado, da tradição, dos mitos. Contudo, até mesmo o passado pode ser questionado, pois resgata-se a história de quem? De quem a viveu? De quem a contou? De quem venceu a batalha por representação? De quem perdeu a batalha? E mesmo entre aqueles que viveram pode haver discordância na forma de percepção.

Woodward (2014, p. 29-31) cita Hall e argumenta que as identidades caracterizam-se por sua fluidez e não são fixas. Por isso, muitas identidades podem surgir em um mesmo país. Esclarece, por exemplo, que as classes sociais são diferentes do que já foram, e não se constituem mais da mesma forma. Os sujeitos preferem se inserir em identidades baseadas, na “raça, idade, etnias ou na sexualidade”, na justiça social e na identificação, com base nas preocupações ecológicas comuns, ou com os animais.

Além disso, as relações familiares mudaram e vem mudando também com as relações de trabalho e emprego, as mudanças na “produção e consumo de bens e serviços” (WOODWARD, 2014, p. 31).

Todas essas mudanças e transformações podem contribuir para que a identidade esteja em crise.

A complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. Podemos viver em nossas vidas novas e pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade, interfere com as exigências da outra. Um exemplo é o conflito existente entre nossa identidade de pai ou mãe e nossa identidade como assalariado. As demandas de uma interferem com as demandas da outra e com frequência se contradizem [...] (SILVA, 2014, p. 32)

A autora argumenta que, apesar de existirem duas correntes identitárias essencialistas, uma é baseada na “tradição” e nas “raízes da história” e a outra “natural”, “fixa”, que possui raiz na biologia, ambas possuem uma “concepção unificada de identidade” (2014, p. 37). Ainda cita Durkheim ao explicar que é necessária uma classificação para identificar qual é a diferença entre um e outra, e o que as distingue. E para isso são criados símbolos. Exemplifica utilizando a religião, que separa as coisas entre sagradas e profanas; “o sagrado é aquilo que é ‘colocado à parte’ e é diferente do profano”. Nesse sentido, a autora postula que “[...] as formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades” (WOODWARD, 2014, p. 40-41). E orienta que cada “cultura” tem seus modelos para “classificar o mundo”. Justifica que existe uma espécie de “consenso” a respeito disso. E são esses “sistemas partilhados de significação que se entendem por Cultura”. Nesse sentido:

a identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto das relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (WOODWARD, 2014, p. 41)

Tomaz Tadeu da Silva esclarece que a identidade e a diferença são atos linguísticos, conforme são identificados na teoria linguística de

Saussure, de acordo com a qual o sinal gráfico ou fonético só faz sentido porque existem outros sinais gráficos e fonéticos diferentes. Mais adiante, ele argumenta que os significados não são fixos, e que a linguagem, conforme Derrida, é marcada pela indeterminação e pela instabilidade. Os signos vazam. Isso significa dizer que a identidade e a diferença só são compreendidas porque existem outros, ou seja, sou brasileiro porque não sou argentino, e ser brasileiro carrega várias significações que não são fixas e que, portanto, são indeterminadas – “[...] em suma a identidade e a diferença são tão indeterminados e instáveis quanto à linguagem da qual dependem”. Portanto, para Silva (2014, p. 81), “a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva”.

[...] numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. No mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense “étnica” é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é “sexualizada”, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional a sua invisibilidade. (SILVA, 2014, p. 83)

Nesse caso, “a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído” (SILVA, 2014, p. 89-91). Sendo a identidade e a diferença representações, é importante dizer qual foi o tipo utilizado nessa definição, que foi a representação pós-estruturalista. Neste caso, ela é somente uma marca material, definida pela sociedade e, também, arbitrária, pois já está determinada.

Tomaz Tadeu da Silva cita Judith Butler para mostrar que existe a identidade e a diferença performáticas. Esse modelo seria aquela proposição que se transforma em fato. Exemplo: eu os declaro marido e mulher. Essa possibilidade também ocorre de forma negativa, quando, por exemplo, utilizamos a palavra “negrão” para nos referirmos a um sujeito masculino, pois essa palavra não somente descreve a pessoa, mas contribui para reforçar a negatividade atribuída a identidade negra. Silva (2014) argumenta que na repetição está a força que um ato linguístico desse tipo, tem no processo de produção de identidade.

Silva (2013, p. 26) cita Hall ao dizer que cultura significa o terreno real, sólido das práticas, representações, línguas e costumes de

qualquer sociedade histórica específica, bem como as formas contraditórias de senso comum que se enraizaram na vida popular e ajudaram a moldá-la.

O ato de ensinar existe há muito tempo. Em princípio com os pais, com a tribo, com os líderes e xamãs que detinham o conhecimento. Foi com a utilização do lúdico, do mágico como instrumentos para explicar os acontecimentos do mundo, a vida, que se ensinava nos primórdios da humanidade. Na antiguidade, os mitos foram utilizados como instrumentos para explicar questões como: quem somos? Para onde vamos? Porque existimos? Entre outras questões. E posteriormente, os filósofos utilizaram a razão para desconstruir os mitos, explicando nas ruas, escrevendo, ensinando outros a fazer o mesmo. Pode-se dizer, então, que os filósofos foram os primeiros professores em um sentido mais formal, profissional, mais próximo do que se vê hoje como profissão docente.

Quando um sujeito escolhe uma profissão, também está involuntariamente ou não escolhendo um grupo para fazer parte, para trabalhar em colaboração, para trocar informações, ações e vínculos. Ao iniciar sua vida profissional, além de ter escolhido o grupo do qual agora faz parte, também se identifica e se vê no fazer daquele grupo. Portanto, ao escolher um curso de licenciatura para ser professor, ou ao escolher a docência como profissão, mesmo sendo um profissional liberal, também esse profissional está se inserindo no grupo de professores e dos que atuam na educação (escolas, educandários, universidades, institutos, etc.).

O grupo profissional dos professores possui características distintas: eles atuam em estabelecimentos de ensino, elaboram planos de aula; elaboram material para a aula/disciplina; elaboram provas; fazem saídas a campo, organizam e participam de eventos escolares; fazem reuniões pedagógicas, conselhos de classe; corrigem as avaliações; participam de formação continuada; propõem projetos interdisciplinares; preenchem os diários; vivem preocupados com os alunos, com os rumos da educação no País, com as crianças, com os jovens, com os currículos escolares; andam sempre com provas para corrigir etc. São características que definem culturalmente quem são os professores. Além disso, a atuação docente exige pensar em novos modelos de educação, novas pedagogias que oportunizem uma melhor formação de ser humano, tendo como base a complexidade humana, e, que permita a construção de cidadania.

Foucault (1999) afirma que o poder se constrói nas relações. Também pontua que não existe um poder externo a nós, ele está nas relações. Todos nós temos poder – mesmo sob dominação, temos autonomia. Podemos exercer de forma consciente ou de forma rebelde. O poder pode ser negativo, positivo, construtivo ou destrutivo. Para o autor, não existe simplesmente a verdade como fato inquestionável, inalterável, mas existem regimes de verdade, construídos nas relações de poder que ocorrem em todos os espaços da sociedade. Os regimes de verdade permitem-nos operar por meio do discurso e dos processos de conhecimento, ensino, comunicação e convencimento.

Foucault (1999) postula que todos somos humanos, mas não somos todos iguais. Na ação política há um jogo de diferenças e desigualdades, sendo ação e discurso os modos pelos quais os seres humanos se manifestam. Desse modo, somente no jogo político é que o indivíduo consegue se posicionar, se afirmar e mostrar sua opinião para os outros, cada um afirmando sua individualidade, submetendo-se as determinações sociais, às vezes resistindo, sempre em sujeição à força da linguagem. Esse processo é ambíguo e reveste-se de um elemento coercitivo, mas também sedutor e de convivência. De modo que a violência e a docilidade se misturam na construção da subjetividade dos indivíduos.

Desse modo, o professor é, então, o instrumento (se é que se pode chamar assim) que faz a ponte entre o aprendiz e o conteúdo a ser aprendido, assim como em parte entre o aprendiz e o contexto social mais amplo onde a ciência é produzida, exterior à escola. Ele é quem inicia a construção da relação com o aluno. Ele constata a diferença e a igualdade e promove a aprendizagem a partir dessa percepção, construindo uma relação de diálogo entre as partes para permitir que a aprendizagem e o ensino ocorram.

É importante lembrar que, para Stuart Hall, a identidade não é fixa, ela se desloca conforme a necessidade, conforme os aspectos individuais, sociais e coletivos, ou seja, no caso dos sujeitos desta pesquisa, aqueles relacionados ao ambiente do professor, tanto em sala de aula, como em relação aos pais, aos colegas, aos familiares, à comunidade escolar, ao bairro, à cidade, aos amigos, enfim, a todas as suas relações. Em cada contexto, em cada situação, o professor terá que utilizar de sua representação de identidade, conforme a necessidade exigir.

Farias e Souza (2011) realizaram uma pesquisa cujo título é “Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre

formação de professores”, na qual analisaram cinco teses e cinco dissertações que tratavam do tema, e encontraram em seus estudos a percepção de que a identidade profissional docente inicia nos primeiros trabalhos de atuação em sala de aula e também nos processos conjuntos de atuação e formação continuada promovidos pelas instituições de ensino nas quais o professor trabalha, tendo em vista que essas formações são direcionadas para o que deseja e espera aquela instituição, da atuação docente de seu professor. E ainda,

Entretanto, de caráter mais ampliado, há objetivos que visam estudar a identidade ao longo de uma trajetória, com foco na profissionalização e percorrendo todo o caminho de escolha da profissão até sua efetivação nas ações educativas: “Pretendem-se reconhecer e analisar traços identitários construídos e reconstruídos ao longo do processo de profissionalização desde a escolha da profissão, formação inicial, inserção profissional e práxis educacional.” (Pandolpho, 2006). (FARIAS; SOUZA, 2011, p. 39)

Este último modelo apresentado atende aos interesses de nossa pesquisa, tendo em vista que a base de identidade utilizada aqui credita ao professor a possibilidade de ter construído sua identidade, em suas transformações, nas mudanças adotadas e percebidas na sociedade e inseridas na cultura vivenciada e experienciada por esse profissional.

No estudo de Farias e Souza (2011, p. 41-42), foram analisados os conceitos de identidade apresentados por quatro autores, quais sejam: Ciampa (1987), Dubar (1997), Bauman (2005) e Hall (2006), constatando que os dois primeiros têm conceitos diferentes dos dois últimos. Entretanto, todos compreendem que a identidade é um processo inacabado, complexo e que está em constante tensão entre o “sujeito histórico e as condições materiais em que vive”. E encerram o artigo citando Hall (2006): “não é possível oferecer afirmações conclusivas sobre o que é identidade, visto tratar-se de aspecto complexo, que envolve múltiplos fatores”.

Neste trabalho, a identidade cultural é percebida como uma construção progressiva e permanente, ocorrida durante a trajetória profissional vivida pelo professor, diante das dificuldades encontradas, das diferenças, dos outros eus com os quais teve de lidar, dos grupos sociais com os quais esteve vinculado, das posições de atuação enquanto

docente e gestor, das políticas educacionais, da família e das mudanças ocorridas no mundo e na sociedade em que vivemos. Trata-se de uma identidade multifacetada, mas sólida. Uma identidade individual, mas construída no coletivo e nas semelhanças e diferenças encontradas durante o percurso da vida.

A identidade profissional é entendida como uma identidade que é transformada e transformadora, como um agrupamento de possibilidades, habilidades, atividades, percepções, sensações, ética, passado, valores e especificidades que podem tornar uma pessoa única e complexa em seus saberes e fazeres. Em suma, a identidade profissional é uma característica das mais fortes do ser humano enquanto participante de uma sociedade ou grupo, visto que o distingue. Neste sentido, considera-se que a identidade profissional docente é muito complexa e individual, apesar de construída no coletivo e em constante transformação; e pela sua característica de preocupação com o indivíduo, uma das mais altruístas e, portanto, inspiradora para todos.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO

Esta é uma pesquisa de natureza básica, numa abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa procura responder questões particulares, focalizando o universo de significados, de valores e opiniões dos grupos envolvidos em relação a um fenômeno social (MINAYO, 2002). Já a pesquisa exploratória, para Gil (1991), proporciona proximidade com o problema, tendo por objetivo torná-lo mais claro, construindo hipóteses, ideias além de descobertas intuitivas.

A profissão docente vem sendo estudada há muito tempo, e muitos trabalhos têm sido desenvolvidos sobre o tema, com diversas possibilidades e caminhos. Neste estudo, a profissão docente é o pano de fundo para entendermos a identidade docente que foi construída ao longo da história de vida de duas professoras. Segundo o dicionário Michaelis *online*, professor é:

Indivíduo que professa sua crença em algum princípio filosófico ou religioso; aquele que leciona em algum estabelecimento de ensino; docente, mestre, prô; indivíduo que se dedica a dar aulas sobre certo tema; professor; aquele que tem diploma de professor; aquele que tem vasto conhecimento sobre determinado assunto; que professa; profitente; cuja função é lecionar; com título de professor em alguma área de conhecimento.¹

A sociedade entende que professor é aquele que ensina uma disciplina, uma turma. Entretanto, sua atividade ensinadora vai muito além do conteúdo disciplinar, e envolve diversos aspectos da cultura, da reflexão e da formação humana. De acordo com o Dicionário Aurélio, professor é: “1) Aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina; mestre. 2) Homem perito ou adestrado. 3) Aquele que professa publicamente as verdades religiosas” (AURÉLIO, 1999, p. 1644).

Atualmente, a profissão docente está descrita conforme a LDB - Lei n. 15 o 9.394/1996 em seu Art. 13. Segundo a Lei, os docentes incumbir-se-ão de:

¹Dicionário Michaelis *online*. Disponível em:
<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=4bGNp>

I – Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

II – Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

III – Zelar pela aprendizagem dos alunos;

IV – Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;

V – Ministrando os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;

VI – Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Na Classificação Brasileira de Ocupações, na atividade de professor de ensino superior mais generalista consta:

Ensinam, articulando o processo de ensino-aprendizagem na formação de profissionais da educação; planejam atividades relativas a cursos e pesquisas; realizam pesquisas científicas sobre o campo educacional; supervisionam formação pedagógica em estágios; orientam alunos; avaliam o trabalho acadêmico científico; coordenam atividades de ensino, pesquisa e extensão. Produzem material de trabalho; prestam atendimento às demandas da comunidade na área da educação escolar e não-escolar (educação formal e informal); participam de atividades administrativas, atualizam-se na área e comunicam-se oralmente e por escrito.²

² Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Disponível em: <https://empregabrasil.mte.gov.br/76/cbo/>

Os Parâmetros Curriculares Nacionais auxiliam de forma abrangente nas orientações sobre o que e como ensinar, tendo em vista que são norteadores de atividades a serem realizadas em sala de aula. Por isso, servem de modelo orientativo para os estados e municípios sobre os currículos a serem desenvolvidos nas escolas. Evidentemente, esses parâmetros são revisados pelos novos direcionamentos políticos expressos nas novas orientações da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para entendermos como foi a trajetória docente e como se construíram enquanto docentes, foram selecionadas duas professoras que já tivessem se aposentado, por considerarmos que ao longo do tempo acompanharam diversas mudanças e posicionamentos da educação no Brasil, em seu tempo de atuação docente. Os diferentes saberes advindos dessas narrativas de experiências ocorridas durante toda a vida profissional das professoras entrevistadas podem significar a valorização da profissão de professor, sobretudo se proporcionar reflexão sobre a prática, se provocar discussões e se permitir a criação de novos modelos de se trabalhar a educação.

Segundo o Dicionário on Line de Português³, gestão é:

Ação de gerir, de administrar, de governar ou de dirigir negócios públicos ou particulares; administração. Função ou exercício da pessoa responsável pela administração; gerência. Período de tempo em que um político exerce o seu mandato: o governo atual culpa a gestão anterior.

A gestão neste trabalho serviu como pano de fundo para entender a multiplicidade de atividades possíveis dentro da profissão docente e por isso, não foi aprofundada. Contudo, foi muito bem descrita pelas entrevistadas em suas memórias e modos de fazer e compreender gestão.

Sobre a aposentadoria, pode-se dizer que as políticas públicas oferecidas ao aposentado brasileiro pertencem ao modelo capitalista e promovem, de certa forma, a desigualdade social. Portanto, aposentar-se pode ser uma decisão adiada, pois a renda obtida durante a vida profissional torna-se muito diferente quando o professor se aposenta,

³ Dicionário on line de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gestao/>

principalmente se for um funcionário do regime celetista e que recebe sua renda da Previdência Social.

A situação social provocada pela aposentadoria é uma coisa nova na vida da pessoa e representa, a partir do século XX, a condição da maioria dos trabalhadores assalariados do mundo. No Brasil, inicialmente, a aposentadoria beneficiou os operários, conforme havia acontecido na Europa e nos EUA. E a proteção ao idoso trabalhador despertou alguns movimentos em favor da criação de órgãos de apoio e de legislação previdenciária (FRANÇA, 1999).

A intenção do presente trabalho foi pensar em como ocorreu a trajetória profissional das professoras pesquisadas na transição entre a identidade docente e a atuação na gestão da educação a partir dos relatos de suas memórias, bem como verificar, a partir dos relatos, se a experiência como professora contribuiu para a atuação na gestão em educação; entender, a partir do olhar do gestor, como ocorreu a mudança da identidade; analisar objetos de evocação de memória possivelmente utilizados nas entrevistas; comparar e contrastar os depoimentos em busca de similaridades e diferenças.

A maioria dos fenômenos que são objeto de estudo da educação não podem ser vistos como objetos, porque seria um ato de reducionismo em relação à pessoa, e não é possível separar a pessoa de sua subjetividade. Holly (1995) afirmou que não há como separar os professores do que eles são, do que são como pessoas e das suas histórias de vida. Não há como separar um e outro.

Outro aspecto importante a ser levado em consideração é a separação que há entre o mundo ficcional e a realidade social, histórica. Essa é uma das questões mais discutidas pelos teóricos da biografia. O texto autobiográfico parece pressupor, segundo Lejeune (2014), um compromisso com a realidade histórica e, portanto, uma redução proposital do aspecto imaginativo, ficcional a um mínimo necessário. Tudo isso fica selado pelo pacto autobiográfico, que é uma noção construída por Lejeune depois de anos de pesquisa no campo da escrita de si. As entrevistas realizadas para este trabalho constituem discursos sobre si, depoimentos, textos autobiográficos no sentido mais pleno do termo. O pacto está implicitamente presente, ainda que a memória possa falhar, e falha. O depoente crê estar dizendo a verdade, estar operando num regime de verdade, e assim deseja ser ouvido.

A escola pode ser objetivada, mas as pessoas que estão lá, os sujeitos da escola, trazem a subjetividade em si. Entretanto, a educação mudou a partir da mudança da história (BENJAMIN, 1987). Os estudos

da escrita demonstram que não é a objetividade que importa, mas sim a subjetividade presumida ou assumida como tal; e aquilo que é importante para o sujeito pode ser importante para o pesquisador e para a própria educação, entendendo-a como em movimento constante de aperfeiçoamento e adaptação às mudanças culturais e sociais, conforme a passagem do tempo e as novas tecnologias. Isso não quer dizer que devamos tomar como verdade factual tudo o que encontramos numa autobiografia ou relato autobiográfico, mas tais relatos pressupõem um compromisso em dizer a verdade ou a partir de um certo regime de verdade.

Por questões de tempo, optou-se por realizar apenas uma entrevista, com a duração que fosse necessária. Em princípio havia-se pensado em solicitar às professoras que trouxessem algum objeto que lhes suscitasse à memória lembranças de sua atuação docente para que a narração da história por trás desse objeto e o que esse objeto os fazia lembrar ajudasse na recuperação da memória. Entretanto, essa ideia foi descartada tendo em vista que já estávamos no limite do tempo para a apresentação e não havia mais possibilidade de aprofundar o trabalho neste quesito. De qualquer modo, como o convite já havia sido feito primeiramente com essa observação, uma das entrevistadas trouxe diversos objetos que a auxiliaram na construção das memórias de sua trajetória, aparentemente, tornando mais fácil contar sua história, por meio do objeto e da importância na sua atuação, na sua construção docente, na sua identidade docente.

Um dos momentos mais delicados deste trabalho de pesquisa é o da entrevista, pois é ali que o discurso é elaborado num exercício operado pela memória. Grazziotin e Almeida (2012, p. 39) defendem que

Há que se considerar que a entrevista, como afirma Portelli, é uma invasão à privacidade do outro, afinal, interfere -se no cotidiano das pessoas e toma o seu tempo. O autor defende a importância de o pesquisador, durante a entrevista, mostrar-se aberto, falar um pouco sobre si, evitar atitudes impessoais e distantes e manter uma abordagem cortês como uma espécie de “protocolo para o trabalho em campo” (1981, p. 22). Assim fica clara, a natureza interpessoal da entrevista, pois pesquisador e narrador

estabelecem uma relação dialógica em que ambos podem perguntar e responder.

No caso deste trabalho, foi sugerido como local das entrevistas, a sala de estudos da biblioteca Eurico Back da Universidade, local que foi prontamente aceito pelas professoras entrevistadas, considerando que já haviam atuado na docência no ensino superior da universidade, o que pode ter facilitado na lembrança de fatos ocorridos durante a atuação docente das professoras. Sobre o local da entrevista, Grazziotin e Almeida (2012) argumentam que um ambiente que permita a evocação das memórias é o mais adequado, tendo em vista que colocam o sujeito mais próximo de suas vivências e experiências, facilitando a busca pelas memórias que serão lembradas e narradas pelo entrevistado.

As autoras ainda orientam sobre prestar atenção em movimentos, gestos, atitudes, anotar aquilo que é percebido e não é dito, entonação de voz, emoções, pois são atenções metodológicas que devem ser observadas e registradas para melhor análise posterior das entrevistas.

Também foi solicitada a assinatura de termo de compromisso livre e esclarecido aos participantes da pesquisa. Grazziotin e Almeida (2012, p. 44) afirmam que:

Trabalhar com memórias, transformá-las em documentos, tanto produzindo entrevistas, como utilizando acervos, são dois modos de promover exercícios de investigação. Os usos que se pode fazer do testemunho oral é um novo impulso para a superação e para o conhecimento recriado de uma possibilidade historiográfica [...].

De acordo com o comentário de Otto (2012), citando Nora, a memória não existe mais como a víamos anteriormente, pois habita em lugares de memória, tais como arquivos, museus, músicas, fotos, culinária, festas comemorativas entre outros. É da mesma forma que a história também se ancora em acontecimentos.

Além disso, vale destacar três aspectos fundamentais que ajudam no direcionamento de pesquisas desta natureza: todo o conhecimento será sempre parcial, a realidade é uma construção, a identidade é sempre um estado em processo. Desta forma, a utilização de depoimentos ou

relatos de alguém sobre si mesmo, tem como objetivo, menos a busca da verdade, e muito mais a identificação das condições de possibilidade, para que determinada narrativa possa emergir enquanto discurso. (WEIDUSCHADT e FISCHER, 2009, p. 71)

Compreendendo a parcialidade do conhecimento, para atingir os objetivos desta pesquisa foi organizada uma entrevista semiestruturada que serviu de base para a condução da entrevista, na busca por memórias que ilustrassem e respondessem as indagações deste trabalho, que se configurou da seguinte forma:

1. O que você lembra da professora que foi?
2. Como foi essa trajetória?
3. De que maneira ocorreu a sua transição da docência para a gestão da educação?
4. O que você lembra da gestora que foi?
5. Como foi essa trajetória?
6. Sua trajetória foi planejada ou aconteceu?
7. Durante esse percurso houve muita mudança, muita transformação, muita adaptação?
8. Quais foram os principais desafios enfrentados durante essa trajetória?
9. Em que a experiência como professora contribuiu para a atuação da gestora?
10. Sente-se realizada em sua atuação profissional quando olha para trás?
11. Que coisas você mudaria em sua atuação?

Durante a entrevista, não foi apresentado o questionário às entrevistadas, contudo, quando elas não revelavam alguma das informações que procurávamos, a pesquisadora entrevistou e questionou especificamente a questão, ou então, incentivou a responder aspectos relevantes para a pesquisa. Conforme Cunha (1997, p. 186),

Dependendo dos objetivos do investigador, discutir com os sujeitos das narrativas o perfil de sua narração pode ser um exercício intensamente interessante, capaz de explorar compreensões e

sentimentos antes não percebidos, esclarecedores dos fatos investigados.

Para embasar o trabalho, foram escolhidos os autores Stuart Hall (2005), Tomaz Tadeu da Silva, tratando de identidade; Ecleá Bosi (1998), Grazziotin e Almeida (2012) e Clarícia Otto (2012), para falar de memória; e, ainda, António Nóvoa (2000) com o livro **Vida de professores**. Foram escolhidos esses autores por considerar que o professor atua na formação de indivíduos que se constituem culturalmente e que constroem suas identidades a partir de sua cultura, sendo o professor um dos instrumentos dessa construção. Isso sem esquecer que o professor já foi aluno também e que, portanto, também teve a influência de professores em sua formação identitária, tanto como indivíduos, como professores. Além disso, eles foram fundamentais na análise dos dados coletados durante a entrevista.

A análise foi feita com base nos autores mencionados, mas foram inseridos novos nomes para ajudar a compor a fundamentação teórica deste estudo. Em princípio, a ideia foi apenas ouvir as histórias dos entrevistados de forma livre, sem muita interferência, para que se pudesse obter um resultado positivo de recordações e histórias. A entrevista foi gravada e posteriormente descrita para que as análises pudessem ser feitas de forma adequada.

Após a verificação das transcrições, foi possível fazer uma categorização para a análise, utilizando-se do questionário da entrevista semiestruturada, tendo em vista que o objetivo é somente conhecer essas histórias de vidas de professoras atuantes na região do extremo sul catarinense e que influenciaram de alguma forma, muito mais que seus alunos, mas também as pessoas da comunidade regional. É certo que todas foram influenciadas também pela vivência docente, visto que essa é uma profissão que atua diretamente com a formação de cidadãos e que permite aos alunos as diversas possibilidades que o mundo pode oferecer no sentido de sermos cidadão melhores e atuantes junto a nossa vida e a nossa comunidade.

Weiduschadt e Fischer (2009, p. 71) orientam que

História de vida tem sido uma alternativa metodológica adequada quando se intenta articular a dimensão individual, ou seja, a vida Experimentada por determinada pessoa, aos fenômenos sociais mais amplos. Vida aqui não é

encarada apenas como um conjunto de eventos, mas como acontecimento vivido num determinado tempo e lugar(es) e sobre algumas circunstâncias.

Considerando que essa pesquisa não tem cunho jornalístico ou literário, as autoras orientam para cuidar no que diz respeito a não romantizar e transformar o sujeito da pesquisa em herói, atendo-se principalmente a relatar os fatos, evidenciando as questões sociais, políticas e econômicas dos fatos narrados, para melhor compreensão da diversidade que é o ser humano (WEIDUSCHADT; FISCHER, 2009).

4 IDENTIDADES EM TRANSIÇÃO

Este capítulo apresenta as análises e discussões concebidas, a partir das entrevistas, direcionando aos objetivos geral e específicos, de modo a responder o que se propôs neste estudo, tendo em vista a relevância de um pensar crítico da história recente de professores na cidade de Criciúma e da região sul de Santa Catarina ao revelar a construção da história da educação da nossa região.

Para verificarmos o alcance dos objetivos propostos na pesquisa optou-se por analisar as respostas e as relações estabelecidas com estas, nas indagações e nas elocuições que emanaram durante as entrevistas. Para tanto, as questões da entrevista semiestruturada servirão como categorias de análise desta pesquisa, por entender-se que dessa forma se conseguirá obter um resultado que se direcione à questão-problema.

4.1 AS MEMÓRIAS DA PROFESSORA VERA MARIA SILVESTRE CRUZ

“Ser professor é uma escolha e também uma missão, pois não é fácil. É necessário dedicação, boa vontade, motivação, desejo de ensinar”.

(Vera Maria Silvestre Cruz)

A citação acima configura-se numa enunciação proferida pela professora Vera Maria Silvestre Cruz ao narrar sua trajetória profissional durante a entrevista realizada para a pesquisa. Essa elocução da professora já demonstra como foram os relatos, bem como direciona aos valores axiológicos com os quais ela percebe a profissão docente e sua própria história de docência e gestão na educação.

O primeiro contato com a professora Vera surgiu em uma conversa informal em um evento do qual ambas estávamos participando. Ao conversar com a professora Vera, ela se mostrou muito gentil, aceitou prontamente e se colocou à disposição para quando eu quisesse fazer a entrevista. Após alguns dias, precisamente em 9 de setembro de

2019, retornei o convite à professora e esta respondeu que poderia, sim, atender-me, inclusive naquela semana.

O aceite da professora trouxe-me boas expectativas, tendo em vista que ela é uma professora que atuou na educação por muitos anos, como professora e gestora. Inclusive esteve por bastante tempo trabalhando como professora e gestora na UNESCO. Apesar de não termos atuado juntas muitas vezes, quando havia alguma oportunidade a professora sempre foi muito solícita, competente, gentil e atenciosa. Além disso, atende ao perfil almejado por esta pesquisadora para este estudo.

A entrevista ocorreu em uma quarta-feira, dia 11 de setembro de 2019, às 14h, na sala três da biblioteca da Universidade - UNESCO. Ela chegou pontualmente, trazendo consigo vários objetos que lhe traziam recordações do tempo de atuação profissional, bem como de sua formação.

Trouxe um álbum com fotos do período de estudante, da formatura e de outras épocas; uma placa que recebeu do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina – o Diploma de Mérito Educacional; o discurso pronunciado na premiação; o convite de formatura em Pedagogia; o discurso de oradora que foi na época; um troféu em homenagem pelos 40 anos do curso de Pedagogia da Universidade; um estojo de professor, contendo um apagador, uma caneta marca-texto; bilhetes de ex-alunas; bilhetes de crianças de suas alunas, quando estava em observação das orientandas; o crachá da Unesc; cartões de agradecimento por palestras ou minicursos; foto do evento pelos 40 anos da Unesc; carimbos da época de gestora; diplomas de graduação, especialização e mestrado. Uma verdadeira história em objetos.

Os objetos trazidos pela professora auxiliaram a trazer à tona suas próprias histórias, seus discursos, sentimentos e até a sua materialidade. São de muito valor para a professora e possuem um valor afetivo, de reconstrução da memória (BOSI, 1998), entendendo-se que a memória tem a competência de guardar e (re)lembrar vivências do passado, daquilo que já foi vivido anteriormente.

Ao mostrar os objetos e principalmente as fotografias, a professora movimentou sua imaginação e nutriu seu imaginário para o passado. Peres e Brandão (2009, p. 40) afirmam que “a fotografia é, portanto, uma imagem que aciona o ausente, presentificando as memórias que nos fundam como sujeitos, baseados nas lembranças dos fatos, nas vivências”.

Figura 1: Foto de formatura da graduação em Pedagogia da professora Vera (1973)



Fonte: Acervo da professora Vera

A professora ficou à vontade e contou sua história com apoio dos objetos que trouxe e das perguntas feitas pela pesquisadora. A entrevista teve a duração de 1h31min. Nesse período, foi explicado o objetivo da pesquisa, e solicitada a assinatura do termo de compromisso livre e esclarecido. Ainda houve outro momento, posterior à entrevista, no qual a professora optou por enviar um arquivo de áudio, complementando uma informação que ela gostaria de incluir na entrevista.

A professora Vera mostrou-se à vontade durante a entrevista e a condução ocorreu de forma tranquila. Ela trouxe os objetos e, por meio deles, foi relatando suas narrativas de vida. Posteriormente, ela foi respondendo e buscando as informações de outra forma, sem o auxílio das informações contidas nos objetos.

Sobre esse aspecto, vale lembrar que, ao falar de si, o indivíduo revela sua dimensão pessoal, subjetiva e, ao relembrar fatos de sua trajetória, pode construir ou reconstruir o vivido, de modo a dar sentido ou significado às suas memórias (BOSI, 1998). Neste sentido, pode-se dizer que os objetos trazidos pela professora contribuíram para a evocação de memórias e a (re)significação das suas experiências de modo a facilitar a sua narrativa.

A conversa na entrevista iniciou da seguinte forma:

Vera - Trouxe umas coisas. Tem aqui, quer ver?

Pesquisadora - Trouxe bastante coisa!

Vera - Trouxe até o meu álbum! Meu álbum!

Pesquisadora - Ah! Que maravilha.

Vera - Depois se você quiser olhar as fotos?

Pesquisadora - Aham! Que maravilha professora!

Depois eu vou bater foto, tá?

Vera - Essa é minha dissertação do mestrado.

Pesquisadora - Humm! Avaliação da aprendizagem: Manifestações sobre a prática pedagógica e o discurso de novas possibilidades. Que legal! Fez na UDESC?

Vera - Foi.

Pesquisadora - Nossa! Faz tempo né professora, foi em 2004.

Vera - Faz né? Então, em junho do ano passado, o professor Gildo⁴ ele é do conselho né?

Pesquisadora - Aham!

⁴ Gildo Volpato, ex-reitor da Unesc.

Vera - Aí tem um tal de mérito educacional para professores que militaram a vida inteira. - E eu fui agraciada.

Vera - Nesse mérito daí tem... Eu até imprimi o discurso do celular, depois se você quiser eu posso te passar depois. Ele conta toda a minha trajetória aqui ó, quer ver?

Começa aqui ó....

Eu com 16 anos.

Eu tinha uma professora. Dona Zulcema⁵!

Eu acho que isso aqui, daí eu posso colocar né?

Pesquisadora - Ah que lindo!

Vera - A dona Zulcema era minha professora de Português.

Pesquisadora - Aham.

Vera - E ela também era na época chamada inspetora de ensino. Era como se fosse a coordenadora da CRE hoje, da GERED, sei lá como que agora é o nome.

Então, a Dona Zulcema, além de ser minha professora...

(Isso aqui eu vou deixar contigo, não precisa você... e te mando depois pelo celular se você quiser ler). Eu gostava, eu era boa de escrita, de redação, assim, de escrita, escrevia bem. Não gostava de Matemática, mas de Português eu gostava.

Daí ela um dia disse assim: Você tem um jeitinho de professora. Você não quer dar aula? Aí eu disse: eu quero!

Daí era lá na escola Miguel Giaca.

Guria, era um fim de mundo, esse Rio Maina, né!

Daí eu fui. Era só uma substituição só. Aí o critério dela foi esse. Então, você escreve bem e

⁵ Ela se refere a professora Zulcema Póvoas Carneiro, que foi professora da primeira escola particular de Criciúma: Escola Póvoas Carneiro, 1940-1960. D. Zulcema ainda é viva e está com 100 anos. Sobre a escola, há uma dissertação defendida no PPGE da Unesc: OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Cuidando dos bem-nascidos: o Curso Particular Póvoas Carneiro e a escolarização das elites no Contexto de Urbanização e Modernização de Criciúma/SC (1940-1962)**. 144 p. Dissertação de Mestrado – Universidade do Extremo Sul Catarina (Unesc). Criciúma, 2008.

tem jeito para professora. Ela não quis nem saber se eu gostava ou não gostava. Mas eu fui.

A partir do exposto transcrito acima, observa-se que a professora Vera chegou solícita a contar suas histórias e a dividir com esta pesquisadora como ocorreu a sua trajetória profissional, desde o início de sua formação como docente. E já, antecipando, podemos observar nesse recorte que a profissão docente, para essa professora, iniciou de forma repentina, e antes de completar sua formação.

Em suas memórias, ela relembra que desde pequena desejava ser professora. Portanto, o convite feito por D. Zulcema veio ao encontro de seus desejos e aspirações, mesmo que naquele momento, ela ainda não tivesse consciência disso.

Bom, quando eu... eu era pequena, eu já dava aula para os meus coleguinhas que moravam na minha rua. Era professora já. E dava aula para eles, desde pequena assim, e sempre gostei, nunca pensei em ser outra coisa que não fosse professora.

Nesse fragmento vê-se como a memória do sujeito opera a partir da sua vida social, dos seus relacionamentos, algo destacado por Halbwachs (OTTO, 2012; BOSI, 1998). As vivências se dão na interação entre o individual e o coletivo. As memórias guardadas na mente e expressas no discurso são ressignificadas no tempo presente, no exercício ativo da rememoração (OTTO, 2012). Esse tipo de memória poderia ser classificada, nos termos de Radvány (2006) como memória de longa duração episódica, visto que inserida no contexto de sua narrativa de vida.

A profissão docente é uma das primeiras profissões que temos contato fora da família, quando criança. Além disso, marca todo um período de expectativas de aprendizagem e encantamento com as letras, com o universo da escrita e leitura e que na narrativa da professora parece emergir em suas memórias.

É com esse início de conversa e com vistas a buscar as respostas daquilo que se delineou para esta pesquisa, que expusemos as perguntas da entrevista semiestruturada e alinhamos aquilo que foi dito pela entrevistada para cada tópico abordado.

4.1.1 Lembranças da professora que foi

Durante as interlocuções na entrevista, a professora foi revelando detalhes de sua atuação e de como realizava as suas práticas docentes. Como se observa no trecho a seguir. Neste recorte, ela descreve como ficava preocupada com os alunos e quanto ao modo como poderia ajudá-los para que aprendessem e pudessem seguir em frente, chegando a levá-los para sua própria casa no intuito de que compreendessem o conteúdo aplicado.

Como eu era professora, eu acordava pensando nos meus alunos na melhor maneira de eles aprenderem. Como será que eu ia dar esse conteúdo para aqueles que tinham mais dificuldades? Me lembro que quando eu dava aula no Lapagesse⁶ tinha crianças que tinham dificuldade em matemática e eu levava eles pra minha casa. E dava aulas para eles fora, né. Daí, não tinha aula de recuperação como tem hoje. Eles iam lá para minha casa e eu ensinava lá. Né!

António Nóvoa (2000, p. 15) destaca três aspectos que sustentam a identidade dos professores: adesão, ação e autoconsciência. Por adesão, Nóvoa sugere assentimento dos professores princípios, valores e projetos que objetivem o desenvolvimento das potencialidades das crianças. Por ação, entende as escolhas pedagógicas e metodológicas que tem de fazer. Por autoconsciência, entende o processo reflexivo do professor sobre sua própria ação. Tratam-se, portanto, de inúmeras escolhas a serem feitas pelo sujeito que deseja ser professor. Tais escolhas e ações parecem presentes no relato da professora Vera, na medida em que ela escolheu acolher seus alunos e desenvolver seu potencial aprendente.

A reflexão é uma das ações praticadas pela professora Vera em seu fazer cotidiano e, dessa maneira, buscava novas formas e metodologias de ensino, impregnando sua prática com suas características pessoais. Percebem-se algumas características evidenciadas pela professora Vera quando rememora suas práticas, tentando mostrar através do seu fazer como era e como enxergava sua atuação, considerando o tempo que esteve em sala de aula,

⁶ E.E.F. Prof. Lapagesse está localizada à Rua: Marechal Floriano Peixoto, 255, Centro. CEP: 88801-040. Criciúma - Santa Catarina e atua no ensino fundamental I e II.

E eu queria que eles aprendessem. O objetivo é se eu tô aqui é porque eu tenho uma missão. A minha missão é ensinar. Mas não basta só ensinar. O meu aluno não aprende. Ele tem que aprender aquilo que eu ensinei. Então, eu fazia todo possível. Difícil eu acho que não me lembro de ter reprovado aluno. Nenhum.

No trecho selecionado está a declaração surpreendente de que ela não reprovou aluno em toda a sua jornada. Considerando que a professora atuou por mais de trinta anos na educação como educadora e gestora, as reverberações do recorte acima mostram-se significativas para o entendimento da construção profissional da entrevistada. Salienta-se que, mesmo durante os períodos de gestão, ela continuava em sala de aula, pois entendia que essa era a sua profissão e tinha compromisso com ela.

Ao observar a construção dessa profissional enquanto professora, emerge uma questão importante e reflexiva: Como pode ela, em todos esses anos, nunca ter reprovado um aluno? A partir de sua resposta, observa-se o comprometimento ético e os valores axiológicos presentes nessa profissional e mulher. Em sua resposta, ela relata calmamente: “Em todos esses anos, porque eu não deixava acumular dificuldade. Quando eu via que tinha dificuldade, eu interferia”.

Conforme Nóvoa (2000), cada professor tem o seu modo de agir em sala de aula, cada professor constrói a sua prática, procurando sempre aquelas que melhor se ajustam a sua personalidade e estilo, e que atinjam o objetivo almejado. Afinal, “[c]ada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma segunda espécie de segunda pele profissional” (p. 16).

A entrevistada conta que, durante o período em que esteve atuando como professora da graduação, houve uma vez que, ministrando uma disciplina de Filosofia a uma das turmas, havia algumas meninas que apresentaram dificuldades ao compreenderem o que seria “dialética”, “materialismo histórico dialético”, apesar de a professora explicar por muitas vezes. Então, como a aula começava às 19h, ela convidou as alunas para chegarem mais cedo, às 18h30min., para que pudessem compreender melhor, e elas vieram. Vera comenta:

Aí eu dava 30 minutos antes da aula só para essas cinco, porque eu não me conformava. Eu dizia para elas que elas, que não podiam sair da Universidade sem saber o que era o materialismo dialético; por que era o básico, ainda mais por que a proposta curricular de Santa Catarina é baseada nessa teoria, né, tem esses fundamentos.

– Como é que vocês vão dar aula baseados nessa lógica, se vocês não sabem direito o que é?

Observa-se que, para a professora Vera, o importante era o aluno sair da universidade ou do colégio tendo apreendido o conteúdo, entendendo que todos os conteúdos são importantes para sua posterior atuação profissional, relacionando ao seu fazer, à sua prática. Em seu relato, essa preocupação com o aluno e sua aprendizagem é uma constante, mas nesse caso específico ela relata:

Aí, quando elas entenderam eu fiz, então, uma prova, entrando nas questões de novo para ver se elas entendiam, se sabiam dizer o que era, falar com as palavras delas e dar exemplos. Tu só entendes uma coisa quando tu consegues compreender e dar exemplos daquilo. Daí elas deram, então eu disse: “Foi”. A minha preocupação era essa em todos os momentos.

Nas lembranças da professora, sobressai a representação do educador como um ser totalmente engajado com o processo de aprendizagem pelo qual o aluno tem de passar. A partir do recorte da entrevista acima, remete-se ao papel do professor enquanto responsável pela aquisição de conhecimento daquele aprendiz. A maneira de ensinar é de cada um, e essa prática revela aspectos pessoais do professor, porque fará toda a diferença na escolha das estratégias de ensino que serão adotadas para o alcance dos resultados esperados (Nóvoa, (2000).

Em seu artigo intitulado “Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias”, Pereira (2000) pontua que o indivíduo, ao narrar sua história, ele próprio se dispõe a contar sua vida e a revelar da melhor maneira que lhe parecer, tendo em vista que detém o controle sobre o seu vivido e sobre suas memórias. Entretanto, na profissão docente, o outro é quem dá a orientação de como prosseguir no processo, pois é necessário investir esforços para que ele entenda e

construa significado no seu aprendizado, utilizando os recursos de que dispõe, a partir de sua realidade. Nesse sentido, o professor assume o papel de mediador no desenvolvimento do aluno.

A professora Vera ressalta, ainda, em sua narrativa que sua preocupação era a de que o aluno pudesse sair das aulas sem compreender os conteúdos. Portanto, ela se descreve como uma professora que teve o compromisso de educar, de formar, de ensinar os conteúdos aos quais se propunha. A aprendizagem desse aluno estava sempre em primeiro plano.

Então, quer dizer eu olhava para uma sala de 30 e pensava: “Aqui tem 30 jeitos de aprender, eu vou ter que me adaptar aos novos jeitos, não eles se adaptarem ao meu jeito de ensinar”. Então, minha lógica sempre foi essa. Graças a Deus! Assim os alunos aprendiam! Eu gostava do que eu fazia. Sempre gostei muito. E aí refletia. Eles sentiam que a gente se interessava. E assim as avaliações que eu fazia foram bem boas, bem positivas.

A partir do excerto constata-se que, conforme Nóvoa (2000), a identidade docente é um lugar de escolhas importantes, e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. É um espaço de definição de como se sente essa profissão de professor.

Entendendo a importância das evocações no processo de construção identitária da profissional e suas reflexões, emerge a seguir o próximo tópico.

4.1.2 A trajetória da professora

A trajetória docente de um professor pode começar desde as influências à escolha da profissão, até a sua aposentadoria, como foi o caso da professora Vera. É assim que ela a vê, pois conta que desde menina queria ser professora e já dava “aulas” para os coleguinhas que moravam em sua rua. Já se sentia professora: “dava aula para eles, desde pequena assim, e sempre gostei, nunca pensei em ser outra coisa que não fosse professora”. Isso parece confirmar o que dizem Faria e Souza (2011) ao mencionarem que existe um pensamento segundo o qual a identidade é construída a partir da formação inicial, principalmente na

convivência com uma prática docente marcante, que auxiliaria na formação de uma trajetória profissional diferenciada.

Professora Vera conta que, como morassem em Meleiro (SC), quando encerrou o quinto ano, que era o que havia naquela época, os pais resolveram se mudar para Criciúma (SC), para que os filhos pudessem estudar. Então, ela foi para o Colégio Lapagesse, e terminou o Ginásio. “Aí eu fui para o Lapagesse, né! Terminei o ginásio normal, era ginásio... normal regional. Era uma preparação para professor, assim em nível bem primário. A gente só podia dar aula, assim para primário, mais nada”.

Depois desse período, Vera cursou o Normal, que atualmente é conhecido como Magistério em nível de ensino médio. Nessa época começou a trabalhar no Colégio Michel⁷ e fez concurso para trabalhar em escolas do Estado de Santa Catarina, e passou. Naquela época, segundo a professora, era possível dar aulas como concursada no Estado, sem ter concluído o segundo grau. Como o pai não permitia que saísse para estudar fora, aguardou até que saísse a faculdade de Pedagogia na região. Então, em 1970, foi aprovada em concurso vestibular e cursou Pedagogia em duas habilitações, para supervisão escolar e orientação educacional e administração.

⁷ O Colégio Michel pertence à Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência, que tem como fundadora Madre Teresa Grillo Michel. A Congregação veio para o Brasil a partir de 1900 a fim de contribuir com a reforma da Igreja Católica. A vinda das irmãs para a realização de trabalhos assistenciais se deu entre as décadas de 1930 a 1960 e se insere num período de grande crescimento do complexo Carbonífero do Sul de Santa Catarina. Foi nesse período então, em 1955 que começa a nascer o colégio Madre Teresa Michel, que contou com a mobilização de um grupo interessado em trazer o ensino secundário para o município, que tinha na época 30 mil habitantes. A Escola Normal e Ginásio Madre Teresa Michel é uma instituição de direito privado sem fins lucrativos, filantrópica, de natureza educativa, cultural, assistencial e beneficente, reconhecida como de utilidade pública estadual e com Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS), nas áreas de educação. Na área de educação, desenvolve o Programa de Bolsa de Estudo Social, oferecendo bolsas de estudo e benefícios complementares, para os níveis de educação básica, garantindo o acesso, permanência e conclusão. O Colégio atua em conformidade à legislação vigente por meio da Lei n. 12.101/2009, Lei n. 12.868/2013, Decreto n. 8.242/2014 e Portaria Normativa MEC n. 15/2017. n. 8.242/2014 e Portaria Normativa MEC. Disponível em: <https://colegiomichel.com.br/o-colegio>.

Em 1973, foi aprovada em processo seletivo para ministrar aulas na graduação da Faculdade, onde se formou, a atual Unesc. Desta Instituição só saiu quando se aposentou em 2011 e comenta: “É, eu gostava de ser professora, eu gostava do que eu fazia e achava que era meu compromisso até as últimas consequências”. Como a professora Vera sempre desejou ser professora, o seu desejo foi ser o melhor que pudesse em sua profissão e procurar fazer com esse sentimento estivesse refletido em suas ações, em sua prática profissional.

Além de professora, a entrevistada também em sua comunidade de práticas profissionais, construiu-se gestora. É sobre essa construção que se direciona o próximo segmento.

4.1.3 A transição da docência para a gestão da educação trajetória planejada ou acidental

Santos e Sales (2012) entendem que a função docente compreende também aspectos de gestão, tendo por objetivo principal fazer com que os alunos tenham uma boa aprendizagem. Esse processo ocorre por meio de atividades de gestão, tais como o planejamento, a avaliação, o conteúdo, o ensino, o conjunto de regras da sala de aula, o ambiente e as relações com os alunos e com a comunidade escolar. Dessa forma, pode-se inferir que o professor, ao assumir uma função de gestão, já tem alguns conhecimentos que o auxiliarão na tomada de decisões para uma boa condução da gestão.

A professora Vera relata: “Eu nunca pensei em gestão, surgiu”. Como tivesse estudado no Colégio Michel, e depois passado a dar aulas nesse mesmo colégio, quando completou a graduação, a irmã diretora a convidou para ser coordenadora pedagógica do Colégio.

[...] para implantar as coisas mais atuais, tinha mudado a lei, já tinha conselho de classe e eles não sabiam o que era, ninguém fazia, né. E ela queria dar uma modernizada. Daí me convidou. Como eu já era funcionária. Daí eu aceitei e fui ser coordenadora pedagógica, mas ao mesmo tempo professora, né. E nunca deixei de dar aula.

A partir do recorte, percebe-se que havia naquele momento a necessidade de implantar as novas propostas indicadas pelo Ministério da Educação, bem como inserir novas metodologias no contexto escolar daquele colégio. E a professora Vera, apesar de jovem, estava disposta a

assumir os desafios que colocavam à sua frente com determinação e vontade.

Trabalhou 20 anos na gestão do Colégio Michel e saiu porque fez novo concurso para o Estado, pois havia desistido do concurso anterior para se desvincular de professora de 1ª a 4ª série. E conta que, quando ainda estava no Estado,

O prefeito Altair Guidi venceu a eleição, e aí a esposa dele, a Sandra, que foi na minha casa e me convidou... Foi me convidar para ser secretária. Pensei, pensei bastante porque era um desafio que eu ainda não tinha exercido, o cargo de gestão pública, né. Tinha gestão educacional, lá no colégio, mas gestão pública não, de ter essa responsabilidade toda, uma rede inteira. Eu nunca tinha tido a experiência. Mas aí eu pensei, pensei e conversei com várias pessoas, todo mundo me incentivou e eu aceitei.

Verifica-se que a professora Vera estava sempre se ressignificando como profissional da educação e, nesse processo, revelaram-se características como a coragem e o desprendimento para aceitar novos desafios, aproveitando os seus conhecimentos anteriores, a interação e o aconselhamento com pessoas de seu relacionamento profissional e pessoal. É comum na profissão docente a adaptação aos novos desafios, a novas propostas, novos planejamentos, novas tecnologias, novos currículos, inclusões, entre outras possibilidades que podem ocorrer na atuação profissional de um professor. E o professor precisa estar ali, à disposição, para aprender, para ensinar. Esse aspecto é parte da sua profissão. Está evidente no seu relato a necessidade de ouvir o outro a fim de tomar decisão, de ponderar sobre seu lugar a partir do diálogo com seus pares, fazendo uma leitura do seu momento histórico e dos seus vínculos sociais.

A professora Vera assumiu a nova função e atuou como gestora da Secretaria da Educação Municipal de 1989 a 1991, mas não era vinculada a partido político, e sua indicação para o cargo na gestão pública ocorreu em função da sua trajetória de educadora. Ela afirma que não foi atrás disso, mas que “Então, era assim, as coisas surgiam, não sei!”. Lembra que, quando recebeu o convite, disseram que queriam uma pessoa com perfil técnico, não político. E como não houvesse militado politicamente em partido algum, ficou surpresa. Mas,

aceitou o desafio. Entretanto, rememora: “Na hora que começou a querer interferir política, que já era o último ano, daí eu saí, porque não dava, eu não conseguia... selecionar coisas para atender voto”.

Certamente essa foi uma decisão política no sentido pleno da palavra, não como política partidária, mas como posicionamento do sujeito perante a comunidade. Nesse sentido amplo da ação política, sua atitude foi consciente e engajada, embora os agentes políticos revelassem interesse por alguém de perfil mais técnico, supostamente neutro politicamente. Não existe essa neutralidade. A construção da identidade, como acentua Stuart Hall (2005), tem um forte ingrediente político tendo em vista que se dá num contexto de conflito e de disputas por poder. A professora se constrói nesse espaço atravessado por vários interesses políticos e eventualmente se posiciona de acordo com seus princípios ou com seus ideais vinculados à formação humana e à educação.

A preocupação da professora Vera em manter um posicionamento ético demonstra sua maturidade no sentido de entender que aquele espaço já não condizia com sua prática, pois agregava função da qual não se sentia apta para exercer e para a qual não estava disposta a abrir a porta de entrada, na tentativa de manter-se no cargo. Entretanto, é muito comum em cargos de gestão pública a transposição dessa fronteira no intuito de angariar votos ao partido da gestão para permitir a continuidade das ações que estão sendo desenvolvidas e planejadas para aquele setor.

Vera comenta que ocorreu a mesma coisa em relação à sua indicação para ocupar o cargo público na gestão do Prefeito Paulo Meller e Maria Dal Farra Napolini, oportunidade na qual foi Secretária da Ação Social e da Família por dois anos, de 1997 a 1998. Também não sabe de quem foi a indicação.

Mas me convidaram para ser Secretária da Ação Social e da Família, só que eu não sou do partido do prefeito, de nenhum partido.

– “Não, mas a gente não quer mesmo, a gente quer alguém que não tenha partido, porque a assistência social tem de atender a todos, de todos os partidos. É uma coisa bem ampla.”

A partir do exposto, percebe-se que foram as características de docência e sua visão em contribuir com a comunidade que direcionaram a professora Vera nesse novo convite, pois a necessidade de uma pessoa

com conhecimento técnico, por si só, não indicaria ninguém. Aspectos relacionados à sua prática e à postura profissional foram certamente relevantes na decisão pelo seu nome. Além disso, a professora já havia demonstrado sua capacidade ao assumir a gestão da Secretaria da Educação Municipal anteriormente. E a experiência vivida pela professora ainda estava vívida em sua memória.

Bosi (1998) compreende que fica arquivado na memória aquilo que tem significado. E que pode permanecer inalterado, mas outras vezes pode sofrer alterações. No caso específico, a professora Vera resignificou esse momento e, pode recordar, inclusive as falas dos indivíduos que vivenciaram a mesma cena que ela. E como observa Otto (BOSI, 1998), lembrar com o outro é muito mais significativo, pois é uma experiência compartilhada, uma rememorar com fortes vínculos comunitários, sociais.

Vera também relata que atuou como orientadora educacional e pedagógica do Colégio de Aplicação da Unesc, após sua atuação como secretária de educação do município de Criciúma, auxiliando inclusive em toda a criação e organização do Colégio, que atualmente se chama Colégio Unesc. Após encerrar sua gestão como secretária da ação social e da família, iniciou um período como assessora pedagógica na Unesc, trabalhando com a formação de novos professores, assumindo posteriormente o, recém-criado na época, Setor de Estágios da instituição, permanecendo ali de 2005 a 2009. Depois, assumiu a coordenação de ensino na Unidade Acadêmica de Humanidades Ciências e Educação, já na gestão do professor Gildo Volpato.

A Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc) é uma instituição comunitária de nível superior que atua na região de Criciúma há 51 anos. Fundada em 1968 pelo poder público municipal da época, vem contribuindo desde então com o crescimento da região do extremo sul de Santa Catarina. Portanto, pertencer ao quadro de funcionários desta importante instituição é uma experiência muito significativa para a professora Vera, pois é um ambiente no qual se permite o fortalecimento de novas relações e a formação de novas lideranças municipais e regionais, além de promover o empreendedorismo regional entre outras coisas.

Para conhecermos mais um pouco da trajetória da professora Vera, prossegue-se ao tema seguinte.

4.1.4 Lembranças e trajetória da gestora

Para responder a essa questão, a professora busca em sua memória e discorre sobre sua função no Colégio Michel, quando começou na coordenação. Ela lembra que havia mudado a Lei (LDB⁸) e tinha de estudar e implantar a nova Lei 5.692⁹. “Foi explicado o conselho de classe e juntos estudamos a Lei federal”. E uma professora disse certa vez:

O que? Que? Tu agora!? A gente te ensinou. Eu dei aula para ti e agora tu queres me ensinar a dar aula. Eu disse: “De maneira nenhuma! Eu não quero ensinar ninguém a dar aula. Cada um tem seu jeito. O jeito da senhora de dar aula, eu aprendi muito. Só que as coisas, elas evoluem, tem outras formas que dá para gente variar, então é isso o que a gente quer colocar”.

Nesse recorte pode-se observar que o percurso da professora enquanto gestora iniciou-se em um contexto de mudanças significativas para a educação. E para a profissional Vera foi um grande desafio, pois envolveu embates e ressignificações não só para a mulher e profissional, mas também para as pessoas de suas relações profissionais.

Parece, portanto, que a transição de professora para a gestora tem os seus desafios, no caso da professora Vera, por ser jovem na época, encontrou resistências das professoras mais experientes e que haviam sido suas professoras.

Então, assim, teve algumas resistências dessas pessoas que já eram, tinham sido minhas professoras, mas aos poucos foram assimilando e a irmã também deu força, que queria que mudasse algumas práticas. Aí foi mudando aos poucos, muito devagar também, né. Não é uma coisa de repente.

⁸ Lei n. 9.394/96 – lei das diretrizes e bases da educação nacional de 20 de dezembro de 1996 – atualizada e em vigência.

⁹ Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>.

No livro **Professoras: Histórias e discursos de um passado presente**, Fischer (2005) esclarece que algumas mulheres representam uma geração de professoras que escolhem ser “missionárias”, por não tentarem ou buscarem os movimentos docentes ou novas práticas transformadoras, e afirma:

Percebe-se aí mais uma vez a eficácia de um poder que se exerce ao longo dos anos em práticas corriqueiras da mulher professora, a qual incorpora enunciados da “plena realização” da “vocação” que ajudam a neutralizar eventuais ambições materiais, já que é “com calma” que se trabalha. É assim que ela aceita empunhar a bandeira do “melhor para todos” e submete-se a um papel quase anônimo, assumindo um discurso em que se diz realizada em ser “simplesmente professora”. (FISCHER, 2005, p. 144-145)

Destaca-se, a partir do exposto acima, a persistência da entrevistada ao não se deixar intimidar e buscar de maneira franca e de modo gradativo, o alcance de seus objetivos enquanto gestora. É importante mencionar que o gestor precisa aprender a lidar com as situações impostas pela sua posição, principalmente aqueles que são novos no cargo, ou mesmo posteriormente, porque sempre haverá alguém resistente à alguma mudança, alguém que dirá que não vai dar certo. Por isso, é muito importante uma postura positiva, de acolhimento das queixas, de resiliência, e o engajamento da equipe, para poder desconstruir os posicionamentos contrários, possibilitando uma nova significação às pessoas que atuam naquele ambiente, para melhor condução das atividades de trabalho. A identidade da professora não se dá num espaço calmo, sereno e tranquilo, mas num ambiente de confrontação, muitas vezes, ou de resistência a mudanças. A identidade é construída em meio a tensões de poder e superação de diferenças (HALL, 2005). Há também um importante ingrediente de performance (SILVA, 2014), que Vera sabe desempenhar muito bem em situações-limites.

As atividades da gestão da professora iam desde reuniões com professores, pais e alunos, a reuniões pedagógicas, formações e levantamento de necessidades, entre tantas outras atividades, conforme relembra a professora Vera. Como ficou muitos anos na coordenação do Colégio Michel, rememora:

Eu me lembro que, quando eu entrei lá, tinha 600 alunos na educação infantil, não tinha 600 alunos no colégio. E depois eu fiquei lá 20 anos na coordenação pedagógica. Tinha 600 alunos na educação infantil, quando eu saí, tinha 2.000, aí no colégio.

Observa-se a partir desse trecho as transformações que foram ocorrendo ao longo do tempo na instituição na qual a entrevistada trabalhou, e essas mudanças que foram muitas ao longo do tempo são evocadas, demonstrando o registro histórico da passagem da gestora pela instituição.

A professora Vera relata que foram muito gratificantes os seus períodos em gestão e, por todos os lugares que passou, guardou boas recordações. Acredita ter feito algo de bom, pois ainda encontra pessoas que se lembram de alguma de suas atuações como gestora. Destaca a experiência de quando estava na gestão da Secretaria de Ação Social e da Família como muito rica: “Foi uma experiência bem rica porque eu conheci Criciúma mesmo como é. Não sabia que Criciúma era tão pobre, que tinha tanta pobreza, muita pobreza!”.

É importante registrar que a professora, ao construir suas relações, insere-se primeiramente em um grupo no qual tinha referências semelhantes, como o círculo de amigos, o bairro, uma certa proximidade quanto ao nível econômico, o local de trabalho, a cidade de Criciúma etc. Entretanto, aquele grupo que tem outras preferências, mora em outro bairro, tem outro poder aquisitivo pode ter as mesmas necessidades, mas é desconhecido. É só se conhece o outro quando se chega perto, quando se busca conhecer aquilo que nos afasta e aquilo que nos aproxima. Muitas vezes esse encontro é brusco e conflituoso. Nossas identidades são construídas a partir das nossas escolhas, que vão desde o mais simples que é, por exemplo, a comida, até o mais complexo, como a profissão, a construção da linguagem, o pensamento reflexivo (HALL, 2006). A professora Vera escolhe conhecer para ser resolutiva e complementa que,

como gestora, assim de uma maneira geral, eu procurei fazer com as pessoas que estavam ao meu redor o que eu gostaria que fizessem comigo, né. Então, se eu não gostasse de uma pessoa que ficasse me dizendo o que fazer ou me chamando

atenção, alguma coisa assim deprimente eu não lembro de ter feito. Sinceramente, assim não lembro.

Para ela, o outro é muito importante. É para ele que trabalha. Sua empatia com os colegas profissionais provavelmente a auxiliou muito na gestão, pois esse olhar permite maior empatia com o ser humano, o que acaba por resultar numa boa resposta das pessoas em termos de engajamento no trabalho: “Então é. Tu tens que ser parceiro. Tu sendo gestor, se tu não fores parceiro dos teus colaboradores, todo o teu trabalho também não vai, porque aí é o teu trabalho que vai ali”. Nesse percurso, as mudanças são comuns, e por isso a necessidade do assunto seguinte.

4.1.5 As mudanças durante o percurso

Ao observar a trajetória da professora Vera, a partir da entrevista e das evocações que os objetos trouxeram, percebe-se que sua carreira profissional ocorreu num tempo de muitas transformações em sua área, que é a educação. Ela iniciou sua atuação como docente nos anos 1960 e encerrou em 2011. Isso significa que foram anos de atuação na docência e gestão em que muitas possibilidades de mudança ocorreram, pois nos anos 1960 existia um modelo educacional que começava a vislumbrar uma escola diferente, com um novo olhar para as pesquisas educacionais que direcionavam a educação para o século XXI, advindo, assim, posteriormente a LDB e os PCN. Claro que esse também foi um período conflitivo para o País, para o mundo, e para a educação em particular. O tecnicismo buscava espaço de entrada e contava com o apoio do regime militar, por exemplo, em tensão com perspectivas mais críticas da educação. A professora Vera confirma, dizendo que ocorreram muitas mudanças de “legislação, de postura, de tudo. Foi bem interessante acompanhar isso”.

Observamos essas mudanças no tempo histórico em sua narrativa quando ela relata que, quando iniciou os estudos, havia uma metodologia de ensino e, quando começou sua atuação como professora, já havia outro método, novas ideias e teorias. E durante sua trajetória profissional, ela própria participou da elaboração da Proposta Curricular de Santa Catarina, participando de vários encontros juntamente com o grupo de professores da Unesc. E quando foi feita a Proposta Curricular do Município de Criciúma, também participou juntamente com outros

professores da Unesc. Esse foi um trabalho em parceria entre a Unesc e a Udesc.

Como a profissão de professor não é estática, a necessidade de adaptar-se foi uma das coisas percebidas pela narradora, afinal muitas coisas aconteceram durante sua trajetória, coisas que exigiram adaptação, busca e pesquisa. Para ela “havia sempre um crescimento. Então era bom por isso. Sempre saía de um patamar para um patamar melhor em nível de conhecimento, de habilidades, de como fazer melhor. Foi bem interessante, eu só agradeço”. Farias e Souza (2011) enfatizam bastante essa dimensão da identidade profissional docente como um processo de contínuo aperfeiçoamento e formação.

As mudanças são fatores constantes na vida dos professores. Eles precisam se acostumar a isso para ter um bom resultado em seu trabalho. Há sempre novos alunos, novas metodologias, novas formações, novas leis, novas estruturas, novas tecnologias, novos gestores, novos desafios. Enfim, se os professores que atuam na gestão não se adaptarem ou reagirem às mudanças e transformações ocorridas durante sua trajetória profissional, não poderão desempenhar com qualidade sua função. Desafios fazem parte desta profissão, praticamente todos os dias e, por causa disso, a importância de se falar sobre isso.

4.1.6 Os principais desafios enfrentados na trajetória

Todas as profissões têm suas dificuldades, suas batalhas a serem vencidas, mas a profissão de professor, por se tratar de um relacionamento praticamente diário e intenso com crianças, jovens e adultos em formação, tem suas peculiaridades e desafios próprios. Essa relação permite uma formação identitária, ocorrida com a interação entre ambos, encontrando seus lugares dentro dessa conjuntura de troca de saberes, de valores e de culturas diferentes (HALL, 2005).

No caso da professora Vera, ele cita uma situação específica de atuação em uma classe de aceleração, numa turma de quarta série em que todos eram repetentes. Ela lembra que os objetivos das séries iniciais não foram atingidos por aqueles alunos. Era como uma sala multisseriada.

Se tu entras na primeira série, o objetivo principal é ler, né. Ler e escrever algumas coisas. Então foram acumulando as dificuldades, porque não podia reprovar os alunos, entendesse? Era promoção automática, daí chegava na quarta série

semianalfabeto, não sabiam ler nem escrever, e tu tinhas de dar conta num ano, todos os quatro anos de dificuldade acumulada, né. Então foi um desafio muito grande mesmo! Somado a isso, tinha alunos com problemas de disciplina.

Apesar de relatar suas diversas dificuldades, a professora Vera reitera que conseguiu dar conta do desafio. Em 1997, foi criado pelo Ministério da Educação um projeto intitulado Classe de Aceleração, o qual tinha por objetivo “corrigir” a defasagem entre idade e série para aqueles alunos que apresentassem esse problema (BRASIL).

Entretanto, para ela, o desafio mais interessante em sua trajetória ocorreu durante sua atuação como secretária da ação social e da família, em 1997, na gestão do prefeito Paulo Meller e Maria Dal Farra Napolini, em que enfrentaram uma situação de falta de recursos para atendimento de necessidades das crianças, e que ela relata da seguinte maneira:

Em uma ocasião recebi uma assistente social da Secretaria da Saúde nos informando que elas haviam coletado um dado muito sério. E naquele ano de 1997, se não fossem tomadas providências, mais de 100 crianças poderiam morrer por desnutrição. Eram em torno de 100 crianças. A colocação dela. E ela nos solicitou que providenciássemos o atendimento a essas famílias. Essas crianças precisavam, naquele ano, tomar um determinado tipo de leite, que agora não me lembro mais o nome, com uma gotinha de azeite. E eu fiquei muito impressionada e me senti muito responsável por essa situação. E falei com o prefeito, né, sobre a situação né, para nós atendermos a essa demanda da saúde, e ele nos falou que a prefeitura estava em situação difícil e que não tinha como atender a todos. Eu retornei para a Secretaria e me reuni com a minhas assessoras, a coordenadora da Secretaria, que era minha auxiliar, e fizemos um projeto expondo a situação para enviarmos às empresas, quem sabe nós conseguiríamos ajuda para resolver esse problema. E nós enviamos esse projeto para cinco empresas. Dessas cinco, uma somente retornou, foi a empresa do Sr. Jorge Zanatta, a Imbralit, que

disse que estava propensa a nos ajudar. Fomos conversar com Sr. Jorge, eu e a Neusa Mayer Vieira que era minha assessora. Ele nos recebeu muito bem. Nós expusemos a situação, entregamos o relatório para ele. Ele leu o projeto também e nos disse que desconhecia esse tipo de realidade aqui em Criciúma. Inclusive ele fez a seguinte afirmação: “Ah dona Vera, será que eu vivo na França, então, que eu não conheço essa Criciúma que a senhora está falando?” Eu disse, pois é, eu também não conhecia, mas ela existe. Imediatamente, ele chamou um assessor seu e determinou que a Imbralit iria nos ajudar, iria atender à nossa solicitação. E enquanto estive na Secretaria nos anos de 1997 e 1998, ele atendeu ao nosso pedido. Ele disse assim: “Eu não vou dar só o leite e o azeite, eu vou dar o rancho para essas famílias, porque se o bebê não tem o que comer, os pais e os irmãos também não têm”. E durante esses dois anos ele nos encaminhou em torno de 100 cestas básicas mensais. E as nossas assistentes sociais identificaram as necessidades de todas essas famílias apontadas pela Secretaria da Saúde e foram juntamente com o pessoal da Imbralit entregar essas cestas básicas mensalmente.

A citação é longa, mas deixei assim de propósito, para que o leitor possa ter uma ideia da complexidade da situação e do drama vivido por aqueles gestores. A partir do exposto, observa-se o desafio perante o outro. Buscar soluções e estratégias que atenuassem os problemas, essa foi a contribuição, o papel social da atribuição de gestora, educadora e mulher. Tudo isso demonstra a preocupação social e os problemas enfrentados para a busca de soluções que contemplassem sua comunidade de atuação. Identificar o problema e buscar uma solução foi a atitude que a gestora tomou diante da dificuldade. A solução encontrada foi educativa, para a iniciativa privada, pois permitiu que um empresário se identificasse com os problemas da sua comunidade e tivesse a oportunidade de colaborar.

Observando o papel da gestora e sua trajetória destaca-se a seguir o próximo segmento que busca evocar as relações entre docência e gestão.

4.1.7 Contribuições da experiência como professora para a gestora

Na constituição identitária da gestora Vera, com certeza se encontra muito da docente e da mulher, pois nos constituímos a partir de nossas experiências e das relações que estabelecemos a partir delas. Até porque, como muito bem nos lembra António Nóvoa (2000), o professor é antes de tudo uma pessoa. A separação entre o profissional e o pessoal, nele, é praticamente impossível.

Para a professora Vera, a experiência como professora foi fundamental para a gestora, pois a fez colocar-se em um papel de igual, de quem acreditava no potencial e na formação de suas subordinadas, colocando-se à disposição para qualquer dificuldade e assegurando que poderiam contar com seu auxílio em todos os momentos. Isso é gestão de pessoas de forma engajada e engajadora, responsável e libertadora. Ela afirma: “É assim que eu consegui... Assim, eu nunca tive atrito com professor, ou de ter de chamar e tal”. Em situações que precisasse interferir, conversava com o professor e orientava sobre outras possibilidades, sugerindo novos olhares. E argumenta,

Como eu não queria que nunca ninguém fizesse isso comigo, eu questionava: professor, mas veja bem, será que a sua metodologia para esse aluno ali foi adequada? Por que será que ele não conseguiu? Vamos pensar um pouco. Três décimos, né, ele podia ter conseguido, mas o que será que impediu de ele conseguir. Eu fazia essas reflexões com eles. Muitos aceitavam, diziam então: “Tá, vai, vai”. E aí arredondavam para cinco. [risos] Outros não, daí também eu respeitava, né.

Veja-se que na recorrência da expressão “né” já se percebe o respeito com o interlocutor, a vontade de se fazer entender, de trazer para junto de si a atenção solidária do interlocutor. Isso parece apontar uma abertura para o diálogo, inclusive para a possibilidade da discordância, para um eventual “não é”.

Observando o recorte destacado acima, registram-se as características de persistência e de diálogo como marcantes na trajetória da gestora, mas que se moldaram a partir das relações em sala de aula, o que evidencia que a professora Vera, ao construir a identidade profissional, optou por ser parte do grupo com o qual ela fazia a gestão,

talvez porque nunca deixou de atuar em sala de aula e conseguisse se colocar naquele papel, permitindo ao outro, reflexões acerca de sua prática, mas não como imposição.

Ela conta a história de uma professora que tinha uma turma de 22 alunos que não conseguiam avançar. Fizeram várias tentativas metodológicas e, ainda assim, não conseguiram fazer com que os alunos evoluíssem. Então, a gestora sugeriu que verificassem a vida pessoal dessas crianças que tinham entre seis e sete anos e descobriram que 19, especificamente, estavam vivendo em meio às crises da separação dos pais. Eram crianças que experimentavam o impacto e a sensação de abandono ou de perda da afetividade. Então fizeram um trabalho específico com essa turma e conseguiram que aprendessem e evoluíssem até o final do ano,

Então, assim, tu tens que ser parceira das tuas colegas de trabalho. Eu era coordenadora, mas era professora também. Sabia como que era, quando uma criança não aprendia não era por acaso. Às vezes, sim, tem algum déficit de aprendizagem, mas não necessariamente, mas mesmo assim aprende, mais devagar, mas aprende.

Com base na narrativa da professora, observa-se que o fato de continuar sempre em sala de aula permitia à gestora melhor compreensão das situações apresentadas e, por isso, a divisão de tarefas e a responsabilidade e engajamento de todos foi uma estratégia utilizada que trouxe resultados positivos. A professora relata que nas secretarias havia projetos. Nesse caso, “também, primeiro conversava com as diretoras”, “apresentava os projetos”. Algumas aceitavam, outras não. Observe-se:

Se tu não és parceiro, não vai. Tu não és um ser extraterrestre que está ali numa cadeira ditando normas. Tu fazes parte do grupo, né. Tu tens uma responsabilidade a mais de responder por que que não deu certo. É isso! (risos) Mas, tem que ter parceria, participação junto, tem que estar junto... Sim, é. Por que é uma vida que está ali na tua mão, né. É uma vida.

A professora Vera, em sua atuação como gestora, demonstra na fala acima evidências de que compreende a necessidade de haver o outro

para o cumprimento de objetivos e das metas traçadas. Por isso, ela buscava a colaboração de todos por meio de parcerias e de auxílio da comunidade, atingindo objetivos que talvez de outra forma, não pudessem ser alcançados. Essa é uma ação essencialmente política e não necessariamente político-partidária.

São várias as histórias vividas, mas algumas, ficam registradas na memória de modo particular, dentro do que Radvany (2006) chamaria de memória episódica. Vera conta a história de um dos meninos da turma já mencionada que a procurou e que contou a ela como se sentia em relação à separação de seus pais, e ela se lembra inclusive da fala dele: “Tu vê se eu posso, desse tamanho, aguentar o que eu estou aguentando”. O menino contou a ela que já não via o pai há uns quatro meses e que acreditava que o pai não ia voltar mais. Ela entrou em contato com o pai do garoto e promoveu um encontro entre pai e filho no próprio colégio. Sugeriu à professora que não considerasse as avaliações anteriores e começasse novamente. Foi feita recuperação com esse aluno e ele conseguiu se recuperar. O compromisso da professora Vera com os seus alunos e professores ficou evidente em sua narrativa. Na educação, as dimensões emocionais e afetivas importam muito. Segundo ela, “é porque tu não estás ali só para formar, transmitir um conteúdo. Tu entras na vida deles com tudo, né. E seja em que nível for”.

A partir do exposto, observa-se que a professora Vera desempenhava a complexa tarefa que envolvia posições identitárias diversas, o seu papel de gestora, de professora e de mulher que, muitas vezes, não eram limítrofes e se misturavam. Marlúcia Brandão (2019) argumenta, na revista *Gestão Escolar*, que cada professor é único e sua trajetória profissional deve ser respeitada, bem como as práticas efetuadas. Além disso, o diálogo e o incentivo são excelentes implementos para que o professor tenha um sentimento de bem-estar dentro da escola e, com isso, proporcione ao seu aluno uma experiência de aprendizado mais profunda. Desse modo, a professora realiza também parcerias para trocas e fomentar bons relacionamentos entre seus pares.

Ao buscar em suas memórias, em suas experiências, emerge a questão sobre o olhar para o passado e sobre reavaliar a trajetória. É disso que trata o próximo segmento.

4.1.8 A Realização profissional docente

A realização profissional é um dos fatores que desencadeiam ansiedade do ser humano. A partir do momento em que se começa a vida profissional e se inicia numa carreira, a expectativa é de realização, pois afinal passamos a maior parte de nossas vidas no trabalho e, por isso, o que fazemos tem de ser algo gratificante e que traga não somente o dinheiro para sobrevivência, mas motivo de orgulho e satisfação pelo que se faz. Em nossa sociedade capitalista e desigual, isso nem sempre acontece. Muitas vezes, a sobrevivência nos obriga a aceitar tarefas entediantes e que não trazem o senso de realização.

Nesse sentido, a professora Vera é uma pessoa realizada. Sua resposta, quando questionada a respeito da satisfação com sua profissão, foi:

Muito, eu agradeço todas as noites porque tive todas essas oportunidades e deixar assim, né, boas lembranças. Claro, de certo algumas eu não devo ter atingido tanto, mas não me lembro, assim, de ter tido atrito com aluno, de bate-boca, nunca tive. E eu também não sou assim. Se alguém me ofende, eu prefiro ficar quieta e deus.

Graças Deus! Acho que sim, porque até hoje eu recebo. Até trouxe uma cartinha de uma aluna aqui.

Figura 2: Carta de uma ex-aluna para a professora Vera

Terquilha, 15 de maio de 2007.
 querida Professora Vera,
 Quero te agradecer pela sua paciência, compo
 nhirismo e compreensão.
 Sinceramente forte a professora que mais consegue
 aprender e entender os ensinamentos.
 Lembro que seu jeito de lidar com o ser humano
 é ideal para a verdadeira formação de um
 crítico, pensante, criativo, etc... muito mais!
 Meu muito obrigada!
 Beijos e um forte abraço
 de sua ex-aluna Maria Estela Bu

Fonte: Acervo da professora Vera

A partir do recorte e da cartinha apresentada, observa-se o zelo, o respeito com a profissão que desempenhou e também o carinho dos que participaram de sua trajetória. A professora demonstrou muito orgulho por ter recebido a cartinha de agradecimento da aluna, pois confirma sua percepção e desejo de que de fato fez um bom trabalho durante sua trajetória profissional docente. Além disso, parece também que a docência é que foi o seu verdadeiro ofício, sendo a gestão uma das tarefas dessa profissão.

Disso emerge a última questão que solicita uma avaliação ou uma resignificação de sua vida profissional.

4.1.9 Sobre mudanças na atuação

Numa confissão que não pode ser interpretada de modo algum como arrogante ou pretenciosa, mas com a consciência de quem desempenhou seu papel com excelência e que vivenciou transformações históricas, sociais, políticas, econômicas e educacionais importantes em sua trajetória e que essas transformações a constituíram em sua

identidade, no seu fazer, no seu viver, a professora Vera responde que não mudaria a sua atuação, pois sempre deu o seu melhor.

4.2 AS MEMÓRIAS DA PROFESSORA ROSE MARGARETH REYNAUD MAYR

“O grande desafio é você perceber as necessidades, é você saber o que tem que ser feito, não tendo recurso para ser feito, e ter consciência do que aquilo gera quando não é feito”.

(Profa. Rose Margareth Reynaud Mayr)

A epígrafe acima é parte da entrevista que ela concedeu e apresenta uma profissional persistente, na qual percebem-se características marcantes como professora, gestora e mulher que se constrói, que se reinventa, buscando sempre novos caminhos e soluções para os desafios que se apresentam. Inicialmente, mantivemos um primeiro contato, que ocorreu informalmente por ocasião de retorno da professora Rose à Unesc por um semestre, para atuar no curso de Pedagogia, que coincidiu com meu início no curso de Mestrado em Educação. Então, em 20 de agosto de 2019, retomei o convite, que foi aceito. A professora comentou que estaria em viagem naquela semana, mas que posteriormente poderíamos nos encontrar. Então, em 9 de setembro de 2019, voltei a conversar com a professora e marcamos a entrevista para o dia 13 de setembro, às 14h na Biblioteca da Unesc. Ali ocorreu a entrevista, com duração de 1 hora e 13 minutos.

A professora Rose iniciou sua entrevista narrando que a sua história docente se confunde com a sua história na gestão. Ela relata de que iniciou como professora durante o primeiro ano, na cidade de Mafra, onde morava, assim que terminou o magistério em 1974. Em suas memórias, ela relembra que ser professora era um desejo de seu pai, mas o seu sonho era ser engenheira agrônoma. Então, para tentar se aproximar de seu desejo, ela se inscreveu em um concurso. E foi aprovada.

Então eu descobri que tinha um concurso estadual para extensionista doméstica rural, que era uma função que existia dentro da ACARESC¹⁰ (hoje a Epagri¹¹, né). E aí tinha uns 200 candidatos para uma vaga. Aí eu... aliás eram quatro vagas para minha região.

Observa-se que em sua construção de identidade, a professora Rose tinha como característica ir em busca dos seus sonhos, ou adequá-los à realidade em que estava cercada. Assim, nesse recorte é possível perceber que a professora já possuía certa habilidade para a resolução de problemas, que é característica intrínseca à função de gestor.

Destaca-se em seu percurso profissional que, quando foi chamada nesse concurso em 1976, ela escolheu trabalhar com os jovens da área rural, em um projeto chamado 4Ss, “com o objetivo de fixar luz no campo, então criar oportunidade para que eles pudessem permanecer no campo”. E trabalhavam em duplas, com um engenheiro agrônomo ou um técnico agrícola.

A professora, em suas memórias, relembra que seu colega era de Braço do Norte, e ambos escolheram a região de Joaçaba para trabalharem. Entretanto, no último dia de estágio, quando seriam efetivados, ocorreu um problema na região sul e, por isso, foram encaminhados para Criciúma.

E aí eu fiquei muito triste, assim... que ficava bem longe da casa dos meus pais, que moraram em Mafra na época, mas enfim eu vim para cá.

Meu pai, quando eu vim para cá, ele disse assim: “Menina, olha, você vai morrer com o nariz entupido, o pulmão cheio de carvão lá naquela cidade.

Observa-se que suas memórias refletem naquele tempo passado as crenças e os preconceitos sobre a região sul, devido à mineração. Um preconceito não tão infundado assim, visto que a poluição ambiental era enorme naquela época (veio para Criciúma em 1976). Seu pai possuía crenças culturais e contextuais sobre a região sul que se revelam na

¹⁰ ACARESC – Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina.

¹¹ EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina.

enunciação da professora. O recorte ainda revela um momento significativo na vida pessoal da professora, que foi o afastamento do seio familiar, o que lhe trouxe a princípio grande tristeza e impôs a necessidade de passar por um processo de adaptação.

Seguindo suas memórias sobre a vida profissional, a professora narra que, nesse intercurso, eles trabalharam por três meses em Criciúma e, como faziam um bom trabalho nas cidades vizinhas, mudaram a sede da ACARESC para Meleiro e, assim, eles foram encaminhados para essa cidade.

A professora rememora as atividades com as meninas, que era com quem atuava, e que consistia em: ensinar a fazer pratos diferentes utilizando verduras; a fazer horta de uma forma mais organizada; fazer produção de flores; como vender os produtos para obter alguma renda, entre outras coisas. Ela relata que não fez a faculdade nesse período porque era muito difícil vir de Meleiro para Criciúma devido ao transporte, naquela época.

Observa-se, a partir da narrativa, as dificuldades encontradas pelos cidadãos da região carbonífera que, por problemas diversos e contextuais daquele tempo histórico, não conseguiam estudar ou se locomover satisfatoriamente. Nas memórias da professora Rose encontra-se também a história da região, que parece imbricar-se em suas lembranças. A professora destaca um fato curioso nesse trabalho e em sua trajetória profissional, pois teve de desistir dessa vaga de trabalho quando se casou, porque existia essa condição na ACARESC para as mulheres, naquela época:

Só que ACARESC, na época tinha uma condição, as mulheres não podiam se casar, porque quando elas se casassem, elas tinham que pedir demissão. Eu acabei conhecendo meu ex-marido, pai das minhas filhas, e decidimos casar, e aí eu tive que pedir demissão porque eu não podia mais trabalhar na ACARESC.

A história narrada está em um contexto histórico, cultural e social no qual o papel social da mulher enquanto trabalhadora era vilipendiado em função das circunstâncias do seu casamento e também por aspectos culturais sobre a fragilidade da mulher, sobre o cuidar da casa, gravidez etc., que eram aspectos muito marcantes e que são retomados nas memórias da professora. A sociedade mudou, as leis mudaram. Hoje, esse tipo de contrato que obriga a mulher a demitir-se por causa do

casamento seria duramente criticado e considerado ilegal e machista. Felizmente, houve avanço nas discussões a respeito de gênero e do feminismo, o que contribuiu para tolher esse tipo de prática excludente.

Pode-se perceber como a memória hábito, aquela que segundo Bergson é cotidiana e marcada pela consciência (BOSI, 1998) serve de liame para a narrativa da professora Rose. Além disso, “a sucessão de etapas da memória” é “toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas” (BOSI, 1998, p. 415).

Na sequência de sua narrativa, a professora Rose destaca que, após o casamento, mudou-se para Criciúma (1978) e, como ficou sem trabalho, decidiu trabalhar como vendedora de loja, atividade profissional que de fato não representava seus anseios mais profundos. Ela evoca em suas memórias esse tempo e relata:

A gente veio pra Criciúma. Em Criciúma eu fiquei sem trabalho, não sabia o que fazer. Resolvi trabalhar de balconista na loja de uma vizinha que morava próximo da nossa casa. Eu descobri que eu não consigo ser vendedora, que vou morrer de fome se tiver que vender alguma coisa.

A professora Rose revela determinação, ao mesmo tempo em que relembra de maneira bem-humorada suas aptidões profissionais e sua falta de traquejo para a área de vendas. Ao elaborar suas memórias, a professora vai significando sua história, aspecto destacado por Halbwachs (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012).

Em suas memórias, ela relata que descobriu nos jornais da época que haveria um concurso para auxiliar de ensino na Fundação Catarinense do Bem-Estar do Menor (FUCABEM). Assim, ela se inscreveu, mesmo acreditando que não seria selecionada, “porque na época tinha muita interferência política nessas coisas. Hoje acho que tem até menos do que se tinha no passado, as coisas hoje são um pouco melhores”. Mais uma vez, as circunstâncias e contextos do passado são comparados com as do tempo presente, ou seja, ocorre aqui um processo de ressignificação tanto do passado quanto do presente (OTTO, 1998).

A professora Rose passou nesse concurso e trabalhou lá com os jovens no contraturno da escola, de março a outubro de 1979, fazendo atividades como tarefas e reforço nas disciplinas em que havia alguma

deficiência. As atividades esportivas eram desenvolvidas por um professor de Educação Física.

A professora narra que, nesse período, recebeu um convite de uma amiga que trabalhava na LBA¹² para que fosse trabalhar naquele local, pois lá se pagava mais. Ela decidiu ir, mas quando foi solicitar o desligamento, mesmo sendo concursada na FUCABEM, a coordenadora da instituição na época argumentou que, se ela fosse para a LBA, sua amiga seria prejudicada e perderia o cargo, pois era um cargo de confiança, era um cargo político. Desse modo, a professora Rose declinou do convite, mas indicou outra colega que havia trabalhado com ela na ACARESC, para assumir a função na LBA. Em toda a narrativa, vale retomar a contribuição de Grazziotin e Almeida (2012), de que a memória do passado está ancorada no presente. A memória é uma construção feita no presente. Desse modo, ao referir-se ao que se passou, a narradora está na verdade construindo o seu tempo e identidade presentes.

Entretanto, a professora Rose relata ter ficado muito decepcionada com sua gestora e acabou por decidir desligar-se da FUCABEM. Assim, ela ficou uns meses sem trabalho, mas a amiga que havia convidado para trabalhar na LBA indicou seu nome para a professora Marlene Just, que na época era secretária municipal de Educação de Criciúma. Assumiu, então, o cargo de professora no Projeto Casulo, no Bairro Santa Luzia, e após três meses foi convidada para assumir a coordenação e esteve neste local de abril de 1982 a abril de 1984.

Memória é trabalho de recordar, não apenas intuição e lembrança (BOSI, 1998). É o que se pode notar na narrativa da professora Rose. Observando o trajeto da sua vida profissional e pessoal, destaca-se a influência de aspectos contextuais no decorrer do tempo histórico que perpassam a desvalorização da mulher no mundo do trabalho e as questões de interferência política (como no caso da LBA) que marcaram sua trajetória e história. Nesse sentido, observa-se que em sua vida profissional até o momento relatado, as atividades profissionais da professora Rose sempre estavam envolvidas com a docência (exceto na sua breve atividade como vendedora logo que se casou).

¹² LBA – Legião Brasileira de Assistência. Órgão assistencial público que iniciou-se em 1942 e foi extinta em janeiro de 1995.

4.2.1 Lembranças da professora que foi

Então, assim, as minhas primeiras imagens, primeiras experiências que me vêm muito assim são as crianças, né, porque eu sempre tive essa coisa de... essa sensibilidade de conexão com o sofrimento com alegria dos outros. Isso foi uma coisa muito forte em mim desde pequena. Assim, eu lembro de mim muito jovem.

E da minha experiência assim, com as crianças, era sempre aquele que mais necessitava. Tinha essa coisa de cuidar muito mais, daquele que eu sentia que tinha mais essa necessidade.

Essa é a fala inicial da professora Rose quando perguntada sobre suas memórias a respeito da professora que foi. Ela utiliza o recurso de imagens da memória para poder resgatar suas lembranças e contar aquilo que vivenciou. E o esquecimento é parte importante desse processo (CAMARGO; SANTOS, 2010). Tão importante quanto aquilo que é lembrado, está aquilo que é esquecido, não selecionado como material de base para a narrativa das memórias. Esquecer é um dado importante, pois a memória é uma experiência seletiva e elaboradora. Algo que se faz no tempo presente, de acordo com uma intenção ou um interesse do momento, não é uma pedra bruta intacta a ser extraída do inconsciente tal qual o fato ocorrido, factual. Memória é elaboração, rememoração é trabalho.

Professora Rose vai narrando sua história a partir dos lugares por onde passou e atuou, de forma organizada e quase linear em termos de temporalidade. Suas impressões de como se percebeu como professora estão em suas falas e memórias. Para ela o importante é fazer bem feito aquilo que se propõe a fazer, e ter a responsabilidade com o compromisso assumido: “Então se você está ali para alfabetizar, a criança tem que sair aprendendo a ler e escrever, não é?”.

Observa-se, pelos recortes feitos da entrevista, que a professora manifesta sua sensibilidade no olhar para o outro e com o outro, ao mesmo tempo em que evidencia as características e demandas do papel do professor, para com a criança e com o compromisso que a profissão exige. Para ela, na relação profissional na sala de aula é preciso que o

professor esteja engajado com a aprendizagem e comprometido com o aprendizado de seus alunos. Observe-se o recorte a seguir:

Então, eu acho que tudo é aprendizado e que na educação o mais importante é a relação afetiva. Se o docente ele não tem uma relação afetiva com aluno, ele não vai conseguir ensinar. Eu, quando eu falo em relação afetiva, não é... é uma relação de você perceber que você tem na sua frente alguém, que sabe algumas coisas, que você sabe outras coisas e que você precisa interagir com aquela pessoa, no sentido de você poder crescer com ela, e fazer ajudá-la a crescer contigo, né, com aquele conhecimento que você tem. E hoje a neurociência tem provado isso. Sem afeto, não há sinapses.

No trecho acima, a professora explicita sua prática pedagógica baseada no afeto, e argumenta que, se não houver envolvimento afetivo, a aprendizagem não ocorre de maneira satisfatória, sendo essa sua principal estratégia pedagógica. Em sua reconstrução do passado (HALBWACHS *apud* BOSI, 1998), a professora Rose revela como a atenção ao Outro está presente na prática do professor. É o diferente que importa (SILVA, 2014; 2013), pois é na relação com o outro (a alteridade) que se pode construir uma identidade, no caso a de professor que se importa com a dimensão afetiva e emocional do aluno.

A responsabilidade e o comprometimento com a aprendizagem dos alunos mostram que a prática pedagógica é uma relação de troca, assim a relação afetiva não pode negligenciar o papel do professor, que precisa às vezes ser mais incisivo e duro, cobrando dos alunos suas responsabilidades. No entendimento da professora:

Né, porque na verdade é o aluno que te autoriza a ensinar. Então, na docência, essa questão é muito importante. Na relação de docência, você percebe as necessidades, você percebe o que é que você precisa fazer, sem passar a mão na cabeça. Sem, né, tirar o que o aluno tem de melhor, exigindo dele, né! Isso eu trabalhava muito com as professoras.

A partir do recorte constata-se que o seu fazer enquanto gestora quando diz: “Isso eu trabalhava muito com as professoras”. Esse fazer na gestão está muito ligado à sua atividade enquanto professora. Nesse sentido, observa-se que os conhecimentos que a docência lhe proporcionou são incorporados na outra função que é a gestão educacional. Confirma-se aqui o que Peres e Brandão (2009) sugerem, de que a memória é autobiográfica e formadora, trazendo em si uma forte dimensão reflexiva.

A preocupação social com os educandos e sua formação enquanto cidadãos também é marcante no discurso da professora Rose quando ela discorre sobre a escola pública e as suas multifaces. Vejamos:

Os alunos da escola pública, aquela é a única oportunidade de ascensão social que eles têm, mas se a gente não alfabetizar essa criança até o terceiro ano. Se ela não tiver uma leitura fluente, com a capacidade de escrita, com uma condição de ter um raciocínio lógico desenvolvido, a gente está fora....

A gente está numa fábrica de formar pessoas desestruturadas na sociedade, que infelizmente hoje é assim. Daí eles saem fora do ciclo, aí as atividades vão se ampliando. E justificativas não nos faltam como professores para justificar o porquê que o trabalho não deu certo. A gente tem isso de balaio. Porque é a realidade hoje.

A partir do exposto, observa-se a preocupação social com a educação e uma grande reflexão sobre os problemas educacionais locais que vão se agravando à medida que a escola não consegue o mesmo rendimento com todos e vai se tornando excludente, principalmente daqueles que mais precisam ascender socialmente. Seu exercício de memória lhe permite um posicionamento crítico em relação à prática escolar. Se na perspectiva foucaultiana a escola forma corpos dóceis, isto é, cria sujeitos submissos e disciplinados (FOUCAULT, 1999), professora Rose argumenta que a escola do nosso tempo acaba formando sujeitos incompletos, desestruturados. O sucesso da escola levaria à docilização do aluno, mas o fracasso sem as competências mínimas para atuar na sociedade.

Como já destacado, denota-se a partir da enunciação da professora Rose a estreita ligação entre a profissional gestora e a

profissional professora, na qual ambas se complementam e se ressignificam. O próximo segmento discute a trajetória de ambas as profissões em seu tempo histórico.

4.2.2 A trajetória da professora

A professora Rose não queria ser professora, como evidenciado no início da seção. Segundo suas palavras: “esse era um desejo do meu pai, não meu, mas as condições materiais da época, né, não me permitiram fazer outra coisa, então eu acabei fazendo isso”. Inicialmente, a professora Rose queria ser engenheira agrônoma. Contudo, sua trajetória profissional esteve sempre voltada para a educação, para a elaboração e socialização do conhecimento, desde sua atuação junto a ACARESC, na FUCABEM, e depois nas escolas, coordenações, secretarias, enfim, nos espaços em que atuou como docente e gestora.

Quando assumiu como professora no Casulo da Santa Luzia em 1982, atuou como docente e gestora do local a convite da professora Marlene Just. Nesse período, promoveram um movimento com a comunidade para melhorias do Casulo, pois a instituição funcionava no salão de festas da Igreja Católica e “não tinha forro, quando chovia o picumã caía em cima da comida das crianças”. Logo perceberam a necessidade de buscar outro local que pudesse melhor atender a comunidade.

A gente fez um movimento, porque já estavam construindo o Promorar ali da Santa Luzia, aquelas quinhentas casinhas que têm ali e que hoje têm muito mais. Mas, na época era isso. Era esse o tamanho do Promorar.

Visitei todas as casas, convidei as famílias para a gente fazer uma reunião e fazer um movimento com o prefeito para buscar a cedência de uma escola estadual que estava vaga, e o prédio estava fechado. Talvez a gente conseguisse funcionar lá, porque o barracão da igreja era extremamente insalubre.

Entretanto, não tiveram muito sucesso neste movimento. Porém, como profissional gestora, esse ato demonstra o compromisso com as

crianças e com o melhor atendimento das necessidades para poder proporcionar um bom ambiente escolar, mesmo que isso demandasse desgaste. Observa-se, assim, o engajamento político e social para a transformação e melhoria da comunidade de atuação da profissional, que possuía uma visão direcionada à solução dos problemas que encontrava em sua comunidade de atuação profissional.

Seguindo pelo trajeto de sua vida profissional, ela narra que o professor Edson Carlos Rodrigues¹³ assumiu a Secretaria de Educação do município, e chamou-a “para ir coordenar a pré-escola na Secretaria de educação com a professora Samira¹⁴ e aí eu comecei então a trabalhar como orientadora da pré-escola”, de abril de 1984 a junho de 1985. A professora permaneceu na atividade de gestão até o professor Edson sair da Secretaria, quando também solicitou saída do cargo e voltou para a sala de aula, pois tinha feito o concurso municipal em 1982 e foi atuar na escola Caetano Ronchi, no bairro São Defende.

Na Educação Superior a professora começou a atuar em 1993 e continuou até 2017, ministrando disciplinas como Filosofia da Educação, Didática Geral, Teorias de Aprendizagem, Didática, entre outras, com uma interrupção de alguns anos enquanto esteve à frente da coordenação do Colégio Michel e da Secretaria de Educação do município de Criciúma.

Destaca-se, a partir dessas informações expostas, que a trajetória da professora Rose sempre esteve envolvida com a educação, seja como professora ou gestora. No decorrer do tempo histórico e do contexto social e político, os cargos e funções profissionais da professora foram se alternando e construindo sua história que muitas vezes se confunde com a própria história de sua comunidade e de práticas profissionais, assim como de suas inter-relações. Afinal, as narrativas estão relacionadas com a memória coletiva, confirmando um senso de pertencimento a uma comunidade (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012). Nesse sentido, parece haver um momento em que a gestão se insere na vida profissional da professora, e sobre isso emerge o próximo segmento.

¹³ Ex-reitor da Unesc. Foi secretário da educação do município de Criciúma de agosto de 1983 a julho de 1985.

¹⁴ Samira Casagrande, professora na Unesc.

4.2.3 A transição da docência para a gestão da educação: trajetória planejada ou acidental

A partir das enunciações da professora Rose evocadas em sua memória, percebe-se que não houve planejamento para emergir a gestora Rose, as coisas simplesmente foram acontecendo de forma não planejada, de modo que a docência e a gestão caminharam lado a lado durante sua trajetória profissional. Sabemos que a docência não foi uma primeira escolha, mas uma tendência que foi se manifestando em suas atividades profissionais.

A gestão, para a professora, começou desde seu início de carreira, já no projeto Casulo do Bairro Santa Luzia no início dos anos oitenta, no qual desenvolveu concomitantemente atividades de coordenação e docência, conforme relatado anteriormente. E na sequência, foi o convite para ser orientadora da pré-escola, junto à professora Samira Casagrande, na Secretaria de Educação do município de Criciúma em 1984. Isso porque, nesse período, a Prof. Maria Dal Farra Naspolini¹⁵ assumiu a Secretaria da Educação, mas precisou sair por causa de seu trabalho no Estado, para não perder a vaga.

Depois do professor Edson, assume a professora Maria Dal farra como secretária da educação. Mas eu acho que um tempo depois ela teve um problema porque ela tinha que voltar para o Estado. Não sei se terminou. Eu não posso, minha memória não é muito clara em relação a isso, mas eu sei que a gente fez um movimento para que ela permanecesse.

Nesse trecho, a professora reconhece que não tem uma memória clara sobre o tema, mesmo fazendo esforço para resgatar certas informações em seus registros. Isso demonstra, segundo Radvany (2006), que a memória pode ter descartado informação, por não considerar importante naquele momento. O ato de lembrar inclui a necessidade de esquecer, pois esquecer também é importante (CAMARGO; SANTOS, 2012). Além disso, para Bosi (1998), é o indivíduo que recorda e, portanto, só ele tem acesso às informações que

¹⁵ Prof. Maria Dal Farra Naspolini, professora da Unesc desde 1977.

significaram para si, mesmo que seja um evento que mais pessoas estiveram envolvidas.

Em seu contexto, o porquê e como a secretária de educação daquela época teve de se retirar, não era assunto a ser lembrado, mas era importante recordar que ocorreu um movimento para que ficasse. E Rose acrescenta que não conseguiram que ela permanecesse, “ela precisou sair mesmo, por conta de garantia da carreira dela, no Estado”. E complementa, “e aí foi nomeada como Secretária de Educação a professora Berenice Fontana, que era coordenadora das creches da AFASC na época. Isso em 1986”.

Foi no decorrer desse tempo histórico e desse contexto que a professora assumiu a coordenação das creches do município de Criciúma. Nas palavras dela: “a Maria Helena me chama, esposa do José Augusto¹⁶, para eu assumir a coordenação das creches da Afasc, e eu fico nesse trabalho de 1986 até 1992”. Ela conta que nesse período, também trabalhou bastante com formação de professores e que fazia parcerias com professores da universidade.

O Professor Ademir Damásio¹⁷ muitas vezes foi lá e tantos outros professores, a professora Valquíria¹⁸, a professora Vera¹⁹, enfim porque eu também, sempre, durante todo esse tempo né, desde que eu iniciei a minha especialização aqui na Unesc, eu participava na formação de professores nos programas. A Unesc me chamava como docente para ajudar também na formação.

Como pontua Halbwachs, a memória está ligada à vida atual da pessoa, seus relacionamentos, à sua realidade social (BOSI, 1998).

Em 1991, na gestão do prefeito Altair Guidi, que construiu o CEI²⁰ do Bairro Boa Vista e “precisava de alguém que tivesse uma experiência para coordenar uma escola que atenderia 500 crianças de 0 a

¹⁶ José Augusto Hülse, ex-prefeito de Criciúma, gestão 1983 a 1988, e ex-vice-governador do Estado de Santa Catarina, gestão 1995 a 1999.

¹⁷ Ademir Damásio é professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) desde 1982.

¹⁸ Maria Valquíria Zanette foi professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) de 1979 a 2015.

¹⁹ Vera Maria Silvestre Cruz, a outra entrevistada desta pesquisa.

²⁰ Centro de Educação Infantil.

6 anos”, a professora Rose foi lembrada mais uma vez. Em agosto de 1992, ela assumiu a direção do CEI e relembra:

E aquele CEI, ele era uma estrutura de primeiro mundo. Essa era a ideia dele. Construir uma estrutura de primeiro mundo num bairro pobre, para que as crianças vissem que há outras possibilidades para além daquilo que elas têm na casa delas.

A comunidade não aceitou muito bem, pois as crianças precisavam vir dos bairros próximos para estudar ali e, por isso, foi um desafio bem grande. Conforme relata a professora: “porque eles vinham de um outro local, por exemplo, as pessoas do Tereza Cristina, eles... as turmas eram multi-idade”. E quando as crianças chegavam ao CEI, eram divididas por idade e “as mães não aceitaram, pois queriam aquela professora que estava lá com as crianças”. Nas memórias da professora Rose estão também as dificuldades, os problemas, as situações de conflito que teve de administrar. Dificuldades podem trazer experiência positiva de enfrentamento e busca de soluções de problemas, como foi o caso:

Mas por outro lado foi um período assim, de muito aprendizado! E a gente pode fazer um trabalho muito interessante em parceria com os profissionais da saúde que trabalhavam no posto ali do lado. Assim foi um período de muito crescimento.

No ano seguinte houve troca de prefeito, mas a professora Rose continuou na direção do CEI, mas com o falecimento de seu pai e com a troca de quase todas as pessoas que davam suporte a ela na gestão, acabou por solicitar uma licença prêmio. Durante a licença, ela recebeu o convite da professora Valkíria²¹ para implantar e coordenar o ensino fundamental II, da 5ª a 8ª série, ou do 6º ao 9º ano, no Colégio de Aplicação da Unesc. Aceitou, em um primeiro momento por 20 horas, enquanto nas outras 20 horas dava aulas na rede municipal para uma turma de 1º ano. Entretanto, no ano seguinte já assumiu 40 horas no

²¹ Maria Valkíria Zanette foi professora na Unesc.

Colégio de Aplicação e permaneceu ali de agosto de 1994 a agosto de 1997, quando assumiu a Diretoria de Graduação da Universidade.

4.2.4 Lembranças e Trajetória da Gestora

As palavras da professora durante a interlocução foram sempre no sentido de que em sua trajetória ocorreram percalços, mas todas essas dificuldades foram motivo de superação, de crescimento, de ultrapassar os limites e tentar sempre realizar o trabalho com compromisso e responsabilidade, pensando naquela pessoa que vai receber o que você está ofertando. A professora destaca aspectos de sua prática profissional, enquanto esteve na Secretaria de Educação do município de Criciúma, bem como revela seus sentimentos em relação a esse fazer,

Então, tudo isso exigia muito assim, né. O desafio de trabalhar 14, 16 horas por dia, né. Porque se tu queres acompanhar realmente, né. É isso que tem de ser, né. Final de semana. Porque daí no final de semana tinha as festas nas escolas. Aí você queria estar presente. Você queria prestigiar. Queria, né... Porque esse é o jeito de você estimular, né. Então, eu tinha um dia da semana que eu não fazia atendimento na Secretaria, que era o dia que eu visitava escolas. Eu visitei todas as escolas muitas vezes, muitas vezes durante os três anos de gestão. Eu ia. Sexta-feira era o dia que eu não atendia ninguém. Elas já sabiam que sexta-feira eu ia aparecer em alguma escola. Então eu ia em duas escolas pela manhã e em duas escolas à tarde, a não ser que tivesse alguma coisa, assim, um compromisso, mas se não, eu estava lá. Eu ia lá para ver como estava a escola, para conversar com os professores, para conversar com o diretor, para conversar com as crianças também, para ver como é que era, se aproximar, né, ver como é que é. Fiz muita reunião de pais, muita formação de professores. Participei de muita reunião pedagógica nas escolas né.

A partir do recorte, observa-se que a gestora Rose sempre foi muito dinâmica em suas ações e participava ativamente das escolas com as quais gerenciava. Ela mantinha uma rotina de diálogo com essas

instituições e ia *in loco* manter esse diálogo e observar as necessidades. Evidencia-se aqui o quanto a memória é uma experiência coletiva também, que evidencia o pertencimento a uma comunidade (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012).

Nesse sentido, destaca-se que a gestão escolar administra a escola como um todo, mas administrar uma Secretaria é gerenciar muitas escolas, o que envolve habilidades de gerenciamento que atravessam a política, as questões financeiras, o plano pedagógico, as relações interpessoais, etc., conforme se verifica na descrição da professora:

Porque, quando você fala de gestão, você tem que falar de gestão de processos que são os processos administrativos e pedagógicos. Você tem que pensar em gestão dos recursos, sejam eles recursos físicos ou recursos financeiros. E você precisa pensar em gestão de pessoas. E essas... todas essas áreas da gestão têm que ser administradas concomitantemente, tendo em mente sempre que o foco principal é a questão das pessoas, porque são elas que vão qualificar o teu trabalho e são elas que vão promover a mudança.

A partir do excerto, destaca-se a responsabilidade social e política que o cargo de gestora exigia. Percebe-se que o olhar do outro é muito importante na construção dessa alteridade que constitui a identidade da gestora (HALL, 2005; SILVA, 2014; WOODWARD, 2014), ao mesmo tempo em que o olhar para com o outro revela uma gestora que se preocupa com o humano e com a função pública, a qual estava ocupando (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012; OTTO, 2012; BOSI, 1998).

4.2.5 As mudanças durante o percurso

Durante a narrativa da professora Rose, foi possível identificar muitas mudanças que aconteceram, principalmente porque o ambiente escolar é dinâmico e muitas coisas acontecem dentro desse contexto. Se considerarmos somente a diversidade de espaços da educação em que a professora atuou, já se encontram vários exemplos de sua adaptação, de mudanças e transformações. Em cada ambiente em que esteve foi preciso promover mudanças, transformações e adaptar-se ao que estava sendo construído. Pode-se citar a situação do Casulo na Santa Luzia, que

funcionava no salão da igreja do bairro e que não atendia à necessidade, mas era o que tinha naquele momento. Assim, o movimento para tentar conseguir o espaço na escola que ainda não estava ocupada foi uma estratégia de gestão, de busca de soluções. Mesmo não gerando o resultado esperado, esse movimento fez com que a comunidade percebesse as suas necessidades e provocou um sentimento comum aos pais e moradores da localidade, no sentido de desejarem um local melhor para seus filhos. Em suas lembranças, a memória é acrescentada de significado (OTTO, 2012).

Outro fato importante evocado em suas memórias foi a construção do CEI da Boa Vista e sua implantação em 1992. Foi um momento histórico da região, pois a comunidade não entendia a proposta e se colocou resistente, sendo, portanto, necessário muito trabalho para convencê-los de que a oportunidade era melhor para as crianças.

Nesse sentido, parafraseando Grazziotin e Almeida (2012, p. 30), destaca-se que as narrativas evocadas das memórias fazem parte de uma memória coletiva, cujos vínculos estão imbricados pelo pertencimento a uma determinada comunidade e o tempo histórico, que é unido pelas lembranças sobre a educação em um espaço geográfico e social determinados. Enfim, são vários aspectos que podem ser evidenciados dentro da narrativa da professora Rose, de que as mudanças, as transformações e as adaptações são processos que ocorrem inevitavelmente quando se trata de escolas, mas principalmente quando se trata de pessoas e, como se percebe em sua narrativa, parece fundir-se com a história local que transcende a própria narrativa da professora e gestora.

Nesse sentido, buscou-se evocar em sua memória os desafios marcantes durante essa trajetória que serão evidenciados a seguir:

4.2.6 Os principais desafios enfrentados na trajetória

Os desafios são muitos em qualquer profissão, mas o relato da professora Rose citou alguns que podem auxiliar na compreensão das dificuldades encontradas durante o percurso da trajetória profissional, aqui relacionadas à gestão na educação.

Mas esses desafios eu vivi em todos os processos, em todas as ações de gestor, de gestão que eu enfrentei ao longo da vida, seja na escola pública, seja nas escolas privadas; onde eu atuei, seja na

universidade, e por fim na Secretaria de Educação.

Ela narra a experiência vivida na Secretaria de Educação do município de Criciúma, enquanto esteve na gestão que foi relativa à merenda escolar. Quando iniciou a gestão, havia uma central de merendas que era um local em que se fazia toda a comida e dali se encaminhava para as escolas. Os caminhões levavam a comida e havia muita queixa, pois a comida chegava derramada, fria, e questionava-se inclusive a qualidade da comida que era servida.

[...] então, eu fui a entender porque que se tinha tomado essa medida. Aí, tinha lá um relatório dizendo que era mau cuidado com as cozinhas, que isso, que aquilo, mas isso não justificava muito. Eu fui fazer o cálculo de custo e não era mais barato do que fazer na escola. Só que qual que era o problema? Muitas escolas já não tinham mais a condição da estrutura para poder voltar a cozinhar, para poder fazer a merenda na escola de novo.

Fizeram, então, um planejamento, que foi apresentado ao prefeito e foi implantado gradativamente: passou-se a cozinhar nas escolas, após a reestruturação do sistema.

Assim, uma das coisas que eu achava legal na Central de Merendas era a padaria, isso eu achava que era legal. Fazia o pãozinho fresquinho, quentinho, entregava e tal. Eu acho que isso era possível manter.

Havia uma central de alimentos para distribuição da merenda, para não haver desperdícios e reduzir os custos. Depois, em 2015, houve o retorno do prefeito Clésio Salvaro e o velho sistema centralizado foi restaurado. E quando a gestão voltou ao prefeito Márcio Búrigo, havia ressurgido o problema anterior e tiveram de começar tudo de novo. E segundo a professora “foi bastante desgastante esse processo”, constituindo-se num grande desafio.

Lembro uma vez de ter ido à Câmara de Vereadores. Estava a imprensa toda lá para falar

sobre a questão da alimentação. Elas falaram da comida de ensino. A gente tinha sempre que justificar alguma coisa em relação a isso.

Outro desafio mencionado pela professora foi a gestão da estrutura física necessária para dar conta de tudo. Ela confessa que teve de “aprender a entender” sobre projetos da escola, hidráulicos, estruturais, para ter alguma ideia a respeito do assunto.

Mas eu entendi que eu tinha que minimamente compreender para poder discutir, para poder acompanhar, para poder exigir determinadas coisas também, né. Porque senão as coisas ficam mal feitas, e depois o conserto é muito mais caro do que você fazer bem feito da primeira vez.

Observa-se, a partir do excerto, que a formação e o conhecimento são demandas constantes para a profissional gestora Rose, que na tentativa de fazer o seu trabalho com excelência esteve sempre se atualizando e interagindo com novos conhecimentos. Percebe-se bem o quanto de performance e prática está associada à construção da identidade profissional (HALL, 2005; WOODWARD, 2014; SILVA, 2014).

Outra história interessante que Rose relata é sobre os motoristas dos carros escolares da Secretaria de Educação. Ela narra que um certo dia eles chegaram até ela e disseram que não iam mais levar os alunos no dia seguinte. Eles disseram: “Olha, a partir de amanhã a gente não tira mais os ônibus da garagem”. Ela relata que foi necessário entender o que estava acontecendo, e porque haviam chegado naquele extremo. Conseguiu convencê-los a trabalharem por quinze dias, enquanto se inteirava do assunto, pois era nova na Secretaria e necessitava identificar o que acontecia para poder tentar resolver. Após conhecer o que de fato havia e que não havia sido cumprido, levou o assunto ao conhecimento do prefeito e puderam resolver o caso, chamando os motoristas para conversar. Ela enuncia assim, essa experiência:

[...] um belo dia eles chegam na minha sala e dizem assim:

- Olha, a partir de amanhã a gente não tira mais os ônibus da garagem.
- Mas como assim? Vocês precisam transportar as crianças, como é que vai ser?

- Não, não, nós não vamos mais.
- Mas eu posso saber o que aconteceu?
- Prometeram que iam dar o aumento para gente, não deram o aumento. Estão enrolando, estão isso, estão aquilo.– Eu falei:
- Bom, mas foi eu que prometi?
- Não.
- Então se não, ...
- Ah não interessa, agora a senhora está aí. A senhora vai resolver o problema.
- OK! Eu vou resolver o problema, isso eu posso prometer a vocês, que eu vou dar um retorno para vocês pelo sim ou pelo não. Agora, eu não posso aceitar que amanhã vocês não vão buscar as crianças. Isso não. Isso eu não vou admitir, porque também vocês acham justo? Vocês vêm aqui, me trazem uma coisa que eu não sabia e me penalizam porque eu não fiz uma coisa que eu não sabia. Ah não. Então vamos acordar o seguinte: Vocês vão me dar quantos dias de prazo para resolver isso?
- Ah tá, então a gente vai dar 15 dias.
- Ok! Ótimo! Então todo mundo vai trabalhar que eu vou me inteirar o quê que aconteceu. Aí fui atrás verificar o que tinha acontecido. De fato, eles tinham razão naquilo que eles estavam cobrando. Aí levei a questão ao prefeito, enfim resolvemos. Chamamos os motoristas.

E assim, de maneira firme, ela deixa clara sua posição: “Está resolvido assim e que fique a lição que, quando a gente quer alguma coisa, a gente primeiro tem que informar as pessoas, e não dizer o que sabe; penalizá-las sem antes informar o quê que a gente quer”.

Ela diz que, a partir daquela situação, passou a encontrar com eles uma vez por mês, pois os motoristas, ao levarem os alunos, também são educadores quando estacionam num lugar indevido, por exemplo. E quando fazem de qualquer forma, por ser um carro da Secretaria de Educação, se transforma em tema de matéria jornalística e discussão. Portanto, aquilo que fazem também significa para as pessoas.

Torna-se evidente a preocupação dela para com os outros (motoristas, crianças, sociedade em geral) e com a educação. O exemplo também é um grande professor, e todos na sociedade têm papel importante, e não apenas o professor, no ato de educar.

Outros fatos foram muito marcantes em sua trajetória. Destes, a professora destaca o período em que esteve na gestão da Secretaria de Educação do município, no qual vivenciou dois incêndios na prefeitura. Foram momentos complicados e que tiveram de ser administrados para poder dar continuidade ao trabalho que vinha sendo feito.

Então os desafios se avolumam de uma forma impressionante, porque você perde a sua estrutura de gerenciamento naquele momento, e você fica sem o mínimo necessário para fazer o seu trabalho. Mesmo assim, você precisa manter o equilíbrio, você precisa manter as pessoas com tranquilidade, de que tudo vai dar certo.

Em 27 de maio de 2015, quando ocorreu o incêndio na prefeitura municipal de Criciúma, aconteceu uma situação que se pode chamar de inusitada, tendo em vista a quantidade de fogo e que tinha sido no lado em que se situava a Secretaria de Educação, segundo a professora Rose,

No primeiro episódio o fogo parou, praticamente uma parede antes de atingir a Secretaria de Educação, e no segundo episódio do incêndio, embora o fogo tenha sido na sala superior, a sala da Secretaria da Educação... [...] A Secretaria de Educação não perdeu uma folha de papel, o que se perdeu foi por conta da água, que molhou algumas coisas, para poder apagar o incêndio. Mas, nada assim de importante.

Ela mostra a foto do móvel e da florzinha que ficaram intactos após o incêndio, que segundo ela se tornou o símbolo da resistência, pois se o calor do fogo chegou a trincar uma viga de cimento, por que aquela flor resistiria? Mas resistiu. E diz: “Tinha ganho essa florzinha, um bambuzinho que eu ganhei de uma diretora. E esse móvel era um móvel de madeira antiga né. E essa flor ficava sempre lá, na minha sala”. Conforme se verifica na Figura 4:

Figura 3: Planta que sobreviveu ao incêndio e virou símbolo de resistência



Fonte: Acervo da professora Rose, 2019.

Na sequência, a professora Rose também apresenta uma foto mostrando o estado da viga (causado pelo calor) da Secretaria de Educação após o incêndio da prefeitura, mas de maneira milagrosa não queimou os documentos.

Figura 4: Viga da prefeitura municipal de Criciúma na Secretaria de Educação pós-incêndio.



Fonte: Acervo da professora Rose, 2019.

A partir das imagens trazidas pela professora e de suas lembranças evocadas sobre o incêndio na prefeitura de Criciúma, registra-se novamente a historicidade presente nas memórias da professora, por meio da qual suas memórias se mostram como um recorte histórico e fundem-se com a própria história de sua comunidade.

O próximo segmento busca dialogar com o percurso já delineado sobre a vida profissional da gestora e professora, indagando sobre a experiência dupla, docência e gestão.

4.2.7 Contribuições da experiência como professora para a gestora

A professora, em sua narrativa, ressignifica sua história e aponta que a vida na sala de aula enquanto professora é uma forma gestão. Isso porque é preciso, para o profissional professor, compreender e planejar o que vai ensinar, como ensinar para este ou aquele aluno, como gerenciar os conflitos em sala de aula etc. Observe-se um recorte da enunciação:

Com certeza, a primeira gestão que você precisa fazer é a gestão da tua sala de aula. O professor precisa fazer a gestão da sala de aula dele. E o que é a gestão da sala de aula? É saber, assim, como é que é a realidade do meu aluno, em que condição

está esse aluno, o que é preciso, o que é que aquele ali precisa. Em que momento eu tenho que trabalhar isso, em que momento eu tenho que chamar os pais. O trabalho que eu tenho que fazer, o conteúdo que eu tenho que ensinar. De que forma que eu vou fazer isso, quanto tempo eu vou gastar com isso. O que é que eu faço com aquilo que não deu tempo. Isso é gestão de sala de aula. A gestão do tempo de sala de aula, também. O professor precisa ter... Então, assim, ele precisa também trabalhar com resultados. Chega o final do ano, quantos conseguiram? Quantos não conseguiram? Por que não conseguiram? O que é que precisa ser feito com quem não conseguiu? Isso é gestão.

A partir do excerto, observa-se como o sujeito coleta as lembranças adquiridas em suas vivências e, a partir delas, vai ressignificando a sua história. A professora Rose compreende as inter-relações que existem em sua profissão e utiliza os conhecimentos de ambas as atividades de docente e gestor, para sua vida profissional e também pessoal. Assim ela cria uma narrativa de si, que é como se constrói a identidade (HALL, 2005; SILVA, 2014; WOODWARD, 2014).

A professora Rose faz uma reflexão sobre a sua vida pessoal, a função de professora e a gestora, conforme descrito a seguir:

A primeira gestão a gente tem que fazer na vida da gente, porque se o professor não... O professor normalmente ele é professor, ele é a mãe e ele é pai. Às vezes é pãe, né. As duas coisas. E ele precisa estar permanentemente se aperfeiçoando, então se ele não fizer a gestão pessoal da vida dele primeiro ele não vai ser um bom professor. Ele precisa gerir sua vida pessoal. E depois ele precisa gerir a sua sala de aula. E isso às vezes a gente não faz. Não sei, não consegue fazer. Então a condição não funciona. Eu não consigo ver a gestão separada de docência. Na minha cabeça não tem essa separação. Entende? É tudo uma coisa só. E sempre foi. Gerir o pedagógico para mim sempre teve muito, eh... eh... eh... sempre

esteve junto. É da atividade docente a gestão, só que em diferentes circunstâncias.

A partir do exposto, observa-se que as memórias trazidas estão impregnadas de reflexões sobre a profissional e sobre o ser humano no qual essas vivências e experiências foram se ressignificando e a transformaram e a constituíram, nessa profissional cidadã, mulher, professora, gestora e provavelmente, muitas outras multifaces, em conformidade com a formação de identidade discutida por Hall. Ela admite a indissolubilidade das atividades de professor e gestor. E reconhece também o caráter contínuo da formação do professor, bem de acordo com que Farias e Souza (2011) haviam pontuado.

Para corroborar o exposto, emerge o próximo recorte advindo da reflexão da professora Rose:

Mas não existe atividade humana sem gestão. É que a gente não para para pensar sobre isso. Mas o teu dia, ele tem de ser gerido. A tua semana tem de ser gerida. E o teu mês e o teu ano. E dentro disso vai entrar tudo que você precisa fazer, inclusive a gestão financeira. Então, assim, na minha cabeça, ela (a gestão) não tem divisão de gestão.... Isso aqui é gestão. Isso aqui para mim é uma coisa só. [...] Porque o que significa gerir? É você elencar claramente o que é prioridade. O que é que é mais importante? Porque senão, se você não define isso, tudo é importante. E quando tudo é importante, nada é importante, porque você não consegue executar nada.

Pode-se inferir com isso que, para a professora Rose, a gestão inicialmente passa pela vida pessoal, e aí se agrega a vida profissional, na qual o profissional de gestão precisa ter metas claras e buscar soluções razoáveis ao que se propõe. “Então, uma vez que a gente assumiu o compromisso, a gente tem que entender que a gente assumiu um compromisso e que esse compromisso precisa ser cumprido”.

Se eu não tenho as condições, eu preciso brigar por elas. Eu preciso exigir que essas condições venham, eu preciso fazer o meu melhor dentro daquilo que eu tenho eu vou fazer o meu melhor. Então, na Secretaria de Educação eu também

pensava sempre isso: “não tem, mas com o que a gente tem o que é que a gente pode fazer para ajudar a fazer o melhor?” Porque justificar é a coisa mais fácil que tem. Então, hoje é muito simples e muito fácil justificar tudo né!

Tanto o professor quanto o gestor precisam ser propositivos em suas funções. Não podem se deixar estagnar pelas circunstâncias ou pela inércia. Nesse sentido, ela critica as pessoas que negligenciam o seu fazer profissional enquanto educadores, e na sequência demonstra a preocupação e a tristeza com o que ocorre em algumas escolas públicas e com alguns educadores, conforme o relato:

E assim, me dá muita tristeza quando eu visito escolas públicas e que você sente que não tem aquele compromisso. Tem escolas que fazem um trabalho maravilhoso, mas tem escolas que infelizmente não sei bem o que é que se faz lá, né. Eu acho que gestão é algo de fundamental importância e, enquanto não se investir em gestão, nós não vamos sair dessa condição.

Observa-se, então, nesse questionamento, que a professora Rose possui uma visão mais crítica sobre o universo educacional que foi se amalgamando a partir de suas vivências e experiências e que reverberam nesse momento em suas memórias. Com vistas a esse olhar, é que emerge o próximo questionamento:

4.2.8 A Realização profissional docente

A professora relata que se sente realizada em sua vida profissional e de missão cumprida com seu trabalho enquanto gestora e professora.

Eu me sinto realizada e eu me sinto de missão cumprida. Eu assim... Eu sou – até não sei se a palavra é – orgulhosa. É eu não gosto muito disso, eu acho que satisfeita, né, com aquilo que e eu fiz durante a minha vida, né. Eu acho que a minha vida profissional ela foi muito bem aproveitada e eu tive também grandes oportunidades na vida. Eu tive a oportunidade de

conviver com gente, gente entusiasmada, com gente que sabia muito. Então eu me sinto uma pessoa – palavra correta é privilegiada – uma pessoa privilegiada no sentido profissional e também no sentido pessoal, né, porque a minha carreira ela foi se desenhando de um jeito que eu não planejei, assim, porque eu não planejava estar, por exemplo, eu nunca planejei ser diretora do Colégio Aplicação, eu nunca planejei ser diretora de graduação, eu nunca planejei ser pró-reitora. Não era uma coisa que eu vou trabalhar para que isso aconteça.

Em suas memórias, a professora Rose observa que sua vida profissional ocorreu de maneira espontânea, não foi algo planejado. As circunstâncias, as inter-relações pessoais e profissionais, os percursos que a vida lhe trouxe, a configuração de sua história de vida, todas essas coisas constituíram a profissional que se tornou. Assim, ela percebe que construiu uma carreira marcante e se sente privilegiada por isso. Não leva em conta apenas as escolhas pessoais, mas as oportunidades de experiência e aprendizado que teve ao longo da vida, as pessoas que conheceu e os lugares onde trabalhou.

Após esse relato da sua trajetória profissional, perguntei-a sobre, se olhasse do passado para a atualidade, o que essa profissional mudaria.

4.2.9 Sobre mudanças na atuação

Ao olhar para o passado, a partir das memórias evocadas, a professora Rose destaca e deixa transparecer as dificuldades nas relações, certas decepções que também foram ocorrendo ao longo do tempo. No decorrer de sua vida profissional, atuou de certa forma com ingenuidade, com muito idealismo, acreditando demais em todos, fato que parece haver mudado nos dias atuais. Parafraseando o poeta William Blake (1866), é a voz da experiência tomando o lugar que antes pertencia à inocência.

Se eu tivesse que fazer esse caminho de novo... Eu não sei... talvez eu fosse menos ingênua. Em determinados momentos da minha vida, eu fui ingênua. Eu dei o mesmo valor para pessoas que na verdade não estavam dentro do mesmo projeto. Eu considerava todo mundo igual. Eu não tinha

muito essa... esse *feeling* de perceber que as coisas não são assim, que as pessoas têm desejo de poder e que se elas puderem elas vão usar de qualquer estratégia para chegar lá. Como eu não pensava assim antes, eu achava que todo mundo pensava como eu. Então eu vivi algumas experiências, assim, que foram doloridas, mas que me ensinaram isso.

Nesse fragmento da sua entrevista, a professora Rose deixa transparecer seu lado emotivo, e percebem-se as dificuldades enfrentadas em relação aos sujeitos com quem se relacionou, pois pensavam e agiam de modo diferente dela ou tendo outras aspirações pessoais. Ficaram registros que agora mostram, diante dessa profissional gestora e professora, a mulher que, mesmo sendo muito forte, passou por momentos difíceis e de fragilidade, embora também de amadurecimento, pois o aprendizado parece passar invariavelmente pelas experiências mais difíceis e desconfortáveis. Tudo isso faz pensar sobre a condição humana, a fragilidade de nossos projetos e as tantas limitações que nos acompanham. Ela prossegue:

Assim né, meu pai forçava muito isso com a gente, não é? “A tua palavra precisa ter pernas”, “você precisa fazer andar a palavra”, então... Isso nem sempre acontece, as pessoas fazem discurso muito fácil. Prometem coisas que elas nunca vão cumprir; que elas nunca vão fazer, e também elas não têm nenhum respeito, no sentido de dizer, porque isso pode acontecer, né! De você eventualmente prometer ou se comprometer com alguma coisa que depois você não possa cumprir, mas no mínimo você tem que contar em respeito àquele ser humano que está ali e justificar para ele o que foi que aconteceu, e porque que você não fez.

Então, eu vejo que hoje é assim: o discurso é muito fácil, né! Mas as pessoas não querem de fato se comprometer com aquilo. Então, nesse sentido eu penso que hoje eu estou mais madura, a vida me trouxe aprendizado, mas eu não me penalizo, sabe. Eu não fico me penalizando, porque lá eu tinha a cabeça lá, então hoje eu

consigo compreender aquilo que eu passei lá dessa forma.

Ao observar o recorte do relato da professora, verifica-se a referência ao pai, novamente, o que parece indicar ser a figura paterna alguém muito marcante em sua constituição enquanto sujeito, a partir do qual transparecem valores axiológicos, éticos e ensinamentos que se manifestam por uma linguagem metafórica e cheia de significações e pelas quais se revelam as memórias da professora. Assim, a professora constata que naquele tempo histórico percorreu determinados caminhos porque precisava vivenciá-los, mas seu modo de pensar naquele momento era aquele, pois afirma: “hoje eu consigo compreender aquilo que eu passei lá dessa forma”.

A professora conclui que, como principal mudança, se ela pudesse voltar no tempo, então, seria isso, olhar com mais criticidade para as pessoas e ser um pouco menos ingênua nas relações profissionais e pessoais, talvez mais realista em relação aos seres humanos e seus projetos políticos pessoais.

Na verdade, à medida que você anda você aprende. Quando você olha para trás e diz: Olha, mas lá aconteceu isso, se eu tivesse tido uma postura diferente, né. Porque na verdade eu permiti que as pessoas fizessem isso. Na verdade, a gente permite pela falta de cobrança. Então, eu mudaria isso, talvez... Daqui para frente eu teria esse olhar mais crítico em relação a essas coisas, né!

Conforme vão surgindo as necessidades de adaptações, o ser humano, em seu processo de construção identitária, está sempre se revendo, se reinventando, se renovando e buscando novas formas de se inserir em seu grupo e na sociedade, ou seja, está sempre em constante transformação.

4.3 SOBRE AS MEMÓRIAS REVIVIDAS

O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister. Ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar vem da experiência; sua lição ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador.

(BOSI, 1998, p. 91.)

As memórias das professoras parecem confirmar aquilo que Bosi (1998, p. 480) propôs sobre a memória de trabalho: “ao recordar do trabalho investirá numa carga de significação e valor mais forte do que quando realizou aquela ação”; pois “quanto mais a memória revive o trabalho que se fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício”.

As histórias narradas estão cheias de paixão pela profissão, de orgulho pelos desafios enfrentados e vencidos, de respeito aos colegas e a si próprio, de reflexão sobre a prática realizada, de sentimentos de pertencimento ao grupo, de identificação com os colegas de profissão, de sentimento de dever cumprido. E ainda demonstra a constante construção do indivíduo em sua trajetória e identidade profissional, haja vista que, conforme Bosi (1998, p. 481), “a memória do trabalho é o sentido e a justificação de toda uma biografia”.

As professoras têm algumas semelhanças em suas narrativas, bem como algumas diferenças, tendo em vista que são pessoas distintas, com ideias próprias e pensamentos individuais que as constituem enquanto indivíduos. E, durante a pesquisa, pôde-se identificar algumas similaridades e diferenças.

A professora Vera trouxe os objetos que a descreviam em sua trajetória profissional e sua trajetória de vida, tendo em vista que não são coisas separadas, apesar de distintas. Os objetos foram trazidos para

auxiliar em suas lembranças e assim, narrar as suas memórias. Bosi (2001, p. 441) argumenta que,

São esses os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com seu possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa mundi do viajante. Cada um desses objetos representa uma experiência vivida.

Por sua vez, a professora Rose fez outro uso de seus objetos, que no caso foram as imagens mostradas do incêndio na prefeitura de Criciúma, cujas fotos serviram para comprovar o fato ocorrido, para validar o seu registro de memória. Bosi (2001) esclarece que a lembrança dos lugares, dos espaços, é um dos apoiadores da memória. As pedras das ruas, os sons, as construções, as pessoas, todas as sensações evocadas auxiliam no lembrar, no significar os acontecimentos do passado vivido.

Apesar de terem visões semelhantes sobre o que é ser professor e concluir que o objetivo de sua profissão é ensinar, fazer o aluno aprender aquilo que é oferecido a ele, em termos de educação escolar, nas narrativas verificam-se atitudes particulares nos modos de agir, como no caso da professora Vera, que chegava a levar os alunos para casa para poder melhor ensiná-los.

Ela conta que, quando começou a dar aula, “fui dar aula na Boa Vista, e ali era assim bem precário naquela época né”. É que havia crianças com muitas dificuldades; além da compreensão, havia dificuldades financeiras. Como havia levado roupas e calçados para eles, ela conta que “eles faziam assim: como eles eram em três, cada um vinha um dia, só tinha um sapato, então um vinha pra aula um dia, o outro ficava em casa quando era muito frio. Daí, no outro dia, aquele que veio faltou e outro ficou. Quer dizer, eles se revezavam por causa de um par de sapato”. Ela revela que não recordava essa situação, mas

Um dia eu recebi um telefonema de uma professora que ela mora em Capivari de Baixo. Daí, ela começou a conversar comigo e me dizendo que ela tinha sido minha aluna na quarta série lá no colégio Lindolfo Collor, na Boa Vista, e que, graças ao que eu tinha feito por ela e pelos irmãos dela, eles puderam continuar e ela fez faculdade, tudo, e me mandou dois livros que ela já tinha escrito.

Para ela, o caminho do educador “é além do ensinar por ensinar”. E acrescenta que sempre foi assim, que continuou assim e que não pode

ver ninguém com dificuldades que se mobiliza ou mobiliza alguém para atender. Percebe-se, nesse caso, que “a memória vem acompanhada de uma valorização do trabalho evocado” (BOSI, 1998, p. 480).

Uma diferença encontrada entre as duas professoras é que a professora Vera sempre quis ser professora. Desde criança queria ensinar e seguiu o caminho, desde o ensino fundamental. Chegou a ser rondonista em 1970, em Pernambuco (RN). A professora Rose, porém, não queria ser professora, queria ser engenheira agrônoma. Entretanto, desde o primeiro trabalho na Acaresc, sua atuação já era de educadora. E em sua atuação na Fucabem também foi como educadora. Exceto na ocasião em que tentou ser vendedora e não se encontrou na profissão, sempre esteve na atividade docente. Ou seja, apesar de sonhos e inícios diferentes na profissão, as professoras expressam que durante a atuação profissional, sempre atuaram conjuntamente na docência e na gestão. Nunca deixaram de ser professoras.

A transição da docência para a gestão não foi programada. Aconteceu de modo imprevisto para as duas professoras. Ambas disseram não ter filiação a partidos políticos, porém isso não significa que não tivessem posicionamentos e atitudes políticas, principalmente em seus grupos e individualmente. Afinal, esta é uma questão muito subjetiva. Entretanto, em suas narrativas, expõem que foram indicações técnicas as que as levaram aos cargos de gestão. Foi principalmente por sua competência técnica e o conhecimento de pessoas que as indicaram.

Para Halbwachs, cada memória individual, é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém a ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. Como transmitimos a nossos filhos o que foi a outra cidade, soterrada embaixo da atual, se não existem mais as velhas casas, as árvores, os muros e os rios de outrora? (BOSI, 1998, p. 413)

A professora Vera e a professora Rose tiveram experiências individuais em sua trajetórias, mas a partir de seus relatos verifica-se

que foram gestoras resolutivas e preocupadas com seus colegas, pelo fato de compreenderem a atividade deles. Contudo, na narrativa, a experiência escolhida para ser narrada pela professora Vera foi a da Secretaria de Ação Social, tendo em vista que teve de buscar ajuda da sociedade para tentar sanar uma dificuldade de uma comunidade carente. A professora Rose, entretanto, lembra e relata casos da Secretaria de Educação, pois afinal teve de enfrentar situações difíceis de serem esquecidas, como o caso dos motoristas, a crise das merendas e o incêndio ocorrido na prefeitura municipal de Criciúma, na época de sua atuação no cargo de secretária da educação. Nesse sentido, vale trazer as contribuições de Bosí, que esclarece:

Chama-nos a atenção com igual força a sucessão de etapas da memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas. As festas de que toda a família participa, como natal são mais recordadas do que as que tem importância mais individual: formaturas e aniversários. (BOSI, 1998, p. 415)

Durante a trajetória das professoras, as mudanças foram acontecendo, afinal foram muitos anos atuando e, com isso, puderam vivenciar desde a mudança de legislação na educação, mudança de atividades a mudanças políticas, as quais influenciaram em seu fazer e em suas atividades. Perceberam as mudanças ocorridas na cidade e em seu entorno, bem como o crescimento da região e tiveram a sua influência na educação da cidade e da região. Cada uma trabalhou em uma gestão diferente na prefeitura, por exemplo. Foram gestoras em cargos semelhantes, apesar disso. E puderam deixar sua experiência como legado e o respeito daqueles que trabalharam junto a elas. Relatam seus desafios com o sentimento de que fizeram o melhor que lhes foi possível, apesar das limitações existentes. E evidenciam que sempre priorizaram o ser humano, o profissional que estava ali, colaborando para o funcionamento daquela engrenagem dar certo. E nesse sentido, não têm arrependimentos. O colocar-se no lugar do outro, conversar, aproximar, são características mencionadas como utilizadas para poderem realizar melhor o trabalho. E, portanto, sentem-se realizadas. Além disso, também é muito importante enfatizar que mulher na gestão pública é minoria e, por isso, as dificuldades ainda podem ser maiores

do que para os homens. Chauí, na introdução do livro de Bosi (1994, p. 19-20), comenta que “esta sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário, mas todo trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista”.

BOSI (2001, p. 451) afirma que “há algo na disposição espacial que torna inteligível nossa posição no mundo, nossa ligação com a natureza. Este relacionamento cria vínculos que as mudanças abalam, mas que persistem em nós, como uma carência”.

Se pudessem, mudariam alguma coisa? A professora Vera diz que não, que fez o melhor sempre. A professora Rose, entretanto, diz que seria menos ingênua e que “na verdade, à medida que você anda você aprende. E quando você olha para trás e diz: “Olha, mas lá aconteceu isso. Se eu tivesse tido uma postura diferente né”. De qualquer modo, o que fica de sua narrativa ela sintetiza no final da entrevista: “O trabalho, para mim, tem sinônimo de amor”.

Ao olharem para trás, as entrevistadas parecem concordar com a fala de Chauí (1994, p.20) de que “os recordadores são no presente, trabalhadores, pois lembrar não é reviver, mas re-fazer [...] É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reparição do feito e doído, não sua mera repetição”.

A professora Vera trouxe um estojo de professor, para doar ao Programa de Mestrado em Educação da Unesc, contendo um apagador e uma caneta marca-texto, na perspectiva de que seja exposto em museu e para que possa constar da memória da educação da região. Essas proposições corroboram com o que sustenta Bosi (2001, p. 466), que verificou em seus estudos que a memória, ao resgatar as lembranças do trabalho, realiza uma fusão entre o trabalho e a própria substância de vida.

A jornada dessas professoras não foi passiva, ambas militaram em suas atividades profissionais de uma forma diferente daquela vivida pela professora Derlei de Luca, mas não por isso menos importante. Quantas professoras, mulheres, mães, trabalhadoras lutam todos os dias por pequenas e Grandes Coisas? Algumas poucas têm o privilégio de serem lembradas, mas a maioria delas é só uma na multidão, sem voz, esquecida. A luta diária dessas mulheres, entretanto, é que faz que alguma coisa aconteça, que a escola funcione, que a educação evolua, que a sociedade siga adiante, e tenho certeza de que, como nossas pesquisadas, elas também têm a sensação do dever cumprido, com menos ou mais dificuldade, mas cumprido.

Professora Vera percebeu a necessidade de partilhar, ao ver que seu aluno, ou que as crianças, no caso da Secretaria de Ação Social, necessitavam de coisas materiais para continuar na escola ou para sobreviver. Sabedora de que as finanças daquelas crianças não dariam conta de tudo isso, solicitou ajuda e compartilhou. Isso também parece um tipo de militância, uma militância que busca fazer algo dentro do que está ao seu alcance, dentro da sua possibilidade. Com certeza não ficou passiva diante daquilo que observou.

A professora Rose também não se estagnou em suas realizações. Procurou ajuda para mudar a escola de lugar no bairro Santa Luzia. Mesmo não conseguindo, teve uma atitude positiva e fez até um abaixo-assinado. Também convenceu as mães, pais, a comunidade da Boa Vista de que o CEE era uma estrutura melhor e que todos ganhariam tendo-a em sua região. Isso também é um tipo de militância por uma educação de qualidade e transformação social.

As professoras entrevistadas demonstraram que a atividade docente, enquanto profissão, tem suas dificuldades, mas tem resultados positivos e, por isso, é muito gratificante. Como gestoras, perceberam os desafios que se apresentam para quem faz a gestão, no sentido de proporcionar a todos o melhor, não somente aos professores, mas principalmente aos estudantes e à comunidade escolar, pois o que for feito se refletirá no trabalho da equipe escolar, mas principalmente no futuro daqueles estudantes, daquela comunidade, enfim, da sociedade. Ou seja, tudo o que fizerem, independentemente do lugar que ocupam, vai afetar as pessoas, inclusive elas próprias, pois são seres humanos, e como tais, estão sempre em construção.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faria e Souza (2011, p. 36) constataram que a compreensão dos estudos feitos sobre a identidade e a formação docente “pode trazer contribuições ao campo da formação e, em consequência, à educação escolar”. É nesse sentido que este trabalho foi desenvolvido no intuito de auxiliar a enxergar, sob um recorte, o que ocorreu na educação da região sul de Santa Catarina, sob a perspectiva de vida profissional de duas professoras. Trata-se de um trabalho qualitativo, portanto as generalizações não são possíveis. O interesse aqui foi o de conhecer o relato, as experiências e as memórias de duas professoras de nossa região e, a partir daí, produzir uma reflexão sobre memória e identidade profissional de professoras.

As professoras Rose Reynaud Mayr e Vera Maria Silvestre Cruz, participantes desta pesquisa, são duas personalidades marcantes e singulares, que contribuíram significativamente com o fazer pedagógico em sua comunidade, e de algum modo, enquanto gestoras ou docentes, contribuíram para a construção da história da nossa região, principalmente no contexto educacional, histórias recheadas de valores axiológicos sólidos e éticos, que se ficaram muito evidentes nas narrativas das memórias das professoras entrevistadas.

As trajetórias são diferentes, mas com similaridades que ocorrem dentro de um mesmo tempo histórico e que se entrecruzam em algum momento no contexto profissional. Suas trajetórias se mostraram tão marcantes e trouxeram memórias sobre fatos e acontecimentos que impactaram a comunidade das professoras; como nas memórias da professora Rose sobre a construção do CEI do bairro Boa Vista e sobre os incêndios que ocorreram na prefeitura municipal de Criciúma; e as memórias da professora Vera em relação à situação de auxílio para as crianças que necessitavam de leite e as famílias que foram ajudadas pela iniciativa privada em um projeto em parceria com a prefeitura municipal de Criciúma.

Suas memórias trouxeram reflexões sobre o papel do professor e sua importância na sociedade atual, mostrando vivências e lembranças de fatos que ocorreram lá no passado histórico, em um tempo de transformações teóricas sobre o pensar a educação, mudanças na legislação, elaboração de documentos, o repensar da prática docente, até a efetivação dessas mudanças já no século XXI e suas reverberações atuais.

Assim, como resposta à questão norteadora que buscou delinear como ocorreu a trajetória profissional das professoras na transição entre a identidade docente e a atuação na gestão da educação, constatou-se que a trajetória profissional de ambas se deu de maneira espontânea, gradativa e sem um planejamento que determinasse uma meta futura, como quem dissesse “agora sou docente”, “agora sou professora”. No caso da professora Rose, isso nem sequer estava em seus planos iniciais, mas foi se encaminhando nessa direção ao longo da sua história de vida.

Além disso, percebeu-se também que a atividade de gestão está intrinsecamente ligada à atividade de docência, pois o professor é um gestor da sala de aula e, antes disso, um gestor de sua própria vida pessoal. Nas duas entrevistadas ficou evidente a dificuldade de separar uma coisa da outra, até porque a gestão é uma das atividades eventualmente desempenhadas pela pessoa que se torna professora, seja o gerenciamento de um projeto, de uma classe de alunos, de uma biblioteca ou de um setor qualquer da escola.

As professoras destacaram que não planejaram mudança para a atuação na gestão, ela ocorreu sempre a partir de convites de terceiros. As professoras não fizeram qualquer planejamento prévio antes de tomarem decisão de participarem em seus respectivos trabalhos de gestão, mas isso foi algo feito posteriormente, a partir do contato com a realidade das instituições em que trabalharam. O que aconteceu em suas vidas como gestoras teve forte vínculo em suas práticas como educadoras, a partir de suas próprias experiências, ações e relações, e sem envolvimento com partidos políticos.

Dessa forma, a construção da identidade docente e da identidade profissional de gestora foi se dando a partir das vivências, experiências e no decorrer do tempo histórico, de modo que ambas as pesquisadas se constituem como docentes e gestoras e com a percepção de que não se pode dissociar essas identidades profissionais, pois ambas se complementam.

A partir desses expostos, considera-se alcançado o objetivo geral proposto, que buscou compreender como ocorreu a trajetória profissional das professoras pesquisadas na transição entre a identidade docente e a atuação na gestão da educação, a partir dos relatos de suas memórias. Observou-se, a partir das entrevistas, que a identidade profissional de ambas, seja na docência, seja na gestão, esteve permeada pela postura do olhar para o outro e contribuir para sua formação enquanto aluno e enquanto cidadão, a partir de relações de alteridade, entendendo que é a partir do outro que se constroem e se constituem

profissionalmente e como pessoas, e que foi assim que suas identidades profissionais se formaram e as fazem ser quem são. Ambas as professoras também revelaram íntimo e pleno contato com a sociedade, com a comunidade escolar e com a comunidade mais ampla, no município, nos vários subúrbios da cidade.

Alguma informação sobre as histórias narradas pode ter ficado guardada na memória, ou pode ter sido revelada sem detalhamento pelas pesquisadas, ou por escolhas delas; contudo, aquilo que foi narrado, foi revelado com os olhos brilhando, com a emoção, com o orgulho de ter feito, de ter sido a autora de sua própria história. Como sabemos, o esquecer é também parte do exercício da memória, que precisa ser seletiva, que ressignifica lembranças do passado e que simplesmente relewa incidentes considerados menos importantes ou até mesmo contraproducentes no ato de narrar.

Os objetivos específicos serviram para encontrar um caminho analítico, no qual se pôde verificar se, a partir das narrativas de memória, a experiência como professora contribuiu significativamente para a atuação na gestão em educação, e constatou-se que ambas as atividades estão imbricadas para essas professoras. Isso porque, enquanto gestoras, não há uma mudança relevante na identidade em relação à profissão de professor, pois são papéis sociais amplos, mas que estão inter-relacionados, lidam com pessoas, desempenham atividades formativas, educativas em sentido mais amplo e servem ao bem comum, à sociedade.

A partir das narrativas de memórias trazidas nas entrevistas, observaram-se diferenças no percurso percorrido por cada uma delas, singularidades e experiências diferentes, tanto na docência quanto nos processos de gestão e que delinearam experiências múltiplas e diferentes para ambas. Considerando que o ser humano é único e individual, as experiências vividas, mesmo sendo em contextos similares e no mesmo tempo histórico, foram percebidas de maneira particular, pois ambas possuem suas próprias referências constitutivas de identidade e, apesar de serem de um mesmo grupo – o de professor –, têm sua própria identidade, que é múltipla – professora, gestora, mãe, mulher, entre outras, e essa identidade está em constante transformação.

Como similaridades, observou-se, a partir das narrativas, que ambas são mulheres muito fortes e que demonstraram uma capacidade de adaptação e de aprendizagem para as funções que desempenharam de maneira muito dinâmica. Ambas as entrevistadas perpassam pela escola na docência e pela gestão escolar, inclusive coincidindo alguns locais de

trabalho como: o Colégio Michel, a UNESCO e a Secretaria de Educação da prefeitura municipal de Criciúma, embora em tempos distintos, mas com algum contato entre ambas. Também se evidenciou que a determinação e o compromisso com o outro é fator fundamental para qualquer professor ou professor gestor.

A partir das proposições presentes nesta pesquisa, espera-se contribuir com a história da educação da região, bem como deixar o registro da trajetória dessas duas profissionais que tanto realizaram no contexto educacional e que continuam possuindo grande influência no pensar sobre a educação em sua região e no município de Criciúma.

Finalizando, destaca-se que as narrativas de memória aqui apresentadas exteriorizam a voz e o verbo das vivências e experiências de tão importantes personalidades do nosso universo educacional e que, por isso, poderão trazer subsídios para pesquisas de aspectos sociais, culturais, educacionais, além de preservar a memória da educação e do fazer docente, por meio dos fatos narrados, disponibilizando aos leitores posteriores do trabalho, o acesso a aspectos da vida e do fazer docente, utilizados e vividos no passado em nossa região, para poder interpretar o presente.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. 3. ed. Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BLAKE, William. **Songs of Innocence and Experience**. London: Basil Montagu Pickering, 1860.
- BOHNEN, Teresinha Bohnen. **A Jornada do Herói: a narrativa autobiográfica na construção da identidade profissional de professor**. 2011. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO).
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 484 p.
- BRANDÃO, Marlúcia. O que os professores esperam de um gestor. Julho de 2019. **Revista Gestão Escolar - Online**. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2199/o-que-os-professores-esperam-de-um-gestor> Acesso em julho de 2019.
- BRASIL. INEP. **Melhoria do fluxo escolar reduz classes de aceleração**. Assessoria de Imprensa do Inep. Disponível em: http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/melhoria-do-fluxo-escolar-reduz-classes-de-aceleracao/21206 Acesso em novembro de 2019.
- CAMARGO, M.R.R.M. (org.); SANTOS, V.C.C. **Leitura e escrita como espaços autobiográficos de formação** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p.
- CANDIOTTO, Viviane Maria. **A Construção identitária dos professores de dança clássica: um estudo sobre três artistas educadores**. 2016. Dissertação de Mestrado – PPGE da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), Criciúma (SC).
- CAVALIERE, Cássia Magalhães da Silva. **A constituição da identidade profissional docente em contexto de diversidade:**

reescrevendo histórias de vida. 2009. Dissertação de Mestrado em Educação no PPGE da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora (MG).

CHUFFI, Fernanda Aleixo. **Identidade(s) docente(s), o sujeito-professor e suas escol(h)as: memórias, dizeres e fazeres de uma prática pedagógica.** 2016. Dissertação de Mestrado em Educação – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Unidade da USP, Ribeirão Preto (SP).

CUNHA, M.I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** v. 23, n.1-2, São Paulo, jan./dez. 1997.

DIAS, Leandro de Bona. **“Que raio de professoras são essas?”: a representação da identidade docente nas obras de Fanny Abramovich e Ziraldo.** 2017. Dissertação de Mestrado – PPGE da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), Criciúma (SC).

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.) [online]. v. 15, n. 1, p. 35-42, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** O nascimento das prisões. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANÇA, L.H.F. Preparação para a aposentadoria: desafios a enfrentar. In: R.P. Veras (ed.). **Terceira Idade: alternativas para uma sociedade em transição.** Rio de Janeiro, BR: Editora Relume-Dumará/UERJ, 1999. p. 11-34.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente.** Pelotas: Seiva, 2005. 304 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GRAZZIOTIN, L.S.S.; ALMEIDA, Dóris Bitencourt. **Romagem do Tempo e Recantos da Memória: reflexões metodológicas sobre História Oral**. 1. ed. São Leopoldo: Oikos Editora, 2012. 112 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

HOLLY, Mary Louise. Investigando a vida profissional dos professores: Diários biográficos. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1995. p. 79-110.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à internet**. Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. **Memória e Identidade Social da Formação Docente em Rio de Contas-BA, nas décadas de 1920 a 1960: reminiscências das educadoras e educadores da Cátedra à Universidade**. 2016. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista (BA).

MINAYO, M. C. S. de. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

NERY, Olívia Silva. Objeto, memória e afeto: uma reflexão. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 10, n. 17, jul./dez. 2017.

OTTO, Clarícia. **Nos rastros da Memória**. 1. ed. Florianópolis: NUP/SED/UFSC, 2012.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **Rev. História Oral**. V.3, 2000, p. 117-27.

PERES, Lucia Maria Vaz, BRANDÃO, Claudia Mariza Mattos. A fotografia como GRAPHIAS de memórias: das professoras em nós... In: FERREIRA, Marcia Ondina Vieira; FISCHER, Beatriz T. Daudt,

PERES, Lucia Maria Vaz (org.). **Memórias docentes: abordagens teórico metodológicas e experiências de investigação**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

RADVANY, João. **Tratando de memória e das causas do esquecimento: sintomas, cuidados, tratamento, hábitos saudáveis**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 11. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013. 237 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014. 133 p.

SILVA, D.P. da. CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2011, 219 p. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 1, n. 1, p. 101-104, 22 fev. 2017.

TORQUATO, C. M.; CABRAL, G. S. . O Pacto autobiográfico no livro 'No corpo e na Alma de Derlei Catarina De Luca. **Anais do III Congresso Ibero-Americano de Humanidades, Ciências e Educação**. Criciúma: Unesc, 2018. v. 03. p. 12-23.

WEIDUSCHADT, Patrícia; FISCHER, Beatriz T. Daudt. História oral e memória: Aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: Marcia Ondina Vieira Ferreira, Beatriz T. Daudt Fischer, Lucia Maria Vaz Peres (org.). **Memórias docentes: abordagens teórico metodológicas e experiências de investigação**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 14. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014. p. 7-79.

APÊNDICE

APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Título da Pesquisa: IDENTIDADES EM TRANSIÇÃO: DA DOCÊNCIA À GESTÃO

Objetivo: compreender como ocorreu a trajetória profissional das professoras pesquisadas na transição entre a identidade docente e a atuação na gestão da educação, a partir dos relatos de suas memórias.

Período da coleta de dados: 11/09/2019

Tempo estimado para cada coleta: 2 Horas

Local da coleta: na sala três da biblioteca da Universidade - UNESC

Pesquisador/Orientador: Gladir da Silva Cabral

Pesquisador/Acadêmico: Clarita Maria Torquato

Programa de Pós-graduação Stricto sensu em Educação – PPGE//UNESC

Como convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa acima intitulada e aceitando participar do estudo, declaro que:

Fui plenamente esclarecido/a de que participando deste projeto, estarei participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos verificar como se construiu a identidade profissional dos pesquisados, por meio de memórias e da imaginação. Embora venha a aceitar a participar dessa pesquisa, estou garantido poderei desistir a qualquer momento bastando para isso informar minha decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa.

Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro não terei direito a nenhuma remuneração.

Fui informada/o de que haja qualquer risco ou prejuízos por participar da pesquisa. Os dados referentes serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que poderei solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados realizada pela Mestranda Clarita Maria Torquato (fone: 48-99617 8046) mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto sensu em Educação – PPGE//UNESC e orientada pelo professor Gladir da Silva Cabral.

Criciúma (SC), 11 de setembro de 2019.

Nome do participante: **Vera Maria Silvestri Cruz**

Assinatura do participante: _____

Vera Maria Silvestri Cruz

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Título da Pesquisa: IDENTIDADE PROFISSIONAL E MEMÓRIA DE PROFESSORES DA REGIÃO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Objetivo: Compreender como foi construída a identidade profissional das professoras pesquisadas na transição entre a atividade docente e a atuação na gestão da educação.

Período da coleta de dados: 11/09/2019 a 23/09/2019

Tempo estimado para cada coleta: + ou - 4 horas

Local da coleta: sala de estudos da Biblioteca Eurico Back da Unesc

Pesquisador/Orientador: Gladir da Silva Cabral

Pesquisador/Acadêmico: Clarita Maria Torquato

Telefone: 996178046

Programa de Pós-graduação Stricto sensu em Educação – PPGE//UNESC

Como convidado(a) para participar voluntariamente da pesquisa acima intitulada e aceitando participar do estudo, declaro que:

Fui plenamente esclarecido/a de que participando deste projeto, estarei participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos verificar como se construiu a identidade profissional dos pesquisados, por meio de memórias e da imaginação. Embora venha a aceitar a participar dessa pesquisa, estou garantido poderei desistir a qualquer momento bastando para isso informar minha decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa.

Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro não terei direito a nenhuma remuneração.

Fui informada/o de que haja qualquer risco ou prejuízos por participar da pesquisa. Os dados referentes serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que poderei solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela Mestranda Clarita Maria Torquato (fone: 48-99617 8046) mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto sensu em Educação – PPGE//UNESC e orientada pelo professor Gladir da Silva Cabral

Criciúma (SC), 13 de setembro de 2019.

Nome do participante: Rose Margareth Reynaud Mayr

Assinatura do participante: Mayr

Obs.: o nome do trabalho foi alterado posteriormente.